

LUANA GERÇOSSIMO OLIVEIRA

**A VOZ DOS SILENCIADOS: ANALISANDO A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DOS
RECUPERANDOS DA ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AOS
CONDENADOS – APAC - VIÇOSA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2012

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

O48v
2012

Oliveira, Luana Gerçossimo, 1986-

A voz dos silenciados: analisando a construção de identidade dos recuperandos da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados – APAC – Viçosa / Luana Gerçossimo Oliveira. – Viçosa, MG, 2012.
viii, 113f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui anexos.

Orientador: Maria Carmen Aires Gomes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 111-113

1. Análise do discurso. 2. Análise do discurso narrativo.
3. Identidade. 4. Criminosos. 5. Prisão (Direito).
6. Associação de Proteção e Assistência aos Condenados.
I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

CDD 22. ed. 401.41

LUANA GERÇOSSIMO OLIVEIRA

**A VOZ DOS SILENCIADOS: ANALISANDO A CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADE DOS RECUPERANDOS DA ASSOCIAÇÃO DE
PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS – APAC - VIÇOSA**

Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das
exigências do programa de Pós-
Graduação em Letras, para obtenção do
título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 19 de março de 2012.



Leila Barbara



Maria de Fátima Lopes



Maria Carmen Aires Gomes
(Orientadora)

Dedico este trabalho à minha família, mas, especialmente, ao meu pai, que sempre me mostrou que devemos ir além. Dedico também a todos que, por algum motivo, são silenciados e precisam de alguém para intervir por eles, para ser suas vozes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos recuperandos do regime fechado da APAC Viçosa que me acolheram tão bem e concordaram em participar das minhas oficinas, depositando confiança em mim. Foi uma experiência inesquecível e um aprendizado enorme. Como já os disse, entrei uma Luana e saí outra, com um olhar muito mais humano e valorizando ainda mais as coisas “simples” da vida.

Não poderia deixar de agradecer, também, à APAC Viçosa por me permitir desenvolver o trabalho com os recuperandos. Em especial, ao Luciano Machado pela instrução e material que me emprestou, e ao Thuan Bigonha de Carvalho, por estar sempre presente e disposto a ajudar.

Ao meu amigo Fernando Chálabi, pois talvez sem ele não soubesse até hoje da existência da APAC.

Ao Thales Donato, pela ajuda com os termos jurídicos.

Ao meu pai Firmo, à minha mãe Rosenira, e às minhas irmãs Luma e Luíza. Obrigada pelo amor, pela força e pela união. Vocês foram, são e sempre serão meu alicerce, aconteça o que acontecer.

Ao meu tio Vitor Feitosa, pelo interesse em minha pesquisa, pelas conversas e pelo incentivo.

Aos meus amigos que sempre se orgulharam de mim, me apoiaram e ajudaram com a divulgação do blog ou respondendo às cartas dos recuperandos. Em especial ao Thiago Moyano e a Relines Abreu, pela amizade, cumplicidade, carinho e preocupação nestes sete anos que nos conhecemos.

A todos que acessaram meu blog e reservaram um tempinho para ler as estórias dos recuperandos.

As equipes da TV Viçosa, do site de notícias da UFV e do jornal Hoje em Dia, que foram fundamentais para a divulgação do Blog dos Recuperandos.

À Prof.^a Dra. Maria Carmen Aires Gomes, pela orientação, paciência e compreensão. Por saber mesclar o papel de orientador de exigir com um aspecto mais humano, sabendo respeitar nosso tempo, nossos sentimentos, tendo a consciência, que muitos não têm, de que há coisas mais importantes que qualquer pesquisa acadêmica.

À Adriana, que sempre me atendeu prontamente com um sorriso no rosto, tornando mais leves os processos burocráticos.

À Prof.^a Mônica Melo, pelas contribuições dadas durante a apresentação do seminário.

Desde já, agradeço, também, aos membros da banca Prof.^a Leila e Prof.^a Fatinha pelo tempo reservado para a leitura deste trabalho e pelas considerações acerca do mesmo.

Muito obrigada a todos vocês. Toda contribuição, por menor que seja, é sempre bem vinda.

“(...) de presos nós não entendíamos nada. Quem não passou pela experiência de viver atrás das grades ou se esquivou da humildade de aprender com os presos ficará sempre na condição de teórico, estará sempre distante da realidade. Ou se conhece convivendo, ou se vive especulando” (OTTOBONI, 2006, p.27).

SUMÁRIO

| | |
|--|-------------|
| RESUMO..... | vii |
| ABSTRACT..... | viii |
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 1. ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA | 5 |
| 1.1. SIGNIFICADO ACIONAL | 13 |
| 1.2. SIGNIFICADO REPRESENTACIONAL | 14 |
| 1.3. SIGNIFICADO IDENTIFICACIONAL | 17 |
| 2. DOS SUPLÍCIOS A PRISÃO: UM BREVE HISTÓRICO DO SISTEMA DE PUNIÇÃO | 22 |
| 2.1. O SISTEMA PRISIONAL NO BRASIL | 30 |
| 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 36 |
| 3.1. CONTEXTO E PARTICIPANTES | 36 |
| 3.2. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS | 39 |
| 3.3. CATEGORIAS DE ANÁLISE | 41 |
| 3.4. FASES DA PESQUISA | 43 |
| 4. ANÁLISE DE DADOS | 45 |
| 4.1. QUEM SOU EU? | 45 |
| 4.2. QUEM É ELE? | 68 |
| 4.3. TRAJETÓRIA | 87 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 106 |
| REFERÊNCIAS | 111 |
| ANEXOS | |

RESUMO

OLIVEIRA, Luana Gerçossimo. M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2012. **A VOZ DOS SILENCIADOS: analisando a identidade dos recuperandos do regime fechado da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados – APAC – Viçosa.** Orientadora: Maria Carmen Aires Gomes.

Esta pesquisa buscou discutir a construção de identidades dos recuperandos do regime fechado da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados de Viçosa enquanto condenados em fase de real e efetiva recuperação. Para tanto, buscou-se analisar como os recuperandos constroem suas identidades tomando por base as narrativas escritas por eles. Analisou-se ainda os interdiscursos ali construídos. O corpus foi constituído de vinte e uma (21) narrativas, produzidas de forma voluntária, durante as oficinas de produção de textos ministradas pela própria pesquisadora. Este estudo levou em conta não só os pressupostos teórico-metodológicos dos estudos discursivos críticos (Fairclough, 2001, 2003), mas também reflexões e discussões em torno do conceito de identidade (Hall, 2002; Bauman, 2005; Moita Lopes, 2008; Pennycook, 2008) além dos estudos acerca da repressão e punição no cumprimento das penas (Foucault, 2010; Kloch e Motta, 2008). Como resultados gerais, observamos que os recuperandos não se colocam como vítimas, mas como responsáveis pelos seus próprios atos e suas consequências. Além disso, representam a prisão como um espaço benéfico, isto é, como uma oportunidade de mudar de vida, tornando-os pessoas melhores. No que diz respeito à identidade dos recuperandos, em algumas narrativas, observa-se a fluidez, já em outras, fragmentação identitária. Algumas identidades encontradas se resvalam para um campo semântico negativo: assassino, traficante, bicho selvagem. Embora se reconstruam desta forma, os recuperandos ainda se constituem como sujeitos reflexivos, pois se mostram abertos à transformação seja pela percepção que tem dos crimes cometidos, seja pelo discurso onipresente da APAC.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Luana Gerçossimo. M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2012. **THE VOICE OF SILENT PEOPLE: analyzing the constitutions of identity of the interns from the Assistance and Protection Association of the Convicted in Viçosa.** Adviser: Maria Carmen Aires Gomes.

This research has aimed at discussing the constitution of identity among the interns from the Assistance and Protection Association of the Convicted in Viçosa (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados de Viçosa – APAC), in real and effective process of rehabilitation. In order to do so, we have analyzed how these subjects build their own “self”, starting from narratives they had written themselves. We have also investigated the inter-discourses that surfaced throughout the study. The corpus was composed of twenty-one (21) narratives, produced voluntarily along the writing workshops given by the researcher. This work took into consideration not only methodological-theoretical background of the Critical Discourse studies (Fairclough, 2001, 2003), but also reflections and debates concerning identity (Hall, 2002; Bauman, 2005; Moita Lopes, 2008; Pennycook, 2008), aside from the researches about repression and punishment at such regulatory institutions (Foucault, 2010; Kloch e Motta, 2008). As the general results, we could observe that the inmates do not figure themselves as victims, but as responsible for their own acts and their consequences. Besides that, such men represent the prison per se as a good locus, or an opportunity to change their lives, becoming better people. In terms of the inmates’ identity, in a few narratives, we can see fluidity whereas in some other cases there can be seen identity fragmentation. Some of these take a turn into a negative semantic pole: murdered, drug dealer, savage. Even though they are rebuilt this way, the inmates still constitute themselves as reflexive subjects, which are open to transformation, through perception of the violations they have committed, or through the omnipresent APAC’s discourse.

INTRODUÇÃO

Grande parte do sistema carcerário brasileiro encontra-se falido, em todos os sentidos. A maioria dos inúmeros presos vive, atualmente, em condições subumanas, degradantes, tanto do ponto de vista físico como psicológico. Encontramos celas estão superlotadas, as mais básicas condições de salubridade, muitas vezes, não são providas pelo Estado, presos que cometeram diferentes crimes compartilham a mesma cela, é precário o acompanhamento médico, e, na maioria das vezes, inexistente qualquer orientação educacional ou psicológica adequadas. Todo este quadro contribui para que as principais finalidades da pena não sejam sequer respeitadas, a saber: a prevenção de novos delitos e a ressocialização dos condenados. Com efeito, um grande número de prisões se transformou em verdadeiras 'escolas do crime', onde grande parte dos detentos sai piores do que entraram, reincidindo em novos crimes, iguais ou até mesmo mais graves do que aqueles cometidos no passado. "Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade" (FOUCAULT, 1979, p. 131, 132).

A sociedade, ao invés de contribuir para a recuperação dos presos e para a construção de uma sociedade mais pacífica, acredita que "bandido bom é bandido morto". É a própria atitude da sociedade civil que a torna vítima de seu próprio preconceito, eis que as prisões brasileiras continuam "formando" e "capacitando" criminosos. São poucas as pessoas que alguma vez já se perguntaram: quem são os condenados? O que os levou a cometer o crime? Teriam eles algum direito? E mais: seria possível fazer alguma coisa para que tais criminosos não voltassem a cometer crimes? Tais questões fazem toda diferença, na medida em que os ajudando, estaríamos também nos ajudando, já que o preso, uma vez recuperado, muito provavelmente não voltaria a cometer novas infrações penais.

A APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados), que tem por finalidade "recuperar o preso, proteger a sociedade, socorrer a vítima e promover a justiça" (OTTOBONI, 2001, p. 33), tendo como filosofia "matar o criminoso e salvar o homem" (OTTOBONI, 2001, p. 45), acredita que ninguém seja

irrecuperável. Neste contexto, busca tratar o condenado como um ser humano, fornecendo-lhe todo o substrato necessário para que o mesmo se insira novamente no seio social – não voltando a reincidir – vem comprovando a eficiência de seu método de forma estatística, eis que estudos recentes demonstram que o índice de reincidência nas APACs é de 4,5%, enquanto que na cadeia pública tal índice chega a 85%.

É com os olhos voltados a essa nova realidade que esta pesquisa busca discutir a construção de identidades dos recuperandos da APAC – Viçosa enquanto condenados em fase de real e efetiva recuperação. Para tanto, são analisadas narrativas produzidas pelos mesmos de forma voluntária. Este estudo leva em conta não só pressupostos teórico-metodológicos dos estudos discursivos críticos (Fairclough, 2001, 2003), mas também reflexões e discussões em torno do conceito de identidade (Hall, 2002; Bauman, 2005; Moita Lopes, 2008; Pennycook, 2008) além dos estudos acerca da repressão e punição no cumprimento das penas (Foucault, 2010; Kloch e Motta, 2008).

O objetivo geral deste estudo é a análise e discussão da construção das identidades dos recuperandos da APAC - Viçosa, à luz dos estudos discursivos críticos. Para alcançarmos tal objetivo, analisamos como os recuperandos constroem suas identidades tomando por base as narrativas escritas por eles; e verificamos se o contexto histórico-social interfere, de alguma forma, na produção das narrativas, o que é feito a partir da análise da prática social; em seguida observamos se há outros discursos por trás do discurso dos recuperandos e, se sim, pontuar quais são e como são construídos nas narrativas. Trata-se, neste ponto, de analisar as interdiscursividades.

Este estudo se justifica porque as práticas discursivas produzem discursos com investimentos ideológicos, contribuindo, assim, para a produção ou reprodução de relações de poder, de desigualdade, de preconceito. Portanto, é importante que as pessoas tenham em mente que, através de seus discursos, elas podem ser injustas, criar juízo de valor sobre outras pessoas, e reforçar preconceitos.

Devemos, portanto, estarmos sempre atentos aos discursos com os quais nos deparamos no dia-a-dia para não nos deixarmos influenciar pelos mesmos. É neste ponto que a Análise de Discurso Crítica (ADC) se faz importante para os estudos de

linguagem, já que, a partir dela, os discursos das minorias ‘ganham voz’, tornando-se, assim, mais visíveis. Além disso, o discurso constitui e constrói o mundo em significados (FAIRCLOUGH, 2001).

Este trabalho justifica-se, também, pela falta de estudos críticos discursivos voltados especificamente para a realidade discursiva vivida por pessoas em fase de cumprimento de pena em estabelecimento prisional. A utilização de discursos favoráveis à pessoa do preso, em contraponto aos argumentos que pregam a sua condição subumana, talvez pudesse representar, neste contexto, uma tentativa de mudança.

A escolha por estudar narrativas de presos, pelo viés dos estudos discursivos críticos, deve-se, sobretudo, ao fato de se tentar problematizar as ausências, os discursos hegemônicos, as hierarquias e não apenas o silêncio, o bloqueio, a regulação (Souza Santos, 2000). Podemos assumir ainda que para uma pesquisa de cunho discursivo crítico o *corpus* selecionado inclui ponto crítico e momentos de crise, em que espaços hegemônicos são abertos a redirecionamentos das práticas sociais e discursivas.

Esta pesquisa se mostra relevante na medida em que cada vez mais se tem desenvolvido estudos a respeito do uso da linguagem, levando em consideração o contexto histórico-social em que esta é produzida. Isso porque a linguagem desempenha papéis sociais fundamentais estando diretamente ligada às práticas sociais. É por meio da linguagem, que se pode convencer alguém a respeito de algo, demonstrar poder, vencer uma causa, criar identidades. A vida social gira em torno da linguagem, e estudá-la é uma forma de tentar compreender melhor como o uso desta se dá, quais são seus artifícios e quais as implicações que gera na sociedade.

Deste modo, se faz importante o estudo da relação entre linguagem e construção de identidades, já que o sujeito pode construir, para si, a identidade que quiser e puder para si no discurso, isto é, pode passar a imagem que quiser de si apenas com o uso da linguagem.

Escolheu-se estudar e refletir sobre a construção de identidades, pois, segundo Bauman este é um “assunto de extrema importância e em evidência” (BAUMAN, 2005, p. 23), já que as pessoas, hoje, se deparam com conflitos de identidade, vivem em crise de identidade.

A escolha pela construção de identidade de presos se deu por ser este um dos grupos de minorias pouco estudados nos estudos discursivos críticos, principalmente, os recuperandos da APAC. Esta pesquisa de cunho social busca “dar voz” ou tornar visível a voz daqueles que “não a têm”, àqueles que, na maioria das vezes, se calam ou são silenciados pela estrutura social. Ao contrário do que se diz ou pensa, eles têm muito a dizer e a sociedade tem muito que conhecer sobre este “outro mundo”, este olhar diferente. Grande parte da sociedade não sabe quem são, o que fazem, nem mesmo se, de fato, se recuperam após a passagem pela prisão, se são ressocializados. Portanto, estudar este grupo minoritário se faz importante à medida que é possível tentar compreender, “o outro lado” de um problema social, outra realidade possível.

Quanto às questões metodológicas, esta pesquisa caracteriza-se como um trabalho de intervenção social, o que pode vir a ajudar a romper preconceitos e levar mais pessoas a estudar o tema e a ajudar pessoas que se encontram presas. Além disso, o uso de narrativas se faz importante, não só como forma de coletar dados, mas também como meio de reflexão para os recuperandos, já que estes têm que refletir sobre seus atos, suas vidas, para, então, escrever.

No primeiro capítulo são discutidos aspectos da Análise de Discurso Crítica: um breve histórico, diferentes abordagens, a teoria proposta por Norman Fairclough e as categorias de análise. Já no segundo capítulo, apresentamos um breve histórico acerca do sistema de punição, de acordo com Foucault (2010), e do sistema prisional no Brasil.

No terceiro capítulo expomos os procedimentos metodológicos, incluindo contexto e participantes, instrumento de coleta de dados, categorias de análise e fases da pesquisa.

No quarto capítulo, apresentamos as análises das narrativas que estão divididas em três grupos: Quem sou eu?; Quem é ele?; Trajetória.

No quinto capítulo estão expostas as conclusões finais da pesquisa.

E, por fim, são apresentadas as referências bibliográficas e os anexos.

1. ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

A Análise de Discurso Crítica (ADC), de acordo com Wodak (2001), emergiu nos anos 90, a partir de um simpósio em Amsterdam, tendo como precursores os estudiosos Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak. O encontro teve como objetivo determinar uma agenda discursiva que se comprometesse com as relações entre linguagem e poder.

A partir de 1970, enquanto pesquisas linguísticas tinham como foco aspectos formais da linguagem, emergia uma análise textual que buscava compreender o papel da linguagem nas estruturações das relações de poder, levando em consideração o contexto social. Tal área era conhecida como linguística crítica e, a partir dela, surgiu a ADC, tendo como princípios básicos:

Linguagem é um fenômeno social; não somente indivíduos, mas também instituições e grupos sociais têm significados e valores específicos que são expressos de maneiras sistemáticas; leitores/ ouvintes não são receptores passivos em suas relações com textos; há similaridades entre a linguagem científica e a linguagem de instituições, e assim por diante (KRESS, 1989 *apud* WODAK, 2001, p. 6) ¹.

A ADC pontua que a linguagem é prática social, já que a vida social é realizada por meio da linguagem. Como coloca Pedro (1997):

A necessidade de corrigir uma subavaliação muito divulgada da importância da linguagem na produção, manutenção, e mudança das relações sociais de poder e de aumentar a consciência de como a linguagem contribui para a dominação de umas pessoas por outras, já que essa consciência é o primeiro passo para a emancipação (FAIRCLOUGH, 1989, *apud* PEDRO, 1997, p. 22).

Os estudos discursivos críticos abrangem muito mais que o estudo do texto, pois trabalha com o que está “por trás” dele, partindo da materialidade da língua (texto) para se chegar ao discurso, diferentemente da Linguística Textual, que analisa somente o texto, desconsiderando os aspectos de sua produção (contexto).

¹ Minha tradução para: “language is a social phenomenon; not only individuals, but also institutions and social groupings have specific meanings and values, that are expressed in language in systematic ways; readers/ hearers are not passive recipients in their relationship to texts; there are similarities between the language of science and the language of institutions, and so on” (KRESS, 1989 *apud* WODAK, p. 6).

Além disso, é uma abordagem teórico-metodológica, interdisciplinar pelo fato de dialogar com outras disciplinas a fim de compreender fenômenos que seriam difíceis de serem compreensíveis sem tal diálogo; neste sentido Van Dijk (2001, p. 96) diz que a “Análise de Discurso Crítica pode ser conduzida, e combinada com qualquer enfoque e subdisciplina nas humanidades e nas ciências sociais”².

Tal abordagem discursiva tem como foco o estudo dos problemas sociais (re)produzidos no uso da linguagem na interação entre sujeitos, principalmente os discursos dos oprimidos e as relações de poder.

A ADC tem desenvolvido o estudo da linguagem com uma forma de prática social para enfrentar as mudanças na vida social. A ADC oferece uma contribuição significativa dos linguistas no debate de assuntos como o racismo, o sexismo, o controle e manipulação institucional, a violência, as mudanças na identidade nacional e pessoal, e a exclusão social (MAGALHÃES, 2002, p. 20).

Tendo em vista que todo discurso é situado em um determinado tempo e espaço, o contexto no qual ocorre essa interação é fundamental para a análise, afinal, como afirmam Fairclough e Wodak, “não é possível a produção de um discurso sem contexto, assim como não é possível sua compreensão sem levar em conta o contexto”³ (FAIRCLOUGH & WODAK, 1997, p. 394). Neste sentido, o termo ‘crítica’ “tem o objetivo de fornecer uma dimensão crítica à análise de textos” (PEDRO, 1997, p. 23), sendo uma análise não só interpretativa como também, explicativa.

Ao desnaturalizar as práticas discursivas como um conjunto de práticas e os textos de uma sociedade, entendida como um conjunto de comunidades ligadas discursivamente, e ao tornar visível e manifesto aquilo que antes pode ter sido invisível e aparentemente natural, os analistas críticos do discurso pretendem mostrar o modo como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas, mais abrangentes, de poder e dominação (KRESS, 1990 *apud*. PEDRO, 1997, p. 22).

Além disso, a ADC, segundo Pedro (1997), é:

² Tradução minha para: “CDA can be conducted in, and combined with any approach and subdiscipline in the humanities and the social sciences” (VAN DIJK, 2001, p. 96).

³ Tradução minha para: “No es posible la producción de um discurso sin contexto, así como no es posible su comprensión si no se toma em cuenta el contexto” (FAIRCLOUGH & WODAK, 1997, p. 394).

Um processo analítico que julga os seres humanos a partir da sua socialização, e as subjectividades humanas e o uso linguístico como expressão de uma produção realizada em contextos sociais e culturais, orientados por formas ideológicas e desigualdades sociais. O entendimento que encontramos explicitado remete para a consideração dos seres humanos como socializados e das subjectividades humanas e do uso linguístico como produzidos no seio de contextos sociais e culturais, contextos em que predominam formas ideológicas e desigualdades sociais (PEDRO, 1997, p. 21).

Assim, tal abordagem torna-se socialmente importante, pois expõe discursos de dominação, de preconceitos, podendo, talvez, servir como forma de denúncia social, sendo “uma forma de intervir na prática social e nas relações sociais”⁴ (FAIRCLOUGH & WODAK, 1997, p. 368). Além disso, é um meio de ‘dar voz’ aos oprimidos, ao estudar os discursos das minorias, como o discurso dos presos, dos negros, das mulheres, entre vários outros grupos, de alguma maneira, ‘excluídos’ da sociedade. O discurso é tanto um modo de ação, quanto de representação, de construção de identidades, e de construção das relações sociais entre as pessoas, assim como de construção de sistemas de conhecimento e crença, em suma, “a prática discursiva contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, etc.) como é, mas também para transformá-la” (FAIRCLOUGH, 2001 p. 94), por isso dizer que o discurso é extremamente importante nos processos sociais, como coloca Pedro (1997):

Ao “desnaturalizar” as práticas discursivas e os textos de uma sociedade, considerando tratar-se de um conjunto de comunidades ligadas discursivamente, e ao tornar visível o que antes pode ter sido invisível e aparentemente natural, os analistas críticos do discurso pretendem mostrar o modo como as práticas linguístico-discursivas imbrincam nas estruturas, alargadas, sociopolíticas, do poder e da dominação (PEDRO, 1997, p. 24).

Dentre os tipos de ADC podemos citar Ruth Wodak, cujos trabalhos são voltados para análise das instituições; Theo van Leeuwen e Kress, que trabalham com representações na mídia e multimodalidade; Van Dijk, que, atualmente, tem

⁴ Tradução minha para: “Es una forma de intervenir en la práctica social y en las relaciones sociales” (FAIRCLOUGH & WODAK, 1997, p. 368).

pesquisado as relações entre discurso, conhecimento e contexto; e Norman Fairclough, cuja teoria social do discurso será o foco deste trabalho.

Norman Fairclough, professor de linguística e um dos fundadores da Análise de Discurso Crítica, escreveu várias obras, dentre as quais podemos destacar: *Language and Power* (1989); *Discourse and Social Change* (2001); and *Analysing Discourse* (2003) ⁵.

Em sua obra *Language and Power* (1989), Fairclough pontua que a língua em uso é socialmente determinada, o que ele denomina de discurso. Para este teórico, discurso é prática social, ou seja, a “linguagem é uma parte da sociedade, e não algo externo a ela” ⁶ (FAIRCLOUGH, 1989, p. 18), sendo um processo social, socialmente condicionado por partes não linguísticas da sociedade.

Fenômenos linguísticos são sociais na medida em que quando as pessoas falam ou escutam ou escrevem ou leem, elas as fazem de maneira que são determinadas socialmente e têm efeitos sociais. Até mesmo quando as pessoas são as mais conscientes de suas próprias individualidades e pensam que são livres de influências sociais, elas ainda usam a linguagem de forma que são sujeitas a convenções sociais (FAIRCLOUGH, 1989, p. 19) ⁷.

Fairclough afirma que “a linguagem contribui para a dominação de umas pessoas por outras” (FAIRCLOUGH, 1989 *apud.* PEDRO, 1997, p.22), pois as palavras não são dotadas de poder, elas ganham poder a partir do momento em que as pessoas as usam, como afirma Bakhtin (1979, p. 309), “as palavras não são de ninguém e não comportam um juízo de valor. Estão à serviço de qualquer locutor e de qualquer juízo de valor, que podem mesmo ser totalmente diferentes, até mesmo contrários”.

Fairclough ainda apresenta a diferença entre texto e discurso, afirmando que o texto é apenas parte do processo de interação social, ou seja, do discurso. “Tal

⁵ Em português: *Linguagem e Poder* (1989); *Discurso e mudança social* (2001); e *Analisando discurso* (2003).

⁶ Tradução minha para: “Language is a part of society, and not somehow external to it” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 18).

⁷ Tradução minha para: “Linguistic phenomena are social in the sense that whenever people speak or listen or write or read they do so in ways which are determined socially and have social effects. Even when people are most conscious of their own individuality and think themselves to be most cut off from social influences they still use language in ways which are subject to social convention (FAIRCLOUGH, 1989, p. 19).

processo inclui, além do texto, o processo de produção do qual o texto é um produto, e o processo de interpretação, para o qual o texto é um recurso”⁸ (FAIRCLOUGH, 1989, p. 20). A análise textual é, então, apenas uma parte tridimensional da constituição discursiva, pois, outros fatores não linguísticos, a constituem socialmente. Portanto, o discurso é construído por condições sociais de produção e condições sociais de interpretação. Estas condições sociais se relacionam a três diferentes níveis de organização social: “o nível da situação social, ou o meio social em que o discurso ocorre; o nível da instituição social o qual constitui um espaço mais amplo do discurso; e o nível da sociedade como um todo”⁹ (FAIRCLOUGH, 1989, p. 20, 21).

O que podemos observar a partir do seguinte quadro:

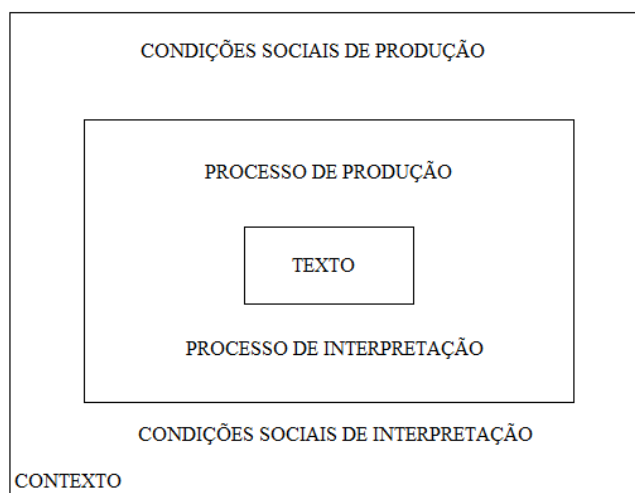


Figura 1: quadro ilustrativo do discurso como texto, interação e contexto.

Fairclough, ao desenvolver o quadro acima com as três dimensões do discurso, propõe uma forma de análise que aborda não só a análise textual, mas, a relação entre textos, processos e suas condições sociais. Fairclough ainda propõe três dimensões analíticas para fins metodológicos que correspondem às três

⁸ Tradução minha para: “This process includes in addition to the text the process of production, of which the text is a product, and the process of interpretation, for which the text is a resource” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 20).

⁹ Tradução minha para: “The level of the social situation, or the social environment in which the discourse occurs; the level of the social institution which constitutes a wider matrix for the discourse; and the level of the society as a whole” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 20, 21).

dimensões do discurso: descrição – está relacionada às propriedades formais do texto; interpretação – diz respeito à relação entre texto e interação; e explicação – diz respeito à relação entre interação e contexto social.

No que tange à parte descritiva, tem-se, como categorias de análise, segundo Fairclough (1989), os seguintes aspectos: i) vocabulário; metáforas; etc.; ii) gramática, onde podemos observar as realizações lexicogramaticais; iii) estrutura textual. Fairclough (1989) apresenta, então, o seguinte quadro:

| Dimensões do significado | Valores das características | Efeitos estruturais |
|---------------------------------|------------------------------------|----------------------------|
| Conteúdo | Experiencial | Conhecimento/ crença |
| Relações | Relacional | Relações sociais |
| Sujeitos | Expressivo | Identidades sociais |

Figura 2: valores experienciais, relacionais e expressivos (FAIRCLOUGH, 1989, p. 94).

Com relação à parte interpretativa, o foco está tanto na interpretação do contexto quanto na do texto. Além disso, outros aspectos são analisados: i) o contexto situacional e o tipo de discurso, no qual são observadas as atividades, os tópicos e o propósito; quem está envolvido (sujeitos); quais as relações entre os sujeitos (relações de poder, distância social, etc.); ii) contexto intertextual e pressuposições; iii) atos de fala.

Já na parte explicativa, o objetivo é “representar um discurso como parte de um processo social, como uma prática social, mostrando como é determinado pelas estruturas sociais, e quais efeitos reprodutivos os discursos podem ter nestas estruturas, as sustentando ou as modificando”¹⁰ (FAIRLOUCH, 1989, p. 135).

Em *Discurso e mudança social* (2001), Fairclough afirma que “o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). O discurso constitui e constrói o mundo em significados, além de contribuir para a construção de

¹⁰ Tradução minha para: “Portray a discourse as part of a social process, as a social practice, showing how it is determined by social structures, and what reproductive effects discourses can cumulatively have on those structures, sustaining them or changing them” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 135).

identidades sociais; para a construção das relações sociais entre as pessoas; e para a construção de sistemas de conhecimento e crença.

De acordo com o teórico, o discurso é tanto a maneira pela qual as pessoas podem agir sobre as outras, sobre o mundo, quanto uma forma de representação. Ele afirma, também, que “a prática discursiva contribui para reproduzir a sociedade como é, mas também para transformá-la” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94). E “a prática social tem várias orientações – econômica, política, cultural e ideológica -, e o discurso pode estar implicado em todas elas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

Assim define Fairclough (2001, p. 93): “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas”.

Portanto, de acordo com Fairclough (2001), a linguagem não só desenvolve um grande papel na representação das práticas sociais, como também nas transformações sociais. Por este motivo, sua teoria se faz importante para os estudos atuais acerca da relação entre linguagem e poder, pois, ao estudá-la estamos, então, estudando a sociedade.

Fairclough (2001), então, propõe que o discurso tenha uma constituição tridimensional, na qual a prática discursiva manifesta-se na materialidade linguística, e “a prática social é uma dimensão do evento discursivo, da mesma forma que o texto” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99). Como podemos observar na figura abaixo:



Figura 3: concepção tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 101).

Retomando as discussões arroladas no texto *Language and Power* (1989), Fairclough (2001) propõe que a tridimensionalidade discursiva seja constituída de Texto, Prática Discursiva e Prática Social. Para a análise textual, Fairclough (2001) retoma as categorias desenvolvidas na Gramática Sistêmico-Funcional (2004) e nos apresenta as seguintes categorias: **conectivos e argumentação, transitividade e tema**. Na transitividade, uma das categorias analíticas desta pesquisa, encontramos os processos que são fundamentais para análise do corpus, tendo em vista que “a escolha do tipo de processo para significar um processo real pode ter significação cultural, política ou ideológica” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 224). O quadro abaixo apresenta as categorias da transitividade, conforme Halliday (2004):

| Processo | Significado | Participantes obrigatórios | Participantes opcionais |
|-----------------|--------------------|-----------------------------------|--------------------------------|
| Material | Fazer, acontecer | Ator | Meta, extensão e beneficiário |
| Mental | Sentir | Experimentador, fenômeno | |
| Relacional | Ser | | |
| Atributivo | Classificar | Portador e atributo | |
| Identificador | Definir | Característica e valor | |
| Verbal | Dizer | Dizente e verbiagem | Receptor |
| Existencial | Existir, haver | Existente | |
| Comportamental | Comportar-se | Comportante | Behavior |

Figura 4: tabela dos tipos de processos (HALLIDAY, 2004, p. 83).

Podemos observar, também, o uso da nominalização, que, segundo Fairclough (2001), tem o efeito de pôr o processo em si em segundo plano – o tempo e a modalidade não são indicados – além de usualmente não especificar os participantes, de forma que agente e paciente são deixados implícitos (FAIRCLOUGH, 2001, p. 223).

O conceito de escolha, retomado dos estudos sistêmico-funcionais é claramente defendido por Fairclough ao dizer que as escolhas e decisões não são de natureza puramente individual: “os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetadas de processos sociais e culturais mais amplos” (FAIRCLOUGH, 2011, p. 230).

Com relação à prática discursiva, Fairclough (2001) aponta os seguintes aspectos para análise interpretativa: **processos de produção, distribuição e consumo textual**, em que se procura responder às perguntas: Onde foi produzido?; Quem produziu?; Como é divulgado?; Quem é o leitor/ público?. Todos estes aspectos condicionam a produção do texto, tendo em vista que “os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos (...), são consumidos diferentemente em contextos sociais diversos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 107). Além disso, “o consumo, como a produção, pode ser individual ou coletivo (FAIRCLOUGH, 2001, p. 107)” e “alguns textos têm distribuição simples (...), enquanto outros têm distribuição complexa” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 108).

As dimensões de análise são: **contexto; força** - a ação social que realiza; **coerência; intertextualidade**. Dentre os aspectos observados na intertextualidade estão a representação discursiva e a pressuposição.

Em sua obra *Analysing Discourse* (2003), Fairclough desenvolve os três significados da semiose, como resultado da relação entre as metafunções halidayanas (ideacional, relacional e textual) e os conceitos de discurso, estilo e gênero, e propõe três tipos de significados: acional; o representacional; e o identificacional; descritos a seguir.

1.1 Significado Acional

O Significado acional está relacionado ao gênero, ou seja, às formas de agir e interagir discursivamente. O ponto de partida deste tipo de análise é entender o que os sujeitos estão fazendo discursivamente, ou seja, “examinar como o texto figura na (inter) ação social e como contribui para ela em eventos sociais” (RESENDE & RAMALHO, 2006, p. 62).

Vale ressaltar que existem os pré-gêneros e os gêneros situados, como aponta Fairclough (2003 *apud* RESENDE & RAMALHO, 2006, p. 63). Os pré-gêneros seriam: narrativa; argumentação; descrição; e conversação, já que estes podem ser utilizados na composição de outros tipos de texto. Por exemplo, podemos encontrar uma narrativa em uma publicidade. Já os gêneros situados seriam “categorias concretas, utilizadas para definir gêneros que são específicos de uma rede de prática particular, como por exemplo, a literatura de cordel” (RESENDE & RAMALHO, 2006, p. 63). Não vamos nos deter na apresentação deste significado porque, para esta pesquisa, o foco está nos significados representacional e identificacional.

1.2 Significado Representacional

O significado representacional diz respeito ao discurso, às formas de representar o mundo. Fairclough (2003, p. 124) diz que “diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo material, social e mental, e eles estão associados com as diferentes relações que as pessoas têm no mundo, que dependem de suas posições no mundo, identidades sociais e pessoais, e as relações que elas possuem com outras”. Um mesmo discurso pode gerar diferentes representações, fazendo uso de termos variados (sinônimos, antônimos), por exemplo. Ao representarmos eventos, sujeitos, ações, podemos incluir ou excluir elementos, conforme nosso propósito sociocomunicativo. Segundo van Leeuwen (1997, p. 180), “algumas das exclusões poderão ser inocentes, pormenores que se assume que o os leitores já conhecem, ou que são considerados irrelevantes para eles”. Ao analisarmos representações, devemos observar quais elementos estão presentes, como estão organizados no discurso, quais informações estão sendo adicionadas (explicações, causas, razões, avaliações).

Para a análise do significado representacional podemos identificar três elementos: **processos**, que podem ser material, verbal, mental, relacional, comportamental e existencial; **participantes**, podendo ser ator, experienciador, existente, atributo; e **circunstâncias**, tais como lugar, tempo, razão, meios. Os processos materiais, de acordo com Fairclough (2003), podem ser transitivos (ator +

processo + afetado, por exemplo, Luíza fez o dever) e intransitivos (ator + processo, por exemplo, Luma correu).

No que tange à representação dos atores sociais, Fairclough (2003), baseado nos estudos de van Leeuwen (1997), propõe as seguintes variáveis: inclusão/exclusão; pronome/ nome; papel gramatical; ativo/ passivo; pessoal/ impessoal; nomeado/ classificado; específico/ generalizado.

Em seu texto *A representação dos actores sociais*, Theo van Leeuwen (1997), apresenta as formas pelas quais os atores sociais podem ser representados no discurso. As representações, segundo van Leeuwen, podem se dar por:

- 1- *Exclusão*: a representação por exclusão vai ocorrer conforme o propósito do enunciador em relação aos seus leitores. A exclusão pode ser considerada inocente, ou seja, pressupõe-se que os leitores já têm conhecimento sobre eles ou que são irrelevantes, ou então, como estratégia, em que se exclui propositalmente a fim de omitir a informação devido alguma finalidade. Dentre as exclusões, diferenciam-se as de supressão e as de segundo plano. Estas são menos radicais, deixando alguns vestígios no texto de forma que podemos fazer inferências. Já aquelas, não há nenhuma referência ou vestígio dos atores sociais no texto.
- 2- *Distribuição de papéis*: os atores podem ser representados como agentes (atores) ou como pacientes (finalidades), não precisando haver relação entre os papéis que representam nas práticas sociais e os papéis gramaticais que lhes são atribuídos nos textos.

A activação ocorre quando os atores sociais são representados como forças activas e dinâmicas numa atividade, e a passivação quando são representados como submetendo-se à atividade, ou como sendo receptores dela. Isto pode realizar-se através de papéis gramaticais participantes, através de estruturas de transitividade nas quais os actores sociais activados são codificados como o actor em processos materiais, o comportado em processos comportamentais, o perceptivo em processos mentais, o dizente em processos verbais, ou o atribuidor em processos relacionais (VAN LEEUWEN, 1997, p. 187).

- 3- *Genericização e especificação*: os atores sociais podem ser representados como classes/ grupos ou como indivíduos específicos.

- 4- *Assimilação*: quando os atores sociais são representados como classes/ grupos há assimilação, que se dá por meio da pluralidade; quando representados como indivíduos específicos, há a individualização, que se dá pela singularidade. Dentre os casos de assimilação podemos distinguir dois tipos: os de agregação, que trata os participantes dos grupos como dados estatísticos, e os de coletivização.
- 5- *Associação e dissociação*: os atores sociais são representados como grupos que nunca são classificados nos textos. O exemplo mais comum de associação são os casos de parataxe. Quando as associações são desfeitas, tem-se a dissociação.
- 6- *Indeterminação e diferenciação*: a indeterminação se dá quando os grupos ou indivíduos de atores sociais não são especificados, ou seja, são anônimos. Já a determinação ocorre quando estes possuem suas identidades especificadas. Quando um indivíduo ou um grupo de atores sociais são diferenciados de outros semelhantes, tem-se a representação por diferenciação.
- 7- *Nomeação e categorização*: a diferença entre estes dois tipos de representação está na forma pela qual as identidades dos atores sociais são representadas. Na nomeação temos o ator social sendo representado por sua identidade única, já na categorização, a identidade é compartilhada com outros. A nomeação geralmente se dá por meio de nomes próprios, podendo ser formal (apelidos), semiformal (apelidos e nomes próprios) e informal (nomes próprios).
- 8- *Funcionalização e identificação*: quando os atores sociais são referidos por alguma atividade ou algo que fazem, como por exemplo, uma ocupação ou função, tem-se a funcionalização. Já quando são referidos por aquilo que são, tem-se a identificação. Esta pode ser classificada como: classificação – a referência aos atores sociais se dá através das categorias que a sociedade determina para diferenciar classes de pessoas, que podem estar relacionadas ao sexo, idade, origem, classe social, entre vários outros; identificação relacional – os atores sociais são representados em função da relação pessoal, de parentesco ou de trabalho que possuem entre si, e se dá através de substantivos como tia, amigo, entre outros; e identificação física – como o próprio nome sugere, é a representação dos atores sociais de acordo com suas características físicas e se dá pelo uso de substantivos como alto, gordo, moreno.

- 9- *Personalização e impersonalização*: a personalização representa os atores sociais como seres humanos. Essa representação se dá por meio de pronomes pessoais e possessivos, nomes próprios ou substantivos. Já a impersonalização ocorre quando os atores sociais são representados por substantivos abstratos, ou ainda, substantivos concretos cujo sentido não está associado a características humanas.
- 10- *Sobre determinação*: esta ocorre nos casos em que os atores sociais são representados como participantes de mais de uma prática social ao mesmo tempo. A sobre determinação pode ser categorizada em: inversão – os atores sociais estão ligados a duas práticas, sendo que uma está em oposição à outra; simbolização – grupos ou atores sociais ficcionais representam atores ou grupos em práticas não ficcionais; conotação – uma única determinação (nomeação ou identificação física) corresponde a uma classificação ou funcionalização; e destilação – se dá por meio de uma combinação da generalização com a abstração.

Com relação à representação de tempo e lugar, estes podem ser representados através de tempos verbais (passado, presente, futuro); progressivo e não progressivo (estudando/ estuda); advérbios (ontem, amanhã); conjunções e preposições com marcas temporais.

1.3 Significado Identificacional - identidade

Dentro dos estudos discursivos, Fairclough (2003) fala que o significado identificacional (estilo) é o aspecto discursivo relacionado às formas de ser, ou seja, às identidades. O estudo deste significado busca verificar como ocorrem as construções das relações sociais e de identidades em discursos. Fairclough (2003) usa o termo 'identificação' ao invés de 'identidade', pois, segundo ele, tal termo enfatiza o processo de identificar que é parte do processo textual.

No que diz respeito à identidade, Fairclough (2003) apresenta dois tipos: a identidade social, que está relacionada à coletividade (nós); e a identidade pessoal (personalidade), que diz respeito à individualidade (eu). A identidade social é a sensação de descobrimento de quem e o que somos. Cada indivíduo a realiza a partir do momento que é dotado de cultura. Esta afirmação de identidade social sempre parte da memória de cada indivíduo onde se faz uma análise sobre si.

A identidade social se associa com a identificação do indivíduo a um grupo particular e a diferenciação dos demais. Esta identidade pode estar vinculada a vários aspectos como, por exemplo, roupa. Um sujeito se define em relação a outro.

Ao analisar a construção de identidade, Fairclough (2003) ressalta as realizações lexicogramaticais, tais como modalidade e avaliação, que podem trazer à tona a forma como o sujeito pensa, constrói as realidades. Segundo o autor, existem quatro funções da linguagem/ discurso que constroem significados modalizados: declaração; pergunta; exigência/ comando; e oferta. Existem diferentes formas de realizar cada uma dessas funções, o que, conseqüentemente, leva a diferentes compromissos e posicionamentos enunciativos. Halliday (1994, p. 91) afirma que “modalidade significa o julgamento do falante em relação às probabilidades, ou as obrigações, envolvidas no que ele está dizendo”, que se expressa por meio de modais, possibilidade; certeza; necessidade; entre outros. Os modalizados podem ser: advérbios modais; processos mentais; adjetivos modais; verbos de aparência; etc. De acordo com Halliday (1994), a modalidade é importante em construções discursivas de identidade já que as coisas com as quais você se compromete é significativa para determinar quem você é.

No rol de categoria para analisar as construções identitárias, são apresentadas as declarações avaliativas que emitem juízos sobre algo desejável e indesejável, bom e ruim. O elemento avaliativo geralmente está no atributo, e pode ser realizado por meio de um adjetivo; verbo; advérbio; exclamações. As declarações avaliativas também avaliam em termos de importância, utilidade, entre outros. Tais declarações podem estar relacionadas ao discurso quando a avaliação não está explícita no texto, como por exemplo: ‘Ele é um recuperando da APAC’, esta frase pode ser avaliativa, dependendo do discurso, do contexto em que está inserida.

“Ser ou não ser: eis a questão!”, já dizia Shakespeare em sua peça *Hamlet*, trazendo para discussão a crise de identidade, na qual um ser tem a opção de escolher ser ou não algo. Este enunciado retrata muito bem discussões arroladas acerca da identidade em estudos sociais: o poder da escolha. Se pensarmos que é através do discurso que criamos nossas identidades, podemos desempenhar inúmeros papéis sociais e, com isso, diferentes identidades. Como afirma Bauman (2005, p. 21, 22), no âmbito dos Estudos Culturais, “a ‘identidade’ só nos é revelada

como algo a ser inventado, e não descoberto; (...) como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais”.

Na maioria das vezes, porém, as pessoas não têm a chance de escolher, já que certas identidades podem ser impostas por outros.

Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo (...). No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam (...) (BAUMAN, 2005, p. 44).

Além disso, nossos discursos podem estar atravessados por discursos de outros sujeitos ou até mesmo de instituições, o que faz com que nossa identidade sofra mudanças, já que pode vir a ser uma representação destes discursos. Por exemplo, uma pessoa muito católica pode internalizar determinados discursos da Igreja e reproduzi-los em suas falas, construindo assim, uma identidade baseada no que a Igreja prega. Este aspecto nos conduz a um ponto: a fluidez da identidade. Ou seja, tem-se a identidade como algo que muda seja com os anos, com a própria mudança da sociedade, com o contato com outros discursos, pela imposição de outras pessoas ou exigências de determinadas situações. Um exemplo muito visível em nossa sociedade hoje é a mudança de identidade no que diz respeito à escolha sexual do sujeito. Em um momento a pessoa pode ser heterossexual, e em outro, homossexual. A respeito dessa transitoriedade identitária, Bauman afirma que:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age (...) são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’ (BAUMAN, 2005, p.17).

A crise de identidade surge como consequência das mudanças ocorridas nas identidades, onde as ‘velhas identidades’, estão desaparecendo em função das que

estão surgindo, tornando o sujeito moderno, fragmentado. Em outras palavras, o sujeito deixa de ter uma identidade “unificada e estável”, conforme aponta Hall (2002, p. 12) no âmbito dos Estudos Culturais, e passa a ser um sujeito fragmentado, isto é, com várias identidades. De acordo com Hall (2002, p. 10) há três concepções de identidade: *sujeito do Iluminismo*, em que o sujeito era centrado em si próprio, individualista; *sujeito sociológico*, em que “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade” (HALL, 2002, p. 11); e *sujeito pós-moderno*, que é o sujeito fragmentado, “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2002, p. 12). Nesta discussão, o sujeito deixa de ter uma única identidade, fixa, permanente, passando a ser fluida, sujeito a mudanças. Além disso, em um discurso podem aparecer inúmeras identidades para um só sujeito, e várias vozes e identidades que podem se fundir em uma só.

Como podemos observar, Bauman e Hall se diferem em um ponto: para Bauman, a identidade está relacionada à fluidez, ou seja, nossas identidades estão sempre em mudança, já Hall acredita na fragmentação do sujeito, isto é, um sujeito pode possuir inúmeras identidades, até mesmo contraditórias.

Já no âmbito da Linguística Aplicada (LA), Pennycook foi o primeiro a afirmar que a LA deveria ter como preocupação assuntos como diferença, poder, identidade, passando a ter um viés crítico. O autor defende a concepção de que as identidades não são pré-formadas, mas sim performadas. Ao fazer isso, retoma os estudos de Butler (1990), e afirma que a “performatividade (...) pode ser compreendida como o modo pelo qual desempenhamos atos de identidades como uma série contínua de *performances* sociais e culturais em vez de expressão de uma identidade anterior”. (PENNYCOOK, 2008, p.80).

Moita Lopes, também no âmbito da LA, afirma que “a questão contemporânea parece ser relativa à como reinventar a vida social, o que inclui a reinvenção de formas de produzir conhecimento, uma vez que a pesquisa é um modo de construir a vida social ao tentar entendê-la” (MOITA LOPES, 2008, p. 85). A partir disso o autor levanta uma questão importante: como os pobres, por exemplo, poderiam contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, mais igual? A proposta dele seria o desenvolvimento de trabalhos sobre as vozes dos “oprimidos” fazendo uso de suas

vozes a fim de tentar compreender os problemas sociais. É como afirma Ottoboni, “ou se conhece convivendo, ou se vive especulando” (OTTOBONI, 2001, p.27). Dessa forma, ao analisar e discutir a construção identitária de recuperandos da APAC, por meio de um trabalho etnográfico e crítico, estaremos fazendo uma análise mais aprofundada, pois se trata de um objeto de estudo que é também um sujeito sócio histórico.

2. DOS SUPLÍCIOS A PRISÃO: UM BREVE HISTÓRICO DO SISTEMA DE PUNIÇÃO

A metodologia da APAC se baseia na boa conduta dos recuperandos, que devem seguir as regras impostas pela instituição caso queiram progredir, ou seja, deslocar de um regime para outro até que ganhem a liberdade, do contrário, serão punidos. Cada conduta inadequada implica em uma punição, em uma perda de um tipo de benefício, em alguns casos, porém, todos podem pagar pelo erro de um, constituindo assim a tese do vigiar e punir. Algumas ações, como o uso de drogas ou celular, são consideradas inadmissíveis, implicando em falta grave. As punições são inúmeras, levando o recuperando a ficar ‘recolhido’, acarretando inclusive algumas sanções como, por exemplo, não poder receber nenhuma visita nem desenvolver nenhuma atividade por alguns dias ou até mesmo, na pior das hipóteses, retornar para a cadeia. Tudo é controlado: horários de atividades, de acordar e dormir, higiene pessoal (não se pode deixar a barba crescer nem os cabelos sem cortar), a limpeza do ambiente, entre outros.

Em função das considerações acima é que se faz importante estudar a teoria do filósofo francês Michel Foucault, tendo em vista principalmente os princípios e reflexões desenvolvidos em sua obra *Vigiar e Punir: histórias da violência nas prisões* (2010), em que conta sobre a história dos métodos de punição desde os séculos passados até os dias de hoje, indo desde a punição física até o método de recuperação e reintegração do preso, método utilizado pela APAC. Acredita-se que punir fisicamente, tratar como desumano o preso só o torna pior, ainda mais agressivo, por isso a importância de métodos que visem recuperar o preso, para que este, ao retornar à sociedade, não venha a cometer novos crimes. É sobre esses métodos que Foucault (2010) discute de forma crítica em sua obra.

As punições até o fim do século XVIII, segundo Foucault (2010), eram voltadas para o corpo, como os suplícios, compreendidos como um tipo de “pena corporal, dolorosa, mais ou menos atroz” (FOUCAULT, 2010, p.35). A morte, portanto, “é um suplício na medida em que ela não é simplesmente privação do direito de viver, mas a ocasião e o termo final de uma graduação calculada de sofrimentos” (FOUCAULT, 2010, p.35).

Ainda neste direcionamento Foucault argumenta que:

O suplício faz correlacionar o tipo de ferimento físico, a qualidade, a intensidade, o tempo dos sofrimentos com a gravidade do crime, a pessoa do criminoso, o nível social de suas vítimas. Há um código jurídico da dor: a pena, quando é suplicante, não se abate sobre o corpo ao acaso (FOUCAULT, 2010, p.36).

Tanto que, se o carrasco (aquele que realiza o suplício), fracassasse, ou seja, não realizasse o suplício como deveria ser, ele era punido e o condenado seria, então, perdoado. Outro ponto importante no que diz respeito aos suplícios é que para a realização dos mesmos, era necessária a presença do povo, personagem principal da cena, já que não havia sentido punir em praça pública se não houvesse pessoas para assistir a punição. Além disso, acreditava-se que as pessoas deveriam ver, pois “é necessário que tenham medo; mas também porque devem ser testemunhas e garantias da punição” (FOUCAULT, 2010, p. 57).

Nesta época, tanto o público quanto o acusado desconheciam todo o processo criminal, desconheciam, portanto, a acusação, as provas, as imputações, os depoimentos. Todo o processo era secreto, exceto para a acusação, que detinha o direito do saber. O sistema prisional servia como um tipo de cárcere no qual as pessoas aguardavam sua condenação em masmorras ou calabouços. Tinha-se, também, o suplício do interrogatório, em que o juiz tentava conseguir a confissão do culpado, por meio de agressões físicas. De acordo com Foucault (2010, p. 43), “o corpo interrogado no suplício constitui o ponto de aplicação do castigo e o lugar de extorsão da verdade”. Os suplícios eram uma forma de o soberano expressar poder sobre o súdito.

(...) E esta superioridade não é simplesmente a do direito, mas a da força física do soberano que se abate sobre o corpo de seu adversário e o domina: atacando a lei, o infrator lesa a própria pessoa do príncipe: ela – ou pelo menos aqueles a quem ele delegou sua força – se apodera do corpo do condenado para mostra-lo marcado, vencido, quebrado (FOUCAULT, 2010, p 49).

Entretanto, com o passar dos anos, começou a haver intervenções populares, isto é, as pessoas começaram a manifestar contra os suplícios, pois acreditavam que

o condenado, quando arrependido, seria purificado, tornando-se um santo. O castigo era, então, visto como um sacrifício aos deuses. Em toda parte, no século XVIII, são encontrados protestos contra os suplícios. Com isso, “em algumas dezenas de anos desapareceu o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo. Desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal” (FOUCAULT, 2010, p.13).

Os suplícios deixaram de ser um espetáculo em praça pública, pois passaram a ser vistos como geradores de violência, já que, ao torturar uma pessoa a fim de puni-lo por seu crime, o que acontecia era a punição de um crime a partir de outro. O assassinato, por exemplo, era cometido tanto pelo condenado quanto por quem o executava (o carrasco), com a diferença de que o segundo o fazia de forma natural, como um espetáculo a ser admirado. Com isso, surgem novas discussões a respeito das formas de punição, chegando-se à conclusão de que “a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens” (FOUCAULT, 2010, p.14), sendo assim, “é a própria condenação que marcará o delinquente com sinal negativo e unívoco” (FOUCAULT, 2010, p.15). Assim, passa-se a desenvolver a punição generalizada, em que todos os condenados são punidos igualmente, sendo acorrentados e obrigados a exercerem trabalhos pesados.

Apesar de a nova forma de punir ainda ser considerada física esta se difere da punição presente nos suplícios.

Não tocar mais no corpo, ou o mínimo possível, e para atingir nele algo que não é o corpo propriamente. Dir-se-á: a prisão, a reclusão, os trabalhos forçados, a servidão de forçados, a interdição de domicílio, a deportação – que parte tão importante tiveram nos sistemas penais modernos – são penas “físicas”: com exceção da multa, se referem diretamente ao corpo. Mas a relação castigo-corpo não é idêntica ao que ela era nos suplícios. O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem (FOUCAULT, 2010, p. 16).

A punição não é mais aplicada ao corpo, mas sim, à alma. Desta forma, punia-se não só pelo que o homem fazia, mas evitava-se o que poderia vir a fazer.

Durante o século XVIII, surge uma nova forma de castigo, que visava “não punir menos, mas punir melhor” (FOUCAULT, 2010, p. 79).

O verdadeiro objetivo da reforma, e isso desde suas formulações mais gerais, não é tanto fundar um novo direito de punir a partir de princípios mais equitativos; mas estabelecer uma nova “economia” do poder de castigar, assegurar uma melhor distribuição dele, fazer com que não fique concentrado demais em alguns pontos privilegiados, nem partilhado demais entre instâncias que se opõem; que seja repartido em circuitos homogêneos que possam ser exercidos em toda parte, de maneira contínua e até o mais fino grão do corpo social (FOUCAULT, 2010, p. 78).

A pena passa a ser calculada não pelo crime em si, mas por sua possível repetição e pelos efeitos que pode vir a gerar, ou seja, “visar não à ofensa passada, mas à desordem futura. Fazer de tal modo que o malfeitor não possa ter vontade de recomeçar, nem possibilidade de ter imitadores” (BARNAVE, 1971, p. 9, *apud*. FOUCAULT, 2010, p. 89). A nova forma de punir passa por algumas regras: (i) *regra da quantidade mínima*, em que o culpado passa a ter mais “interesse em evitar a pena que em arriscar o crime” (FOUCAULT, 2010, p. 90), pois nota-se que os malefícios da pena são maiores que os benefícios do crime; (ii) *regra da idealidade suficiente*, em que o culpado está exposto à ideia da dor, sem que necessariamente se utilize do corpo para punir; (iii) *regra dos efeitos laterais*, em que o culpado é posto como escravo eternamente, esta punição era pior que a ideia da morte, pois “a dor da escravidão, para o condenado, está dividida em tantas parcelas quantos instantes de vida lhe restam” (FOUCAULT, 2010, p. 91); (iv) *regra da certeza perfeita*, elaboração de uma legislação escrita, tornando o processo público; (v) *regra da verdade comum*, é necessário que a verdade de um crime seja comprovada para que então seja admitida; (vi) *regra da especificação ideal*, a necessidade de um código que contenha todo tipo de infração, contendo os crimes e suas respectivas penas. Neste ponto, cabe ressaltar que surge a necessidade da “individualização das penas”, tendo em vista as características de cada criminoso, sua intenção e a circunstância do crime.

Com isso, o foco deixa de ser o crime e passa a ser a criminalidade. Diante disso, torna-se importante a distinção entre réu primário e reincidente.

A ideia principal nesta nova maneira de punir é tentar encontrar na desvantagem o castigo, a fim de que o crime se torne algo sem atração ou uma atração que não compensa. Para tanto, é preciso seguir algumas condições: o castigo deve decorrer do crime; diminuir o atrativo em cometer crime; o uso de uma modulação temporal, ou seja, as penas devem ter um fim, um prazo para terminar e deve ter um sistema progressivo; deve ser imposto o trabalho como forma de servir a sociedade; permitir visitas aos condenados com o intuito de instruir a sociedade sobre punição; reensinar a vida social aos condenados. A ideia era que “para cada crime, sua lei; para cada criminoso, sua pena” (FOUCAULT, 2010, p.109), de forma a singularizar a pena. A simples reclusão “é cara, mantém os condenados na ociosidade, multiplica-lhes os vícios” (FOUCAULT, 2010, p.110).

Na época clássica, segundo Foucault (2010), foram criados modelos de encarceramento punitivo: o *Rasphuis de Amsterdam*, aberto em 1596, foi o mais antigo, inspirou vários outros, e tinha como princípios fundamentais: a duração das penas, que deveriam variar conforme o comportamento do prisioneiro, e o trabalho obrigatório.

(...) pelo trabalho feito, os prisioneiros recebiam um salário. Enfim, um horário estrito, um sistema de proibições e de obrigações, uma vigilância contínua, extorsões, leituras espirituais, todo um jogo de meios para “atrair o bem” e “desviar o mal” enquadrava os detentos no dia-a-dia (FOUCAULT, 2010, p. 117).

Tem-se, assim, uma junção entre técnicas penitenciárias do século XVIII e teorias de transformação pedagógica e espiritual do século XVI, a fim de trabalhar a alma do detento, preenchendo os dias com atividades e horários definidos, juntamente com as obrigações e proibições. Buscava-se, com isso, transformar o detento, corrigindo seu erro, e não apenas punindo-o pelo crime cometido.

A partir desse aspecto corretivo, surge, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, a ideia dos corpos dóceis, disciplinados.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um

trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos (FOUCAULT, 2010, p. 133).

As disciplinas servem, portanto, para que seja feito o que se quer e da maneira que se quer. A disciplina cria a individualidade dos corpos, que serão observados, adestrados e controlados, devido à crença de que a observação inibe os presos. Como consequência dessa disciplina, surgem os corpos “dóceis” (FOUCAULT, 2010, p. 133), em outras palavras, corpos submissos.

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior "adestrar"; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utiliza-las num todo (FOUCAULT, 2010, p. 164).

De acordo com Foucault (2010, p. 164), “a disciplina fabrica indivíduos”. E, para disciplinar, é preciso uma espécie de cerca, ou seja, “um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 137); e evitar distribuir os indivíduos por grupos; criar locais funcionais, isto é, “lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil” (FOUCAULT, 2010, p. 139). Além disso, se faz necessário controlar as atividades dos detentos, como, por exemplo, os horários; o tempo de cada ato; a relação entre corpo e gesto; relação entre corpo e objeto manipulado; a não ociosidade, não desperdiçando tempo. Foucault discute também acerca da organização das gêneses, em que a pessoa é recompensada pelo trabalho bem feito ou pelo comportamento exemplar, podendo passar de nível. Para isso, é importante que se divida o tempo em sequências, segmentadas, de forma que se crie um sistema crescente e com finalizações, estabelecendo os deveres de cada sequência.

No entanto, o esquema do encarceramento, o fechamento em locais que impossibilitam entrar ou sair, passa a ser substituído por aberturas, locais mais transparentes através dos quais se possa vigiar. O poder disciplinar, aos poucos, passa a ter por base “o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (FOUCAULT, 2010, p. 164). Este último trata-se do “controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar,

classificar e punir” (FOUCAULT, 2010, p. 177). A disciplina passa a ter como foco o olho que tudo vê, a vigilância permanente como forma de disciplinar o outro.

Seguindo esta mesma ideia, temos o exemplo do Panóptico de Bentham, que é a arquitetura que ilustra perfeitamente esse olhar disciplinador, que Foucault descreve da seguinte maneira:

Na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um condenado (...). Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente pela claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente (FOUCAULT, 2010, p. 190).

Com essa arquitetura, torna-se impossível o diálogo entre os condenados, evitando, assim, complôs, má influência, elaboração de planos para crimes futuros, garantindo, conseqüentemente, a ordem, garantida não só pela separação dos condenados como também pela vigilância, pelo efeito que o Panóptico causa de os condenados pensarem estar sendo observados a todo tempo, mesmo que isso não ocorra. A arquitetura do Panóptico induz no detento “um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação” (FOUCAULT, 2010, p. 191). O importante é que os detentos sintam-se vigiados para que haja disciplina, sendo desnecessário aplicar a força para obrigá-los a se comportarem bem. A teoria do Panóptico se baseia em vigiar e não em punir a fim de obter bons comportamentos. E, também, como afirma Foucault (1979, p. 130), “se percebeu ser mais rentável vigiar que punir”, por isso a mudança no processo de punição.

No fim do século XVIII e no princípio do século XIX, a partir do Panóptico e de mecanismos de coerção, surge a prisão como forma de disciplinar os condenados incessantemente. “A forma geral de uma aparelhagem para tornar os indivíduos dóceis e úteis, através de um trabalho preciso sobre seu corpo, criou a instituição-

prisão, antes que a lei a definisse como a pena por excelência” (FOUCAULT, 2010, p. 217). Fez-se da detenção a pena, tendo em vista que a prisão é a privação da liberdade, considerada um bem de todos, sem distinção.

De acordo com o filósofo, alguns princípios devem ser levados em consideração na prisão: “isolamento do condenado em relação ao mundo exterior”, sendo a solidão uma forma de afastá-lo de seus cúmplices e uma forma de reflexão de seus atos (FOUCAULT, 2010, p. 222, 223); “o trabalho, como agente de transformação carcerária” (FOUCAULT, 2010, p. 226), já que mostra ao condenado o valor do dinheiro ganho com suor, resultado de muito trabalho; “a duração do castigo” (FOUCAULT, 2010, p. 231), com meta prefixada, devendo variar conforme o comportamento do condenado. Para isso, criou-se uma espécie de boletim individual no qual eram escritas observações sobre cada detento. Esse aspecto disciplinador que foi inserido na prisão é o que se chama penitenciário (visto como suplemento da prisão).

Alguns princípios, segundo Foucault, regem a boa condição penitenciária, tais como: o *princípio da correção*, que está relacionada à transformação no comportamento do indivíduo (p. 255); *princípio da classificação*, em que os detentos são separados de acordo com a gravidade de seu crime, sua idade, entre outros aspectos; *princípio da modulação das penas*, o desenrolar das penas pode ser modificado de acordo com o comportamento do detento; *princípio do trabalho como obrigação e como direito*, o trabalho é visto como meio de transformação; *princípio da educação penitenciária*; *princípio do controle técnico da detenção*, as pessoas que trabalham na prisão devem ser especializadas para tais funções; *princípio das instituições anexas*, prestação de assistência aos condenados durante e após a prisão.

Alguns desses princípios vão ser encontrados na metodologia apaqueana brasileira, como podemos observar no tópico a seguir.

2.1. O Sistema Prisional no Brasil

Antes do período colonial, os índios utilizavam o castigo ou o sacrifício como forma de punir aqueles considerados inimigos dos clãs. Já no período colonial, aparecem as prisões como meio de garantir julgamentos, pois se tinha a certeza de que a pessoa estaria na prisão quando fosse julgada. As penas variavam entre enforcamento, banimento e infâmia.

Em meados de 1551, surge a primeira prisão brasileira, construída na sede do Governo-Geral, em Salvador (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 36). Em seguida nascem os fortes, que eram prisões construídas nas Fortalezas e onde inimigos do reino eram executados (KLOCH & MOTTA, 2008, p.24).

Em 1889, após a proclamação da República, “promulgou-se o Código Penal, como fonte legislativa de evolução do sistema prisional brasileiro, pois se iniciou neste período a humanização das prisões” (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 37), já que constataram que manter o delinquente preso não era a única função do sistema prisional, se o fosse, a prisão não passaria de um depósito de delinquentes.

Não deve o Estado, no exercício penal, na sua função disciplinadora, deixar de aplicar a pena como função punitiva, mas, neste mesmo tempo tem o dever de introduzir comportamentos sociais ao apenado, (res)socializando, (re)educando e (re)inserindo ao convívio social (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 60).

A partir disso, “a pena passou a ter uma função social. Com a busca pelos direitos humanos, as penitenciárias passaram a ser locais de recuperação e reeducação dos condenados” (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 24). Ainda de acordo com estes autores, em 1552, foi criado em *Bridewell* o primeiro local que se preocupava não só em aplicar o castigo ao delinquente, mas também em reeducá-lo, este lugar era denominado *House of Correction*, que inspirou a criação de novas formas de punir em todo o mundo.

Em 1940, “foi publicado o novo Código Penal, que regulamentou: as liberdades; o sistema de regimes de cumprimento de pena; o sistema progressivo e regressivo de regime” (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 38). Sistema esse utilizado até hoje. Já a Constituição Federal de 1988 coloca a dignidade da pessoa humana como

direitos fundamentais, e determina que os presos devam ser separados conforme alguns critérios como o delito, a idade e o sexo.

Porém, o Estado passa por alguns problemas ao tentar aplicar a pena com esse caráter (res)socializador, respeitando os direitos humanos dos presos, como colocam Kloch e Motta (2008):

O Estado enfrenta dificuldades em estabelecer mecanismos de punição que conduzam à ressocialização, sobretudo diante do excessivo crescimento da população prisional e do despreparo de seus agentes, falta de estruturas, investimentos, fiscalização e da clareza das normas de gestão quanto à administração das unidades do sistema prisional (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 97).

Como forma de auxílio na execução da pena, vários órgãos foram instituídos pelo Estado: o *Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária*, que tem como um dos objetivos “propor diretrizes da política criminal quanto à prevenção do delito” (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 114); o *juízo da Execução*, que zela pelo “cumprimento da pena e medida de segurança; progressão e regressão nos regimes” (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 115); entre outros; o *Ministério Público*, que tem por função “fiscalizar a regularidade das guias de recolhimento e de internamento” (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 116); o *Conselho Penitenciário*, que tem a função de “emitir parecer sobre indulto e comutação de pena” (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 116); os *Departamentos Penitenciários*, que têm como função principal a “supervisão dos estabelecimentos prisionais” (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 116); o *Patronato*, responsável, principalmente, por promover ao preso “sua recolocação no mercado de trabalho” e pela “prestação de assistência jurídica” (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 116); e o *Conselho da Comunidade*, responsável por “diligenciar a obtenção de recursos materiais e humanos para melhor assistência ao preso” (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 117).

Apesar de existir todos estes órgãos, o sistema penitenciário público brasileiro enfrenta problemas e parece não dar conta de seus principais objetivos, tais como: a punição juntamente com a (res)socialização do preso, tendo em vista que o número de população carcerária só aumenta, originando em superlotações nos presídios. A

partir disso, o que se tem são presos vivendo em más condições, muitas vezes, consideradas desumanas.

A respeito da prisão, Foucault (2010) coloca:

A prisão, conseqüentemente, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinquentes perigosos (...) fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho inútil, para o qual não encontrarão utilidade (FOUCAULT, 2010, p. 252).

Assim são as prisões brasileiras e, em função dessa situação precária, o Estado foi obrigado a permitir que a gestão administrativa prisional ficasse a cargo da iniciativa privada, o que se deu em torno de 1992. Segundo Kloch e Motta (2008),

As empresas privadas participam de um processo de licitação, onde se responsabilizam a executar todos os serviços que garantam o pleno funcionamento da penitenciária, abrangendo recursos humanos e materiais destinados a hospedagem, manutenção, saúde, segurança, alimentação, recreação, terapia ocupacional, educacional e profissional dos internados. Todos os atos são fiscalizados diretamente pelo Estado, através dos órgãos da execução penal (KLOCH & MOTTA, 2008, p. 136).

Como alternativa de humanização do sistema prisional brasileiro, como coloca o Tribunal de Justiça (TJ), surgem as APACs (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados). Pois, como afirma Ottoboni (2006, p. 38), “prender o criminoso faz com que ele piore; soltá-lo ou não prendê-lo estimula o crime”, portanto, “não basta prender, é preciso recuperar” (OTTOBONI, 2006, p. 37).

Em 1972, em São José dos Campos, São Paulo, um grupo de voluntários cristãos, liderados pelo advogado e jornalista Mário Ottoboni, começou a frequentar o presídio Humaitá, com o intuito de contribuir para a melhoria da questão prisional, evangelizando os presos, tendo em vista que neste presídio aconteciam inúmeras rebeliões, fugas e cenas de violência. A esse grupo, inicialmente, foi dado o nome de “Amando ao próximo, amarás a Cristo”. Contudo, ao perceberem que o trabalho não era o suficiente, dada a falta de experiência com o sistema prisional, a Pastoral Penitenciária notou a necessidade de se constituir uma entidade juridicamente organizada, destinada especificamente à recuperação de condenados, com isso,

resolveram criar, em 1974, a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC), dotada de personalidade jurídica de direito privado.

A finalidade dessa associação é "recuperar o preso, proteger a sociedade, socorrer a vítima e promover a justiça" (OTTOBONI, 2001, p. 33), tendo como filosofia "matar o criminoso e salvar o homem" (OTTOBONI, 2001, p. 45), pois se acredita que ninguém seja irrecuperável. A APAC busca, então, a recuperação juntamente à aplicação da pena.

Por oportuno, cumpre ressaltar que a APAC, entidade jurídica sem fins lucrativos, possui três regimes: fechado, semiaberto e aberto, e seu sistema penal é progressivo, o que significa que o recuperando passa de um regime ao outro na medida em que vai progredindo (ou seja: passará do fechado para o semiaberto, e deste para o aberto). Os critérios para aferir se o condenado está ou não em condições de progredir é o tempo de cumprimento da pena e o seu comportamento na instituição, sendo o trabalho um dos requisitos para a diminuição da pena, pois cada três dias de trabalho é um a menos na pena.

Cabe ressaltar que a APAC é filiada à *Prison Fellowship International* (PFI), órgão consultivo da ONU para assuntos penitenciários, e à Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (FBA), que congrega, fiscaliza e dá suporte a todas as APACs do Brasil. Além disso, a APAC possui uma metodologia própria norteada por 12 elementos, de acordo com Ottoboni (2001): participação da comunidade; recuperando ajudando recuperando; trabalho; religião; assistência jurídica; assistência à saúde; valorização humana; família; o voluntário e o curso para sua formação; CRS (Centro de Reintegração Social); mérito; e jornada de libertação com Cristo. Além disso, a APAC não possui agentes penitenciários armados, sendo a vigilância realizada pelos próprios recuperandos. E câmeras de segurança são encontradas apenas na administração.

Na metodologia apaqueana, o termo 'recuperando'¹¹ é usado ao invés de 'preso', 'detento', 'delinquente', entre outros, considerados pejorativos, pois estes vão contra a filosofia da APAC, que é de recuperar o homem que existe por trás do

¹¹ "Numa proposta de valorização humana, é admissível o eufemismo 'recuperando', para evitar o uso dos termos: 'preso', 'interno', 'apenado', 'condenado', 'reeducando', 'encarcerado', etc., os quais, embora verdadeiros, não deixam de chocar e depreciar o ser humano" (OTTOBONI, 2000, *apud* OTTOBONI, 2006, p. 46).

criminoso, valorizando-o. Além disso, os recuperandos são chamados pelo nome, a fim de valorizar cada indivíduo.

Segundo dados divulgados no site do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) ¹², existem hoje no Brasil, em média, 120 APACs em funcionamento, destas, 26¹³ em Minas Gerais, sendo a primeira sede construída em Itaúna, nos anos 80. Em Viçosa, foi implementada em 2005.

Cabe destacar que o custo médio de um preso para o Estado em sistema prisional comum é de R\$ 1.600,00, enquanto na APAC é de R\$ 400,00, por ser esta uma entidade que se baseia no trabalho voluntário e no trabalho dos próprios recuperandos. Além disso, dados comprovam que a reincidência é bem menor no método APAC. Como podemos ver nos gráficos¹⁴ a seguir:

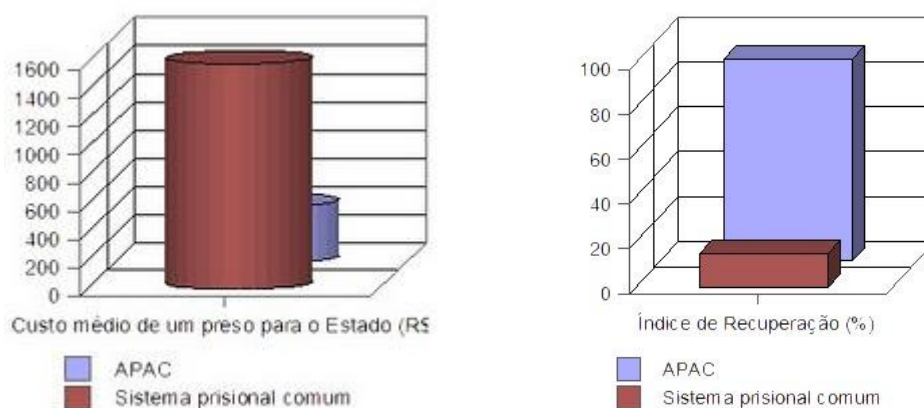


Figura 5: gráficos comparativos do custo médio de um preso para o Estado (gráfico 1) e do índice de recuperação (gráfico 2) da APAC e do Sistema prisional comum.

No que tange aos trabalhos já realizados na APAC – Viçosa, a maioria diz respeito à área nutricional, como palestras ministradas por nutricionistas a respeito de alimentos e cuidados ao armazená-los; religiosa, leituras e reflexões acerca de textos bíblicos; ou jurídica, sendo um dos projetos de maior destaque o projeto de extensão “RecuperAÇÃO: da ressocialização do condenado a proteção da

¹² <http://www.tjmg.jus.br/>

¹³ Lista das APACs de Minas Gerais:

http://www.dac.mg.gov.br/index.php?option=com_content&view=category&id=49&Itemid=74

¹⁴ Gráficos retirados do blog da APAC Viçosa: <http://apacvicosa.blogspot.com>

sociedade”, do departamento de Direito da Universidade Federal de Viçosa, através do qual é dada assistência jurídica e aulas de execução penal aos recuperandos.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa pelo fato de se “buscar compreender um fenômeno social” (BAUMAN, 2005, p. 21) em sua complexidade. Para Resende (2005, p.113), “a pesquisa de natureza qualitativa lida com descrições e interpretações da realidade social a partir de dados interpretativos”. Para tanto, foram utilizadas narrativas escritas produzidas pelos recuperandos da APAC, considerando, portanto, o contexto sócio histórico em que estão inseridos.

3.1. Contexto e Participantes

Esta pesquisa é de cunho etnográfico-discursiva e foi realizada entre os meses de março e junho de 2011. A geração e coleta de dados foram realizadas por meio de observação participante e por meio das aulas de produção de textos. Segundo Resende (2011, p. 83), retomando as discussões de Bogdewic (1992), a observação participante caracteriza-se por ser interna, situada na ação e prática cotidiana, “em que o/a pesquisador/a envolve-se diretamente nas atividades dos/as participantes da pesquisa”. Além disso, continua a pesquisadora, a observação participante “consiste não apenas em estar presente no contexto a ser pesquisado, mas em participar das atividades observadas, tornar-se um membro do grupo”.

A pesquisa foi realizada então na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC), na unidade situada no município de Viçosa, Minas Gerais. A APAC, cujo slogan é “recuperar o preso, proteger a sociedade, socorrer a vítima e promover a justiça” (OTTOBONI, 2001, p. 33), tem por finalidade, então, a recuperação do condenado enquanto este cumpre pena. A filosofia da associação é “matar o criminoso e salvar o homem” (OTTOBONI, 2001, p. 45).

A pesquisadora soube da metodologia da APAC por meio de amigos do curso de Direito que já haviam realizado projetos na instituição, e ficou interessada em conhecer o contexto da APAC de forma a desenvolver sua pesquisa no local. Procurou, então, a administração para saber se seria possível realizar a pesquisa sobre construção de identidades dos recuperandos. Obtendo a resposta positiva, a pesquisadora foi avisada de que só poderia pesquisar o regime fechado e que não

poderia apenas coletar dados, mas, também, desenvolver um trabalho voluntário, tendo em vista a própria metodologia apaqueana que não permite as pessoas irem até os recuperandos apenas para conseguirem o que querem, é preciso, também, ajudar os recuperandos, mostrar que eles serão beneficiados com o trabalho ali desenvolvido.

Para tanto, a pesquisadora precisou ler material sobre a metodologia da APAC e fazer um curso preparatório para, então, dar início às oficinas de produção de texto no regime fechado. Neste curso foi discutido como deve ser o voluntário¹⁵, abordando os aspectos sobre o que falar e o que não falar (por exemplo, não é permitido falar sobre crime); tipo de roupa que deveria vestir (permitido apenas calça jeans, tênis, blusas fechadas até o pescoço e com manga, evitar brincos, maquiagem, cabelos soltos) e o modo de lidar com os recuperandos, como por exemplo, se apertasse a mão de um deveria apertar a de todos para que não houvesse sentimento de inferioridade; objetos - só era permitido entrar com o material das oficinas, não podendo levar aparelhos eletrônicos; no que diz respeito à música, só era permitida usá-la nas oficinas após ser aprovada pela administração que analisava as letras.

A APAC possui três regimes: fechado, semiaberto e aberto, e o sistema penal é progressivo¹⁶, o que significa que o recuperando passa de um regime ao outro na medida em que vai progredindo (ou seja: passará do fechado para o semiaberto, e deste para o aberto). Os critérios para se aferir se o condenado está ou não em condições de progredir é o tempo de cumprimento da pena e o seu comportamento na instituição.

Para tal pesquisa, foi designado o regime fechado – que é justamente o mais rigoroso deles. Os recuperandos têm que cumprir, em regra, 1/6 da pena neste regime para que possam progredir para o semiaberto. A lotação máxima, no regime fechado, é de dezoito homens. A escolha pelo regime fechado se deu por exigência da coordenação da própria instituição, pelo fato de as oficinas de produção de texto

¹⁵ Ottoboni (2006) dedica o capítulo IV inteiro de seu livro “Vamos matar o criminoso? – método APAC” para falar sobre como deve ser o voluntário e sua relação com o recuperando.

¹⁶ “Para o sistema progressivo ser alcançado e mantido, exige-se mérito, conduta exemplar do preso, porque é também regressivo, e a regra é aplicada quando o beneficiado revela conduta incompatível com o regime que desfruta” (OTTOBONI, 2006, p. 48).

se realizar neste tipo de regime. No semiaberto, os recuperandos passam pelo processo de profissionalização, e no aberto, eles adquirem o direito ao trabalho externo.

Dessa forma, foram analisadas algumas das narrativas produzidas durante as oficinas de produção de texto, realizadas dentro da cozinha do próprio regime fechado, que eram dadas uma vez por semana e tinham a duração de uma hora (toda terça feira de dez às onze horas), totalizando em dezesseis oficinas. Estas foram parte do trabalho voluntário exercido pela pesquisadora na APAC.

A escolha pelas narrativas a serem analisadas se deu de acordo com temas mais propícios à recorrência de aspectos que caracterizassem a construção de identidade dos recuperandos. Cabe ressaltar que as demais narrativas foram publicadas em um blog criado especificamente para as oficinas de produção de texto, cujo nome é 'Blog dos Recuperandos'¹⁷.

Apesar de o regime fechado comportar dezoito pessoas, cabe ressaltar que os recuperandos não eram obrigados a participar das oficinas, podendo, assim, participar quando quisessem, pois a participação deveria ser espontânea. Além disso, durante o período de coleta de dados, ocorreram dinâmicas do próprio método no regime fechado, como: recuperando que progrediu, passando, assim, para o regime semiaberto; recuperando que regrediu, ou seja, voltou para a cadeia pública; recuperando em castigo, o que implica no isolamento não podendo executar nenhuma atividade. Portanto, não foi possível delimitar um número exato de participantes, tendo em vista que nem todos participaram de todas as oficinas.

Metodologicamente, os participantes não foram identificados com seus nomes verdadeiros, mas sim pelas iniciais do nome ou por apelidos por eles inventados, mas, para o desenvolvimento das análises não especificaremos os recuperandos, tendo em vista que não foram os mesmos que participaram das quatro oficinas destinadas a presente pesquisa. Portanto, iremos nos ater apenas às narrativas, identificando-as como N.1, N.2, N.3, e assim por diante, de cada bloco, conforme dividido nos anexos.

¹⁷ <http://blogdosrecuperandos.blogspot.com/>

Cabe ressaltar que todos os recuperandos são da cidade de Viçosa, e têm entre vinte e três (23) e cinquenta e quatro anos (54), com grau de escolaridade entre 1ª série do ensino fundamental e ensino superior, sendo que a grande maioria não chegou a concluir o ensino fundamental. No que diz respeito aos crimes cometidos pelos recuperandos, alguns deles foram condenados por tráfico de drogas, outros, não se sabe, já que não é permitido entrar nesse assunto, cabendo aos recuperandos dizer ou não o que os levaram a prisão. Porém, este fator não se faz relevante para o desenvolvimento da análise da construção de suas identidades, pois, afinal, independente do crime, todos se encontram na mesma situação, sendo punidos da mesma forma e expostos aos mesmos discursos da metodologia da APAC.

3.2. Instrumento de coleta de dados

Como instrumentos da pesquisa etnográfica, foram utilizadas narrativas escritas que tratassem de temas que pudessem evidenciar construções identitárias dos sujeitos.

Os temas das narrativas em questão foram:

1. “Quem sou eu?” (realizada no dia 12/04/2011), na qual os recuperandos deveriam responder a esta pergunta, escrevendo o que acreditassem que os descreveriam;
2. “Quem é ele?” (realizada no dia 03/05/2011), na qual eles tinham que escrever sobre o recuperando que estivesse sentado ao lado esquerdo deles;
3. “Trajetória” (realizada no dia 31/05/2011), na qual eles deveriam relatar suas histórias de vida.

Em todas as narrativas, os recuperandos podiam inserir as informações que quisessem.

Segundo Junior e Barcelos (2006, p. 24), “na pesquisa qualitativa, as narrativas se configuram como instrumentos de coleta de dados contextuais onde o participante relata sobre suas experiências por escrito de maneira livre”. Neste direcionamento, Tarallo (1985) também afirma que:

Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma. A desatenção à forma, no entanto, vem sempre embutida numa linha de relato, a que chamaremos 'estrutura narrativa' (TARALLO, 1985, p. 23).

O uso das narrativas como instrumento de coleta de dados nos ajuda a compreender como os indivíduos experienciam suas ações, sua relação com o mundo e com o outro, e deixam revelar como se sentem afetados, influenciados ou mesmo seduzidos.

No que diz respeito à análise das narrativas coletadas, foi levado em consideração o contexto sócio histórico em que os recuperandos se encontravam quando da produção das narrativas, pois, como afirmam Johnson e Golombek (2002):

As narrativas não são simplesmente histórias individuais que refletem sobre experiências. São, por natureza, sociais e relacionais já que adquirem sentido dentre nossas histórias sociais coletivas. Sendo assim, não podem ser dissociadas ou separadas de nosso contexto sócio-histórico e cultural, fatores que devem ser levados em consideração quando da análise e interpretação de dados (JOHNSON, GOLOMBEK, 2002 *apud.* JUNIOR & BARCELOS, 2006, p. 25).

Podemos observar que as narrativas cumprem uma finalidade e função social, pois podem nos dizer muito sobre a vida destes recuperandos, já que podem nos revelar as mudanças nas experiências e perspectivas destes sujeitos, ou seja, como interpretam seu presente, passado e futuro. “Ao mesmo tempo em que o entrevistado organiza seu pensamento para assim redigir a narrativa, ele acaba por refletir sobre suas experiências, ocorrendo, desta forma, uma autoanálise de sua vida” (CUNHA, 2001, *apud.* JUNIOR & BARCELOS, 2006, p.24). Em função disso, podemos inferir que trabalhar com narrativas pode ser uma forma de desenvolver um trabalho eminentemente de intervenção social, já que escrevendo, os recuperandos podem se autoavaliar, refletir sobre suas vidas, compreender certos fatos e tentar mudar a realidade em que vivem ou mesmo tentar transformar atitudes e comportamentos, isto é, refletir acerca de quem são.

Outra questão que envolve a produção de narrativas e que se justifica para os objetivos desta pesquisa é que antes de produzir narrativas, o sujeito tem de

relembrar, recordar os fatos e organizá-los de forma a reconstruir as histórias. Funciona assim como um instrumento capaz de construir e reconstruir identidades, operando num processo de autorreflexão em que o sujeito passa a pensar sobre si, ou seja, torna-se visível a si mesmo. O fato de o sujeito lembrar-se de determinadas situações, fatos e acontecimentos e excluir outros, já nos leva a compreender como o sujeito está se construindo, de que forma está se conhecendo ou mesmo se reconhecendo socialmente. Dessa forma, a maneira com que o sujeito narra e a maneira como ele a faz revela sua identidade, ou identidades.

Como foram coletadas as narrativas? As narrativas fizeram parte de uma ementa da oficina de produção de texto. Entre uma atividade e outra da oficina, os recuperandos teriam que produzir três narrativas, que foram coletadas e analisadas para fins de pesquisa. O primeiro grupo teve um total de oito (8) narrativas, desenvolvidas a partir da seguinte pergunta: Quem sou eu? O segundo teve também o número de oito (8) narrativas, estas feitas a partir da pergunta: Quem é ele? E o terceiro foi sobre a trajetória de vida deles, tendo cinco (5) narrativas. No total, foram analisadas vinte e uma (21) narrativas.

3.3. Categorias de análise

As análises das narrativas seguiram os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica, a partir de categorias propostas por Fairclough (2001, 2003). Dessa forma, a análise partiu da percepção de um problema social, relacionado ao discurso, em alguma parte da vida social (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 60); em seguida, verificou-se quais foram os obstáculos para que o problema fosse superado – quais as características permanentes nas redes de práticas que sustentam o problema observado – através de três focos de análise correlacionados: *análise da conjuntura*, *análise da prática particular* e, finalmente, *análise de discurso* (com dupla orientação, para a estrutura e para a interação).

Para analisar o discurso, levando em consideração sua natureza social, Fairclough propõe a concepção tridimensional do discurso, que funciona como um quadro metodológico, como se observa a seguir:



Figura 6: Quadro tridimensional do discurso (Fairclough, 2001).

Fairclough (2001) afirma que toda análise discursiva deve partir do texto, observando-se o vocabulário, a gramática, a coesão, e a estrutura textual. Ele afirma que “as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 104). Em seguida, parte-se para a prática discursiva, que se trata de uma análise interpretativa, onde serão verificados os processos de produção, distribuição e consumo textual, ou seja, todos os aspectos que condicionam a produção do texto (quem produziu; como é divulgado; etc.). A partir da prática discursiva, chega-se à prática social, onde se tem uma análise explicativa, em que se verificam as ideologias emanadas pelo discurso, as construções de identidades e as relações de poder presentes no mesmo, já que é no uso da linguagem que a palavra deixa de ser neutra e passa a adquirir um caráter ideológico. Esse método de análise é relevante para os estudos linguísticos, pois abrange muito mais que o texto, já que trabalha com o que está subentendido, considerando os aspectos de sua produção.

Como toda análise do discurso deve abranger aspectos linguísticos e sociais em sua análise, no que diz respeito à parte linguística, utilizaremos dois dos três tipos de significados propostos por Fairclough (2003), conforme discutido no referencial teórico: *significado representacional*, e *significado identificacional*. Estilos constituem o aspecto discursivo de identidades, ou seja, relacionam-se à identificação de atores sociais em textos” (RESENDE, 2006, p. 76). Será verificado como estes são realizados nas narrativas, observando, também, os discursos e

estilos utilizados nas mesmas e como isso ocorre, pois, de acordo com Resende, “gêneros, discursos e estilos ligam o texto a outros elementos da esfera social – as relações internas do texto a suas relações externas” (RESENDE, 2006, p. 61).

Portanto, iremos analisar as seguintes categorias: **Sistema de Transitividade** (processos mentais, relacionais, verbais e materiais - observar quais desses processos aparecem com maior frequência); **Modalidade** (probabilidade, frequência, obrigação - quais são os tipos mais frequentes, se são epistêmicas ou deônticas), **Significado de palavras** (principalmente em relação ao léxico preso), e os **Interdiscursos** (se há a presença de outros discursos relacionados ao da instituição APAC, como família, religião e direito).

3.4 Fases da pesquisa

Para desenvolver este estudo, a pesquisadora, em primeiro momento, trabalhou na fase exploratória (BAUMAN, 2005, p. 26), em que se ateve ao aparato teórico, fazendo leituras e fichamentos dos textos e traçando relações entre os diferentes autores que foram utilizados no *corpus*, como Foucault (2010), Bauman (2005), Hall (2002) e Fairclough (2001), a fim de delimitar o objeto de pesquisa e a forma como este seria pesquisado - estudado.

O segundo passo foi ler a respeito do método APAC através de material fornecido pela própria instituição, para conhecer como o trabalho é desenvolvido e compreender como se dá tal metodologia a fim de se preparar para dar início a suas atividades, ciente do que poderia ou não fazer nas oficinas, como se portar com os recuperandos, como se vestir, o que dizer ou não, enfim, conhecer as regras da instituição para desenvolver sua pesquisa conforme a metodologia apaqueana.

Em seguida, a pesquisadora deu início ao trabalho de campo, onde começou a pôr em prática sua pesquisa, dando início a suas atividades na instituição, sendo estas: oficina de produção de texto uma vez por semana para o regime fechado com duração de uma hora semanal, e desenvolvimento de um blog, onde foram publicados alguns dos textos produzidos nestas oficinas. Ou seja, nesta fase a pesquisadora observou seus participantes, no caso os recuperandos do regime fechado, interagindo com eles e levantando dados para sua pesquisa através das

narrativas produzidas pelos mesmos, podendo, então, confirmar ou não hipóteses antes feitas, como por exemplo, se os recuperandos se colocam como vítimas.

Portanto, pode-se dizer que a coleta de dados se deu por meio da pesquisa etnográfica, já que a pesquisadora teve contato direto com o objeto de pesquisa, no caso, os recuperandos.

Após a coleta de dados, iniciou a fase de análise e interpretação das narrativas, a partir do que foi estudado no aparato teórico.

Por fim, a pesquisadora se ateve à produção escrita de sua dissertação.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1. As escritas reflexivas sobre si: Quem sou eu?

O objetivo desta pesquisa, ao incorporar a pergunta “Quem sou eu?”, foi de tentar conhecer a estória e a trajetória dos recuperandos. O tom memorialístico nos permitira compreender, analisar e discutir a construção identitária destes sujeitos. A pergunta “Quem sou eu?” possibilita ao sujeito/recuperando desempenhar ao mesmo tempo, o papel de autor, ator e narrador, pois segundo Larossa (1996, p.470) citado por Portugal¹⁸ (2009) afirma que “ao narrarmos a nós mesmos, ao construir nosso caráter (a personalidade), nos construímos como indivíduos particulares, como um quem”¹⁹. O ato de escrever sobre si exige do recuperando o pensar sobre as suas vivências e a sua trajetória pessoal e social (até mesmo a criminosa), permeadas por valores e ideologias que demonstram a sua visão de mundo, com implicações na construção da sua identidade.

Iniciaremos a análise das narrativas explicitando os temas ali desenvolvidos pelos sujeitos-recuperandos. Das oito (8) narrativas analisadas, foi desenvolvido com mais frequência o tema família, em seguida, história da vida, amigos (amizade), hobbies e preferências, características, prisão, sofrimento/arrependimento, crime, estudos e profissão.

¹⁸ Disponível em: <http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20%2812%29.pdf>. Acesso: 02 fev 2012.

¹⁹ Minha tradução para: Es al narrarnos a nosotros mismos em lo que nos pasa, al construir el carácter (el personaje) que somos, que nos construímos como individuos particulares, como um quién (LARROSA, 1996, p. 470).

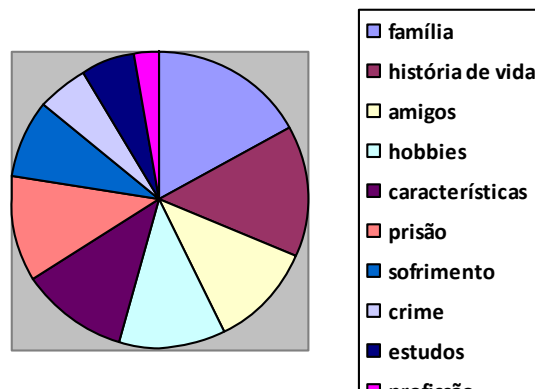


Figura 7 – Temas desenvolvidos nas narrativas ‘Quem sou eu?’

Ao falarem de si mesmos, metade dos recuperandos que escreveram as narrativas “Quem sou eu?” mencionam suas características (qualidades e defeitos), seus hobbies e preferências. Como podemos verificar em 1 a 3:

1. *“Me considero uma pessoa solidária, tenho espírito e dom de liderança, sou muito otimista, acredito muito no amanhã como um dia melhor. Tenho alguns defeitos como: prepotência, **mas** ao descobrir tenho trabalhado para me tornar uma pessoa melhor” (N.5);*
2. *“Sou uma pessoa alegre sou muito brincalhão gosto muito de Rep gosto de ver televisão não gosto de ler gosto muito de futebol. Gosto de ajuda as pessoas **apesar dos** meus erros sou muito solidário” (N.6);*
3. *“Sou uma pessoa que: sempre tive minhas escolhas próprias, sou bastante tímido, não tenho muita facilidade para fazer amigos; mas quando faço, levo-a com sinceridade e muita força para que seja eterna. Adoro cantar, brincar, sorrir, etc. Sou uma pessoa bastante feliz, é muito difícil alguém tirar a alegria que tenho” (N.7).*

Quando contemplados sobre si, os recuperandos, como se observa nos excertos acima, constroem reflexões interessantes, pois, ao atribuírem para si, por meio de processos relacionais e mentais de forma positiva as qualidades, há, na maioria das vezes, uma construção adversativa ou mesmo concessiva, que ressalta algo que está sendo melhorado, transformado. Segundo Bauman (2011, p. 101), citando Gillian Rose, “o começo é a potencialidade do ser; o fim, sua atualidade. (...) Mas é no meio que a potencialidade é aparada e ressolidificada”. É ali então na

APAC que eles irão refletir, pensar, sobre o começo e o possível fim (como o encerramento das possibilidades).

Outro tema recorrente nas narrativas é a história de vida. Nos excertos de 4 a 6, os recuperandos fazem referência aos seus lugares de origem e à sua infância, retratando as dificuldades. Vale destacar nos excertos abaixo a recorrência, verificada no corpus, do tema “trabalho”, deixando resvalar, talvez, o discurso de que o trabalho enobrece o homem, o dignifica.

4. *“Sou de origem pobre, mas sempre **trabalhei** muito” (N.3);*
5. *“Desde pequeno fui **trabalhador**, sempre lutei para ter o meu dinheiro” (N.4);*
6. *“Morei um bom tempo em Cubatão, S.P., estudei no Castelão no Casqueiro” (N.7);*

Ao falar de suas histórias de vida, apenas dois recuperandos narram a relação com o estudo. Observe que o abandono da escola está vinculado à falta de ânimo, mas não a que se refere o desânimo:

7. *“(…) ate que chego num ponto que larguei os estudos” (N.1);*
8. *“Estudei até o 1º ano numa escola técnica, no Cefet – Rp. Rio Pomba. Eu cursava zootecnia, **mais desanimei**, eu me sentia velho no meio dos jovens. Parei de estudar em 2009. Depois de um bom tempo que eu já havia parado, voltei nessa data, mais acabei desanimando” (N.7).*

É interessante notar que a maioria dos recuperandos fala sobre a família seja de forma sucinta, como por exemplo: “só resto a minha família, uma esposa que muitas vezes maltratei por calsa de pessoas que não valia nada” (N.1) ou dando mais informações (se é casado, quantos filhos tem, etc.), como forma de defini-los enquanto membros de família, assumindo as identidades de pai, marido, filho, irmão. Como podemos observar nos seguintes exemplos:

9. *“Me chamo M.E.S.tenho 40 anos, sou casado, tenho duas filhas, Kately e Karem” (N.3);*
10. *“Meu nome é C.A.R. Tenho cinquenta anos, sou filho de S.F.R. e C.A.R., tenho 7 irmãos e sou o mais velho da família. Sou casado tenho quatro filhos, o mais velho tem trinta anos e a mais nova tem quatro” (N.5).*

No que diz respeito à profissão, só um recuperando utiliza a profissão que exercia a fim de se definir: “minha profiçãõ é mecânico” (N.5). Colocando-o no presente, ele se constrói/ se identifica como mecânico, ou seja, algo que ele não deixou de ser pelo fato de estar preso.

Para Fairclough (2003), a identificação relacional se caracteriza pela identificação dos atores sociais em termos das relações pessoais, ou seja, na pesquisa, os recuperandos se auto identificam em relação aos seus amigos, família. O que a pessoa é depende muitas vezes da relação com o outro, das semelhanças e diferenças.

O tema ‘amigos’ também é bastante recorrente nas narrativas, como se estes, de fato, fizessem parte da história dos recuperandos, da constituição de suas identidades. Nos excertos abaixo, fica claro que os recuperandos ao repensarem sobre si refletem sobre suas relações pessoais, sobre o *lõcus* de vivência, da experiência, principalmente as amizades, consideradas, hoje, falsas. As circunstâncias de causa e contingência explicitam, na reflexão dos sujeitos, que a amizade era circunstancialmente econômica (“por calsa do meu dinheiro”, por exemplo):

11. *“amigos falsos que só era assim **por calsa do meu dinheiro**” (N.1);*
12. *“cade os amigos, **de que** servia o meu dinheiro e o nome que tinha – “De nada” os amigos sumirão” (N.1);*
13. *“Por que eu fui perceber que quando eu fiquei no pior foi que eu percebi que eu não tenho amigo **porcauza** quando eu estava na rua no bem bom eu tinha amigo mais agora sumil tudo” (N.4);*
14. *“Quantos disseram ser meus amigos, **mas** na hora que precisei de alguém ao meu lado só encontrei decepçãõ” (N.8).*

Observe que no excerto 12 é o meio em que se encontra (a prisão) que faz o recuperando refletir sobre o poder que detinha: o nome, o dinheiro. Tal reflexão, notadamente marcada pelo uso de processos mentais e relacionais, explicita a relação entre poder, dinheiro e amizades; relação superficialmente econômica e não afetiva.

Os amigos são representados como uma decepção na vida da maioria dos recuperandos, segundo Bauman (2011, p.105) tal sofrimento (percepção da falsa amizade) configura “a ansiedade do início”, ou seja, das possibilidades de vida, de ser alguém digno, livre. Ao narrar tais necessidades não satisfeitas, os recuperandos esperam o apoio daqueles que conviviam com ele, quando detinham o poder.

Algumas narrativas mencionam a condição dos recuperandos, como se observa nos excertos:

15. *“Cheguei a me sentir abandonado: num lugar triste e muito confuso, atrás das grades como um bicho selvagem que eu era, preso me transformei num detento, um numero, mercadoria do estado de Minas Gerais, sem direito de ir e vir” (N.1);*
16. *“Por mandado de prisão foi preso a onde me encontro hoje” (N.3); “Hoje estou privado da liberdade” (N.5);*
17. *“Hoje estou preso; luto pela minha recuperação” (N.7).*

É interessante observar que quatro dos três recuperandos que falam da prisão fazem uso do termo temporal: ‘hoje’, para marcar a condição de privação. Além disso, representam a prisão como um espaço de exclusão e sofrimento: *lugar triste, confuso, passar por dificuldades, humilhação, fome e frio.*

Outro aspecto curioso são os diferentes termos que os recuperandos usam para se referirem como presos: *preso, privado da liberdade, detento, número, mercadoria, sem direito de ir e vir.* Cabe ressaltar ainda a escolha dos processos relacionais, em “estou privado da liberdade, estou preso”, deixando claro que é uma condição temporária, ou seja, ele está e não ele é. Cada um desses termos possui um juízo de valor, já que podemos estar privados da nossa liberdade de diferentes formas, como por exemplo, filhos que são proibidos pelos pais de saírem, de tomarem decisões. Alguns termos nos conduzem a um discurso estatístico/capitalista, como *mercadoria, número*, enquanto outros ao discurso jurídico: *detento, preso.*

No excerto 15, o recuperando se auto identifica como “bicho selvagem”, uma representação que expressa o rompimento com a racionalidade das leis, com a humanidade.

Um dos recuperandos, ainda, nos apresenta o sofrimento pelo qual passou ao ser preso e que tal sofrimento foi um mal necessário para que mudasse de comportamento: *“mais para pensar assim tive que sofrer muito, passar por dificuldades, humilhação, fome, frio, sede, cheguei a me sentir abandonado: num lugar triste e muito confuso, atrás das grades como um bicho selvagem que eu era”* (N.1).

No entanto, a prisão é representada também como libertadora:

18. *“Sinto-me perdido no meio de tantas situações que me fazem sofrer. Eu sei que grande parte do sofrimento que carrego hoje aqui dentro de mim é consequência destas “feridas” abertas, que sangram constantemente em meu coração. Estou aqui para pedir a cura de todo esse sofrimento”* (N.8).

O que se observa nas narrativas é que a contemplação (sinto-me, eu sei), a reflexão, os leva à angústia do sofrimento, da dor, e “a cada tentativa de reparação” reforça a ansiedade da dor retratada metaforicamente pelas “feridas abertas, que sangram constantemente em meu coração”.

Podemos inferir que, apesar de estarem presos, alguns recuperandos não veem a prisão somente como algo negativo, mas sim, como uma oportunidade de mudar de vida, de pôr fim a um sofrimento causado por arrependimentos de atos do passado, como podemos observar em: *“Fiz muita besteira mais sou muito arrependido tenho um proposito não fase mais coisas errada não quero mais fase minha família sofre quero ser uma nova pessoa”* (N.6).

Um ponto que cabe ressaltar é o fato de, apesar de falarem sobre a prisão, a maioria sequer menciona o crime que cometeu, sendo apenas dois os que o fazem:

19. *“Mas para querer melhorar minha vida foi tentar assaltar e me dei mal pois tive a curiosidade de conhecer o crack e viquei rápido”* (N.3);

20. *“Larguei os estudos o trabalho e me entreguei por completo na vida do crime. E o prazer só aumentava, uma felicidade nos prazeres do mundo, drogas, mulheres e muito dinheiro”* (N.1).

No excerto 20, temos o crime pelo qual, possivelmente, o recuperando foi preso (assalto). Não dá para sabermos ao certo tendo em vista que, segundo ele, foi uma tentativa de assalto. Além disso, apesar de lidar com drogas, o recuperando se coloca apenas como um viciado. Em seguida, ele afirma ter sido preso, mas a ligação entre as frases não deixa claro que uma ação foi consequência da outra: “foi tentar assaltar e me dei mal pois tive a curiosidade de conhecer o crack e viquei rápido, por mandado de prisão foi preso a onde me encontro hoje” (N.3).

Já no excerto 21, o recuperando afirma que cometeu crimes, mas não sabemos exatamente quais, já que ele apenas menciona drogas e dinheiro, a partir dos quais poderíamos supor tráfico de drogas.

A ausência dos crimes nas narrativas talvez se justifique pelo fato de os recuperandos não serem obrigados a falar sobre os mesmos, regra esta encontrada na metodologia na APAC²⁰.

É interessante ainda destacar os títulos das narrativas, pois, a partir destes podemos refletir acerca das identidades ali constituídas. Em N1, cujo título é ***Um ser humano em “recuperação”***, o recuperando usa o termo *recuperação* entre aspas, o que nos leva pensar se de fato está ocorrendo a recuperação, ou seja, talvez não seja possível recuperá-lo, como ele mesmo descreve em sua narrativa, já ter inclinação para práticas e ações inadequadas, marcado reiteradamente, na narrativa, pela modalidade “sempre” [“sempre fui uma criança difícil, sempre achei que as coisas erradas era o que me dava mais prazer” (N.1)], e, por isso, não há como mudar, ou, o próprio recuperando, põe em dúvida o processo de recuperação desenvolvido pela metodologia da APAC, colocando o termo entre aspas como forma de crítica ao sistema.

Já em N2 intitulada ***Um ilustre desconhecido***, já podemos perceber a forma pela qual o recuperando se constitui. Porém, este título abre margem à discussão, pois ele seria desconhecido simplesmente pelo fato de as pessoas realmente não o conhecerem ou pelo fato de ele não se deixar conhecer? Já que em sua narrativa as únicas informações que ele dá sobre si mesmo são “Eu sou brasileiro, nativo de Viçosa. Brincalhão, gosto de aprender coisas novas e conhecer lugares novos” (N.2).

²⁰ Esta informação foi passada para a pesquisadora durante o curso preparatório dado pela própria administração da APAC.

No mais, ele filosofa sobre a vida e sobre as pessoas, em geral: “Falar de nós mesmos é muito difícil. O autoconhecimento não é uma prática muito comum nos dias de hoje. Talvez por isso o mundo esteja tão maluco assim. Pode ser que a solução para a nossa vida estressante e insana esteja entre nós há mais ou menos 3.000 anos, saídas da boca do Grande filósofo Sócrates ‘Conheça a Ti mesmo’” (N.2). Outro fator que reforça o uso de ‘desconhecido’ é o fato de ele não falar sobre si, sobre aspecto de sua vida pessoal, em nenhum momento das oficinas, ao contrário dos demais recuperandos.

Em N3, o título é interessante, pois soa como um tipo de conselho: ***Não faça o que eu fiz***, que se justifica, no decorrer da narrativa, por meio da história de vida do recuperando, que nos apresenta seus erros e seu crime, e a consequência dos mesmos. Por este aspecto de aconselhamento é que podemos inferir que o recuperando procura interagir com o leitor, ao interpelá-lo, tentando fazer com que este aprenda algo com ele.

Em N4, ***Amando ao próximo amara a Cristo***, o título faz referência direta à metodologia apaqueana, que tem como princípio o discurso religioso. Além disso, tal título é o primeiro significado dado à sigla APAC, como já foi visto anteriormente no capítulo da metodologia. Outro dado que cabe ressaltar é que a narrativa não condiz com o título, ou seja, não apresenta aspectos religiosos que justifiquem a escolha pelo mesmo.

A quinta narrativa analisada é intitulada ***Quem sou eu?***, sendo este o tema proposto pela pesquisadora ao ministrar a oficina. Ao fazer uso da pergunta retórica “Quem sou eu?” no título, o recuperando mostra aos leitores que partiu de uma reflexão sobre seu próprio ser, deixando claro o assunto que será abordado na narrativa. O mesmo processo pode ser inferido a partir do sexto título, “Quem sou”, porém, este possui tom mais afirmativo.

Apesar de o sétimo título também ser uma pergunta, ***Tem certeza de que não me conheces?***, tal pergunta não é retórica tendo em vista que está sendo direcionada ao leitor. Em função disso, podemos inferir que este recuperando, ao contrário de outro que se construiu como desconhecido, se apresenta conhecido para o leitor. Talvez por pensar que, ao ser preso, apareceu nos jornais e, por isso,

tornou-se conhecido. E o subtítulo “*Um pouco sobre mim...*” nos mostra que irá refletir sobre aspectos pessoais.

Já a última narrativa analisada traz o título ***Minha vida hoje***, o termo *hoje* pressupõe que o recuperando não irá falar sobre sua história de vida, seu passado.

Tendo expostos os temas e tópicos recorrentes nas narrativas, comecei a analisar o *corpus* pelo viés do Sistema de Transitividade (Halliday, 2004), uma vez que um de meus objetivos era o de perceber como os recuperandos constroem suas identidades por meio de narrativas e, ao fazer isso, teriam de construir suas experiências sejam externas (ações e eventos), sejam internas (lembranças, reflexões, reações, sentimentos), mas também representar as relações entre eles e os participantes das experiências.

Assim, dentro do Sistema de Transitividade, as categorias de processos mais frequentes foram: as orações com processos mentais e relacionais, o que pode apontar para uma característica do tipo de narrativa das “escritas reflexivas sobre si”.

| PROCESSOS MAIS RECORRENTES | NARRATIVAS (8) |
|----------------------------|----------------|
| Mental | 8 |
| Relacional | 8 |
| Material | 7 |
| Verbal | 5 |

Figura 8: tabela dos processos mais recorrentes.

Em todas as narrativas temos casos de orações com processos mentais, que se referem à experiência do mundo de nossa consciência e, ao serem usadas, podem representar a mudança de percepção da realidade, por meio de reflexões, questionamentos. O sujeito/narrador/autor é o **experenciador**, pois pensam, desejam, percebem, sentem, já o complemento do que é sentido, pensado é o **fenômeno**. São quatro os tipos de orações mentais: perceptivas, cognitivas, afetivas e desiderativas. Nos excertos 22 a 26, destacamos algumas realizações mentais bastante significativas.

Em 21, o processo “achei” remete ao que é pensado (coisas erradas dava prazer) pelo experienciador, uma reflexão marcada pelo uso da modalidade “sempre”.

21. “*sempre **achei** que as coisas erradas era o que me dava mais prazer*” (N.1);

Em 23, 24 e 25, destacamos as orações mentais afetivas ou emotivas que expressam os sentimentos de afetividade, familiaridade e identidade. Vale destacar que há uma gradabilidade no uso dos processos mentais: gostar, amar. O recuperando, em 23, “ama” a esposa/fenômeno, mas gosta de aprender, ler; adora brincar, sorrir.

22. “***gosto** de aprender coisas novas*” (N.2);

23. “***amo** minha esposa*” (N.7);

24. “*não **gosto** de ler*” (N.6); “***adoro** cantar, brincar, sorrir, etc*” (N.7);

Em 25, 26, e 27, os excertos abaixo deixam claro que o recuperando/experienciador constrói a percepção da realidade que viveu ou vive de forma sofrida, excluída. Observe que o fenômeno (aquilo que é percebido, sentido) resvala sempre para algo negativo: *abandonado, perdido*. Em 28, por exemplo, o experienciador/recuperando (um ser sempre consciente ou dotado de consciência) percebe que se sente perdido em uma circunstância espacial muito específica: no meio de situações que o fazem sofrer.

25. “*cheguei a me **sentir** abandonado*” (N.1);

26. “*pois **sinto** isso do fundo do meu coração*” (N.8);

27. “***sinto-me** perdido no meio de tantas situações que me fazem sofrer*” (N.8).

Dentre os processos mentais, pudemos notar que o mais frequente se dá com o verbo gostar.

28. “*gosto muito de futibou*” (N.4);

29. “*gosto muito de Rep gosto de ver televisão*” (N.6).

O verbo gostar aparece, na maioria dos casos, ao falar dos hobbies, para descrever o que os recuperandos gostam ou não de fazer, e não para expressar gostos, como: eu gosto de chocolate.

Outro tipo de oração recorrente nesta narrativa foi a relacional, que é usada para representar seres no mundo em função de suas qualidades, atributos e identidades; normalmente usadas em textos narrativos, pois ajudam na descrição de personagens e cenário. Os excertos abaixo são significativos na construção da identidade dos recuperandos.

As orações relacionais circunstanciais ressaltam a relação do recuperando seja com a vida criminal, seja com sua atual condição de recuperando da APAC:

30. *“alguns por medo da pessoa perigosa que **me transformei**” (N.1)*

31. *“tenho trabalhado para **me tornar** uma pessoa melhor” (N.5).*

32. *“**me transformei** num detento” (N.1).*

Os exemplos 31 e 32 são interessantes, pois ressaltam a questão da transformação, como se ele deixasse de ser uma coisa para se transformar em outra. Ou seja, há nestes casos o processo que Bauman (2005) fala sobre a fluidez da identidade, que está em constante mudança. Tal mudança pode ocorrer em detrimento de diversos fatores, como no caso 31, em que a transformação talvez tenha ocorrido em função do meio em que o recuperando passou a conviver, da posição que passou a ter em um determinado grupo; já no exemplo 32 a mudança se dá por outro motivo: o fato de ter sido preso devido aos crimes que cometeu.

Em 33, temos um exemplo de oração relacional intensiva em que o recuperando é identificado como brasileiro.

33. *“eu **sou** brasileiro” (N.2);*

34. *“como um **bicho selvagem** que eu **era**” (N.1).*

Já no exemplo 34 vemos que o recuperando se compara a um bicho selvagem, fazendo desta sua antiga imagem. Tendo em vista que bicho selvagem é

aquele que é agressivo, feroz, perigoso tanto para outros animais como para os seres humanos, o recuperando ao se identificar como bicho selvagem traz para ele todas estas características. De acordo com Ferreira (2011, p. 1908), selvagem significa aquele “que ainda não foi domado, amansado, domesticado, ou que é difícil de o ser”, o que nos remete a teoria de Foucault sobre a questão dos corpos dóceis, que são corpos disciplinados. “O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”” (FOUCAULT, 2010, p. 164). Tal “adestramento” é o que ocorre com o recuperando após ser preso, já que ao narrar ele descreve que ele era um bicho selvagem no momento de sua prisão, portanto, podemos inferir que não o é mais devido ao poder disciplinar que recebeu/ recebe dentro da cadeia.

O poder disciplinar, então, não só é capaz de “adestrar” o ser humano, como também de transformar sua identidade. Esta fluidez surge, neste contexto, a partir da imposição de outras pessoas, já que no contexto da prisão o recuperando é, de certa forma, submisso, e também por exigências da própria situação se pensarmos que, na APAC, para progredir de regime, o recuperando precisa demonstrar bons comportamentos e seguir as regras da instituição. Portanto, por ser vigiado constantemente, o recuperando se comporta de forma adequada a fim de evitar a punição ou finge estar “adestrado” para conseguir a progressão até, enfim, estar em liberdade. Cabe ressaltar que, apesar de não ter câmeras de segurança na APAC (com exceção da sala da administração) nem policiamento, os recuperandos se sentem vigiados pelos supervisores, pois estes estão sempre fazendo exigências e observando se estas estão sendo cumpridas. Além disso, os próprios recuperandos vigiam uns aos outros para que não sejam punidos em função dos erros dos demais, por isso dizer que há, de certa forma, uma vigilância permanente, que, segundo Foucault (2010), é uma forma de disciplinar os presos.

A maioria dos processos relacionais é composta pelo verbo ser.

35. “sou uma pessoa **bastante feliz**, é muito difícil alguém tirar **a alegria** que tenho (N.7);

36. “sou uma pessoa **alegre** sou muito **brincalhão**” (N.6);

37. “sou casado tenho **quatro filhos**” (N.5).

Como podemos notar, a presença do verbo ser é utilizada pelos recuperandos para se definirem. Além disso, “indica que o predicativo se refere ao sujeito atribuindo-lhe um estado ou uma qualidade” (CEGALLA, 2005, p. 779), então observe que eles se auto definem como pessoas alegres, felizes, brincalhonas e humanas (tenho quatro filhos). Esta construção de identidade pode condizer ou não com a realidade, tendo em vista que o corpus analisado é composto por narrativas escritas pelos próprios recuperandos, e que seriam publicadas no blog podendo ser lidas, então, por várias pessoas, inclusive as que trabalham na APAC.

Os processos materiais aparecem também de forma recorrente, e isso se deve ao fato de os recuperandos relatarem o que fizeram antes de serem presos. Dessa forma, o ator/recuperando narra ações e práticas. Os excertos abaixo demonstram tais ações:

38. *“gosto de ajuda as pessoas apesar dos meus erros sou muito solidário **fiz** muita besteira mais sou muito arrependido” (N.6)*

39. *“**gastava** muito sem miséria” (N.1);*

40. *“uma esposa que muitas vezes **maltratei** por calsa de pessoas que não valia nada” (N.1);*

41. *“**estudo** todas que tenho oportunidade de aprender” (N.5);*

42. *“sempre **lutei** para ter o meu dinheiro” (N.4).*

Vale destacar que em 38, o ator/recuperando realiza a ação de fazer algo, que é a meta: “muita besteira”. Além disso, o excerto 38 tem tom de reflexão, como se o recuperando concluísse que fez muita besteira, tanto que o que se segue é: “mais sou muito arrependido”. Outro fator interessante é que ele julga o que fez como besteiras, não como erros ou crimes, tendo estes termos diferentes conotações, ou seja, dizer “fiz muita besteira” e “cometi muitos crimes” possui valores ideológicos diversos. Em 40, também ressalta circunstancialmente a forma como ele gastava (meta, supostamente o dinheiro): “muito sem miséria”. Da mesma forma, o tom de 43 é o dinheiro; o ator/recuperando lutando por algo/meta: ter dinheiro/poder.

As orações com processos verbais aparecem em quase todas as narrativas, já que se trata de construções narrativas sobre si, como podemos ver nos seguintes excertos:

43. “vo **falar** um pouco da minha pessoa” (N.1)
 44. “por isso **digo**: vamos juntos nos apoiar nas correntes que nos ligam a um passado cheio de momentos felizes e de amor” (N.8);
 45. “**falar** de nós mesmos é muito difícil” (N.2);
 46. “por isso que eu **digo** não faça o que eu fiz” (N.3);
 47. “e isto ai que eu tenho de **falar** de mim” (N.4).

Nota-se que os processos verbais aparecem quando os recuperandos desejam dialogar com o leitor, como nos exemplo 44 e 46 em que o recuperando parece aconselhar ou passar uma moral para quem está lendo, ou como na sentença 45, em que se insere o leitor no texto. No exemplo 45, observamos, também, que o verbo falar é utilizado para introduzir uma reflexão do próprio recuperando que considera difícil o fato de ter que falar sobre si mesmo. Tanto que não o faz na narrativa. Nos exemplos 43 a 48, o verbo falar denota o ato de narrar, isto é, “expor minuciosamente; contar, relatar, referir” (FERREIRA, 2011, p. 1453). Os recuperandos estão, então, relatando suas vidas de forma escrita, e não, falada.

Observamos ainda diferenças no modo como os recuperandos falaram de si próprios, principalmente, destacando o uso da primeira pessoa do singular.

| PESSOA | 8 NARRATIVAS |
|----------------------------|--------------|
| 1ª pessoa do singular: eu | 8 |
| 1ª pessoa do plural: nós | 4 |
| 3ª pessoa do singular: ele | 0 |
| 3ª pessoa do plural: eles | 0 |

Figura 9: tabela das pessoas do discurso

Todas as oito (8) narrativas são escritas na primeira pessoa do singular (eu), como nos exemplos:

48. “**Sou** uma pessoa que: sempre **tive** minhas escolhas próprias” (N.7);
 49. “**Preciso** urgentemente **redescobrir** o verdadeiro sentido da minha vida, que tantas vezes **desprezei**” (N.8);
 50. “Cada vez mais me **afundava** nos meus erros” (N.1),

51. “**Eu** só estava me **destruindo e destruindo** pessoas” (N.1);

52. “**Tive** a curiosidade de **conhecer** o crack e viciiei rápido” (N.3).

A partir do uso da primeira pessoa do singular, os recuperandos se tornam responsáveis por tudo que lhes aconteceu, eles não se colocam como vítimas, como se alguém fosse culpado por eles estarem presos. O que justifica o fato de todas as narrativas estarem na voz ativa, isto é, os recuperandos são os agentes em todas as suas ações. Além disso, chama atenção alguns dos verbos utilizados nos exemplos acima, como: redescobrir, significado mental, no exemplo 49, que mostra que o recuperando em questão já soube o sentido de sua vida, mas a desprezou, portanto, precisa descobrir novamente este sentido a fim de não ignorá-la desta vez, mas sim, valorizá-la. É como se ele tivesse que aprender a viver de forma diferente, dando valor para as coisas que realmente merecem; e o verbo afundar no exemplo 50, que nos traz a metáfora de estar no fundo do poço, pois o recuperando usa o verbo afundar, ao invés de cometer, para falar de seus erros. Isto é, ele não só errava como os erros o faziam afundar, regredir, ficando em uma situação cada vez pior.

Em 48, ele se responsabiliza pelas escolhas, enquanto em 51 o narrador/recuperando/ator age voluntariamente destruindo; em que a meta desta destruição é o próprio e os outros.

Quatro (4) narrativas apresentam a primeira pessoa do plural (nós), como no seguinte excerto:

53. “**Vamos** abrir nossos olhos e corações para o momento presente, para **traçarmos** um futuro digno de nosso amor que tanto **merecemos**. Somente assim **poderemos** ser realmente felizes” (N.8).

Como pode se observar, neste caso, a terceira pessoa é usada para criar uma cumplicidade e interação com o leitor, já que o nós não representa os recuperandos como um todo (eu + eles), mas o recuperando que escreve a narrativa e os leitores (eu + vocês). Em momento algum, eles utilizam a terceira pessoa para falar por todos os recuperandos, sentido de coletividade, cumplicidade, ou mesmo construindo uma identidade coletiva “nós presos/nós recuperandos”.

No que se refere ao tempo verbal dos processos na construção das narrativas, observamos que o uso do tempo Presente se dá em todas as narrativas.

| TEMPO VERBAL | 8 NARRATIVAS |
|--------------|--------------|
| Presente | 8 |
| Passado | 7 |
| Futuro | 1 |

Figura 9: tabela dos tempos verbais

Na maioria das narrativas (6 narrativas) há a presença do Presente e do Passado: muitas vezes, o presente é utilizado para projetar o futuro, ou seja, utiliza-se o tempo Presente para descrever uma ação que acontece no presente, mas com o resultado futuro.

54. *“E mais a mais eu estou buscando uma melhora de vida” (N.4).*

O tempo verbal nos permite observar outro aspecto das narrativas que é a cronologia das mesmas. A respeito deste aspecto, pudemos notar que apenas uma (1) das oito (8) narrativas apresenta ordem cronológica, ou seja, uma sequência temporal, na qual o recuperando narra desde sua infância aos dias atuais, contando desde como entrou para o crime ao momento em que foi preso. Tal cronologia pode ser observada a partir do excerto 55:

55. *“Vo falar um pouco da minha pessoa, começando pela minha infância (...) larguei os estudos o trabalho e me entreguei por completo na vida do crime (...) preso me transformei num detento (...) só resto a minha família” (N.1).*

A estrutura cronológica da narrativa em questão faz com que o leitor possa perceber a mudança não só na vida, mas na identidade do recuperando, pois o passado é usado como meio de conduzir a uma reconstrução da identidade atual: antes - era popular (“o maioral”); gastava muito; sentia-se feliz no mundo das drogas e mulheres; tinha muitos amigos e entrada liberada em casas de festas e bares

noturnos; período de transição; - sofreu muito, passou por dificuldades, humilhação, fome, frio, sede, chegou a se sentir abandonado; depois - amigos falsos que só tinham interesse em seu dinheiro; percebeu que tudo era ilusão e que estava se destruindo e destruindo outras pessoas; preso; sem direito de ir e vir; mercadoria de Minas Gerais; um número; detento; só restou a família. Esse tipo de discurso pode ser visto como um discurso reflexivo, ou seja, o recuperando, ao narrar sua vida, reflete sobre a mesma. “Ao mesmo tempo em que o entrevistado organiza seu pensamento para assim redigir a narrativa, ele acaba por refletir sobre suas experiências, ocorrendo, desta forma, uma autoanálise de sua vida” (CUNHA, 2001, *apud*. JUNIOR & BARCELOS, 2006, p.24).

Fica claro que os recuperandos se lembram do passado, da infância, da adolescência, da vida em liberdade como um aglomerado de possibilidades que existiam e que hoje, em função da prisão, já não mais existem. O lócus da prisão, a atualidade, é o espaço da reflexão, o meio que o permitirá chegar ao fim, ou seja, à possível liberdade.

As demais narrativas começam narrando fatos presentes, algumas passam pelo passado e voltam ao presente, já outras só falam do tempo presente, por isso, a cronologia aparece apenas em excertos isolados, o que podemos observar nos seguintes exemplos, respectivamente:

56. “Me chamo M.E.S.tenho 40 anos, **sou** casado (...) **foi** tentar assaltar e me **dei** mal (...)por isso que eu **digo** não faça o que eu fiz” (N.3).

57. “Eu **sou** brasileiro (...) **Acho** que o melhor presente que alguém pode dar ou receber é o livro (...)” (N.2).

| MODALIDADE | 8 NARRATIVAS |
|-----------------------|--------------|
| Modalidade epistêmica | 6 |
| Modalidade deôntica | 2 |

Figuram 10: tabela das modalidades

No que tange à modalidade, foi observado um número significativo de modalidade epistêmica em seis (6) narrativas, entre elas:

58. “**sempre** fui popular onde eu estava” (N.1);
59. “mas **sempre** trabalhei muito” (N.3);
60. “**quero** ser uma nova pessoa e **vou consegui** porque quem me guia é o Senhor” (N.6);
61. “a Jesus tudo é **possível**” (N.8);
62. “**sinceramente**, estou numa situação tal que não tenho mais forças para prosseguir vivendo desse jeito” (N.8).

Dentre os exemplos encontrados de modalidade epistêmica, a maioria era do advérbio de frequência ‘sempre’. Cabe ressaltar que não houve nenhum caso de advérbio ‘nunca’. Com isso, podemos inferir que os recuperandos veem suas ações e o modo de ser como algo constante em suas vidas, não destacando nada que nunca tenham feito ou que nunca mais o farão. Além disso, o uso da modalidade epistêmica ‘sempre’ tem a finalidade de intensificar as ações e o modo de ser descritos pelos recuperandos, como no exemplo 58, em que o uso do termo sempre é para reforçar a popularidade que o recuperando tinha antes de ser preso, já no exemplo 59, o advérbio ‘sempre’ é utilizado a fim de intensificar o ato trabalhei, a partir do qual o recuperando se constrói como trabalhador, desconstruindo, assim, a ideia que as pessoas têm de que bandido seria vagabundo.

Entre as modalidades deônticas encontradas nas narrativas, podemos destacar:

63. “mais para pensar assim **tive** que sofrer muito” (N.1);
64. “**preciso** urgentemente redescobrir o verdadeiro sentido da minha vida” (N.8).

Com relação à modalidade deôntica, observamos que todos possuem valor de necessidade e, não, de obrigação. Isto é, os recuperandos narram o que necessitam para viver melhor, mas não falam de suas obrigações atuais ou que eram obrigados a fazer algo.

No que diz respeito às interdiscursividades nas narrativas, foi observado que em cinco (5) narrativas encontramos o atravessamento de discursos da APAC, sendo quatro (4), traços do discurso religioso.

Como pode ser observado, o discurso religioso é o mais presente nas narrativas, talvez isso se justifique pelo fato de, no regime fechado, os recuperandos terem muitas atividades voltadas para práticas religiosas, como: “missa ou culto evangélico; terço, na cela, estudo bíblico ou culto” (OTTOBONI, 2006, p. 107). Em 65, traz visivelmente referência ao discurso e práticas desenvolvidas na APAC, principalmente formação discursiva de quando esta associação era apenas de cunho religioso – **Amando ao Próximo Amarás a Cristo**.

65. *“o mal que estava em mim tinha que ser destruído” (N.1);*

66. *“Amando ao próximo amara a Cristo” (N.4);*

67. *“Vou conseguir porque quem me guia é o Senhor” (N.6);*

68. *“Estou aqui para pedir a cura de todo esse sofrimento. A Jesus tudo é possível, pois o Senhor é o Deus do impossível” (N.8).*

Em 63, uma construção ideológica calcada na interpretação dos preceitos bíblicos. Um desses preceitos aparece no relato da Criação (cf. Bíblia Sagrada, p. 49-51). Adão e Eva viviam com liberdade e poderiam comer de todos os frutos das árvores, menos um: o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Ao comerem o fruto proibido que os tornaria tão poderosos quanto Deus, segundo a serpente; ocorre que foram punidos por Deus. Em 66, há novamente o preceito de que Deus é onipotente. Observamos claramente o discurso da punição: o mal tem que ser destruído, punido, castigado.

No que diz respeito ao discurso familiar, os excertos abaixo apresentam a ideia de valorização da família, que ocorre após a ida para a APAC, decorrente, talvez, da própria metodologia apaqueana: o “Método APAC oferece aos familiares Jornadas de Libertação com Cristo (retiros espirituais) e cursos regulares de Formação e Valorização Humana, buscando ainda proporcionar todas as facilidades possíveis para o estreitamento dos vínculos afetivos” (OTTOBONI, 2006, p. 87). O método APAC ainda prega que “toda dificuldade criada pelo homem poderá ser superada pelo próprio homem com a ajuda de Cristo, em quaisquer circunstâncias” (OTTOBONI, 2006, p. 85). No exemplo 69, tem-se o motivo circunstancial da ação de

maltratar “por calsa de pessoas que não valia nada”, ou seja, o recuperando justifica sua ação de maltratar a esposa.

69. *“Foi ai que fui perceber que o tanto que a família da gente é importante” (N.4);*

70. *“Só resto a minha família, uma esposa que muitas vezes maltratei por calsa de pessoas que não valia nada” (N.1).*

Já o aspecto jurídico aparece somente em uma (1) narrativa:

71. *“**preso** me transformei num **detento**, um numero” (N.1).*

Notamos, no exemplo 71, que o recuperando passa por um processo de mudança de identidade ao distinguir os termos *preso* e *detento*, que, de fato, representam contextos diferentes, já que preso é aquele que recebe “pena privativa de liberdade, imposta pelo poder competente, que deve ser cumprida na cadeia” (DINIZ, 2005, p. 815), e detento é aquele que cumpre pena de detenção, ou seja, se encontra em prisão preventiva²¹, temporária. Porém, na prática, somente os termos preso e condenado são utilizados, sendo detento usado como sinônimo de preso. Preso seria, então, aquele que se encontra privado da liberdade, aguardando julgamento, já condenado é “aquele que já sofreu condenação²²” (DINIZ, 2005, p. 899), podendo ser esta cível ou criminal. Cabe ressaltar que, para estar na APAC, não basta estar preso tem que ter sido condenado, ou seja, ter recebido uma pena a ser cumprida.

A valorização de si e a recuperação são também reforçadas nas narrativas:

72. *“Na prisão que vem dar valor a minha vida e a respeitar a mim mesmo” (N.3);*

73. *“Hoje estou preso; luto pela minha recuperação” (N.7).*

²¹ Prisão preventiva: “Pena privativa de liberdade individual, decretada judicialmente em qualquer fase do inquérito policial ou da instrução criminal, desde que haja prova da existência do delito e indícios de sua autoria pelo acusado. É imposta no interesse da justiça, como garantia de ordem pública e como medida de cautela ou precaução, mesmo antes que se dê a condenação ou a apuração de sua culpabilidade por órgão jurisdicional. Trata-se de uma prisão provisória, imprescindível para assegurar a aplicação da lei penal, em certos casos” (DINIZ, 2005, p. 867).

²² Condenação: “Ato pelo qual o órgão judicial, ao prolatar a sentença condenatória, reconhece a existência do crime e a culpabilidade do agente, autor do crime ou da contravenção penal, impondo-lhe uma pena” (DINIZ, 2005, p. 899).

Em 72, a circunstância espacial, na posição temática, na prisão, propicia ao recuperando a pensar na autoestima: a se respeitar e a se valorizar. A valorização humana é a base do método APAC, talvez por isso apareça em 72. Tal fala reforça novamente o discurso da APAC, pois se acredita que “o preso se mascara. Mostra-se o ‘tal’, o valente, mas no fundo se sente um lixo” (OTTOBONI, 2006, p. 85). Portanto, “o Método APAC tem por objetivo colocar em primeiro lugar o ser humano, e nesse sentido o trabalho deve ser voltado para reformular a autoimagem do homem que errou” (OTTOBONI, 2006, p. 85).

O método APAC é “um método de valorização humana, portanto de evangelização, para oferecer ao condenado condições de recuperar-se” (OTTOBONI, 2006, p. 29), sendo este um dos direitos humanos do preso. O discurso da recuperação aparece em 73.

Cabe ressaltar que os aspectos abordados acima estão entre os doze (12) elementos fundamentais²³ do método APAC.

Outro tipo de discurso recorrente nas narrativas, como já se observou, é o da transformação.

A maioria dos discursos de transformação encontrados nas narrativas diz respeito à mudança de pensamento/ crença, não exatamente à mudança de comportamento ou caráter. Como observamos nos fragmentos:

74. *“Acordei e vi que eu não era **ninguém diante da vida** que eu levava que o mal que estava em mim tinha que ser destruído, mais para pensar assim tive que sofrer muito” (N.1);*

75. *“**Na prisão que vem dar valor a minha vida** e a respeitar a mim mesmo” (N.3);*

76. *“Tenho um proposito não fase mais coisas errada não quero mais fase minha família sofre quero ser uma nova pessoa” (N.6).*

²³ Os doze elementos fundamentais são, segundo Ottoboni (2006,p. 85): participação da comunidade; o recuperando ajudando o recuperando; trabalho; a religião e a importância de se fazer a experiência de Deus; assistência jurídica; assistência à saúde; valorização humana; a família; o voluntário e o curso para sua formação; Centro de Reintegração Social (CRS); mérito; e jornada de libertação com Cristo.

Há, em algumas narrativas, a presença significativa do conectivo adversativo ‘mas’ – utilizado para inserir uma reflexão, demonstrando que o recuperando vê agora as coisas de outra forma, como em 77, 78, 79, que apontam para a transformação do recuperando, para a percepção de que antes de ser preso, vivia uma ilusão, algo que não era real.

77. “mais tudo isto era **uma ilusão**” (N.1);

78. “mais hoje vejo que **nada disto era real**” (N.1);

79. “fiz muita besteira mais sou **muito arrependido**” (N.6).

Vale destacar que os discursos de transformação surgem, na narrativa, após o fato de estarem presos, como se fosse ‘eu antes da APAC e eu depois da APAC’. A partir desta observação, podemos pressupor que a metodologia da APAC influencia/afeta tal transformação, mas que também, somente ao serem presos é que puderam refletir sobre seus atos e reverem seus conceitos.

Com isso, podemos dizer que há, nas narrativas, uma reconstrução da identidade dos recuperandos, ou seja, eles deixam de ser alguém perigoso e se transformam em alguém melhor, aquele que valoriza a família. Porém, não podemos afirmar que tal mudança ocorre, afinal, estamos analisando somente o que os recuperandos escrevem nas narrativas, e não, suas condutas no dia a dia dentro da APAC. Portanto, as construções de identidade podem não condizer com a realidade.

Os atributos são extremamente importantes no processo de construção de identidade, pois eles nos apresentam de forma direta o modo pelo qual os recuperandos se veem, é uma maneira mais prática de nos definirmos. Tanto que, em todas as narrativas, os atributos foram utilizados para descrever os próprios recuperandos. E, em alguns casos, seus familiares e amigos.

Os atributos que descrevem os recuperandos são diversos, sendo alguns depreciativos e outros apreciativos. Para exemplificar, têm-se os seguintes atributos: depreciativos – perigosa, difícil, selvagem, pobre, perdido, velho, tímido, arrependido; apreciativos – brincalhão, trabalhador, solidário, carinhoso, feliz; calado, alegre, recém-casado, otimista, casado, maioral. Com isso, notamos que os recuperandos não se preocupam em passar uma imagem de bons, perfeitos, mas também, não se

colocam como pessoas ruins. Em apenas uma das narrativas há atributos que são utilizados para descrever a aparência física:

80. *“sou moreno craro tenho vinte e dois anos um metro e cetenta e dois” (N.6).*

Os atributos utilizados para descrever membros da família são apenas apreciativos: linda, importante, novos; que aparecem em apenas três narrativas, o que nos mostra que a representação que os recuperandos fazem da família é algo positivo. Já o atributo que descreve os amigos e que aparece em apenas uma narrativa é depreciativo, tendo em vista que os amigos são representados como falsos.

É interessante observar que os recuperandos não falam, nas narrativas, sobre a sociedade, não a culpa pelos seus crimes, pelos seus atos, como esperávamos que acontecesse. Pelo contrário, eles têm plena consciência do que fizeram para estar onde estão e que foram eles que resolveram agir infringindo a lei, mesmo que talvez afetados pelo discurso apaqueano.

| IDENTIDADES CONSTRUÍDAS NAS NARRATIVAS |
|--|
| 1 – ser humano; criança difícil; popular; o maioral; pessoa perigosa; bicho selvagem; detento; número; mercadoria (N.1). |
| 2 – desconhecido; brasileiro; nativo (N.2). |
| 3 – marido; pai; trabalhador; viciado (N.3). |
| 4 – trabalhador (N.4). |
| 5 – filho; irmão mais velho; marido, pai; mecânico; católico/ religioso; recuperando do regime fechado (N.5). |
| 6 – religioso (N.6). |
| 7 – marido; pai; estudante (N.7). |

| |
|---------------------------------|
| 8 – religioso; apaqueano (N.8). |
|---------------------------------|

Figura 11: tabela das identidades construídas nas narrativas

Como pode ser observado, as identidades construídas nas narrativas são variadas, e, na maioria das vezes, positivas. Têm-se, também, algumas em comum, como: marido, pai, religioso, trabalhador.

Apesar de não serem obrigados a colocar seus nomes, seis (6) das oito (8) narrativas são assinadas, sendo três (3) delas escritas por nome e sobrenome. Outro fato curioso que diz respeito, também, à assinatura é que dois recuperandos se identificaram como sendo da APAC: APAC regime fechado; N. (APAC de Viçosa). Um deles se identifica como parte do regime fechado em específico, o outro especifica a unidade em que se encontra. Tais especificações podem estar relacionadas ao fato de os recuperandos quererem se reafirmar como tais, e não como presos.

Os dados se coadunam com a visão de Bauman (2011, p.112), resgatando os estudos de Kellner, acerca da ambivalência da identidade, que “longe de desaparecer, ela é construída, redefinida”, embora a construção da identidade possa também estar vinculada à livre escolha.

4.2. As escritas reflexivas sobre o outro: Quem é ele?

A ideia de analisar a descrição dos recuperandos a respeito de seus colegas de regime é para ver como estes constroem as identidades uns dos outros, analisar as identidades construídas a partir de outro olhar que não o do eu narrador, para, em seguida, podermos comparar as identidades que são construídas quando eles mesmos a descrevem e quando os outros o fazem.

Iniciaremos a análise das narrativas, do mesmo modo da seção anterior, explicitando os temas ali desenvolvidos pelos sujeitos-recuperandos. Das oito (8) narrativas analisadas, foi desenvolvido com mais frequência o tema características (qualidades e defeitos), em seguida, família, erros/ desistência.

Ao falarem de seus colegas, todos os recuperandos que escreveram as narrativas “Quem é ele?” mencionam as qualidades dos outros recuperandos. Como podemos verificar em 1 a 3:

1. *O pouco que eu tenho convivido com ele da pra ver que ele é uma pessoa **humilde brincalhão e trabalhador** (N.3);*
2. *Ele é uma pessoa que eu tenho uma “**certa confiança**”, é educado, muito calmo, sabe conversar e muito criativo (N.4);*
3. *Por outro lado é trabalhador, amigo, prestativo, na nossa gíria mil gram pode ser uma boa amizade eu acredito nisso (N.7).*

Um aspecto de destaque nos excertos é a avaliação, ou seja, a forma como os recuperandos apreciam e julgam os seus colegas de reclusão. São explícitas as afirmações avaliativas por meio do uso de atributos em processos relacionais. Gostaríamos de destacar o exemplo 2, já que a avaliação “certa confiança”, marcadamente entre aspas, nos mostra um tipo de discurso localizado não só sociohistoricamente, mas cultural também, tendo em vista que, no senso comum, preso não é pessoa confiável. Tanto que, ao saírem da cadeia, encontram, muitas vezes, dificuldades para conseguir emprego, pois muitas pessoas acreditam que eles voltarão a cometer crimes, não conseguem dar credibilidade e confiar em ex-detentos. A desconfiança do recuperando no exemplo 2 é marcada não só pelas aspas como também a partir do uso do termo ‘certa’, o que nos indica que ele confia pouco e em determinados contextos.

É interessante notar que, ao falar das qualidades, muitos mencionam o fato de ser solidário e prestativo, resvalando novamente para a construção do discurso apaqueano.

4. *Acho ele uma pessoa **de bom coração, solidário** diante de muitas situações (N.2);*
5. *é um rapaz que esta ai **pronto para ajudar** (N.6);*
6. *Mais ele tem uma **qualidade muito boa** que é **ajuda as pessoa** (N.8).*

Já os defeitos são apontados em seis (6) narrativas:

7. *Tem hora que ele é muito injuado ele é muito bicicréta esse é o defeito dele (N.8);*
8. *(...) um pouco crítico, mas sempre olhando para o lado do bem (N.6);*
9. *Quando ele fica nervoso ele fica vermelho e é rancoroso, guarda magua muito fácil (N.5).*

Ao falar dos defeitos, os recuperandos utilizam estratégias linguísticas como o uso das palavras “tem hora” (exemplo 7), elemento temporal, ou seja, não é sempre, apenas em alguns momentos ele é enjoado; “mas” (exemplo 8), elemento adversativo, para mostrar que apesar do defeito de ser crítico ele tem suas qualidades; “quando” (exemplo 9), elemento temporal, a fim de mostrar que o colega não é nervoso (estado permanente), mas sim que ele fica nervoso às vezes (estado temporário); todas essas escolhas estilísticas amenizam o aspecto negativo da sentença.

Vale ressaltar que, em todas as narrativas, os recuperandos procuram exaltar as qualidades dos colegas, até mesmo nas narrativas que retratam os defeitos, como podemos notar em:

10. *Nunca vi pessoa mais ansiosa, isto tem prejudicado muito. Se tem uma coisa que temos que ter muito! Chama-se paciência! Mas a dele é pouquíssima. **Mas** finalizando eu encontro muitas qualidades no companheiro apesar de tudo (N.2).*

Neste trecho, observamos que, apesar de falar dos erros/ defeitos, o recuperando encerra sua narrativa com o conectivo de valor adversativo ‘mas’, mostrando que apesar de tudo o colega possui muitas qualidades, dessa forma estas ficam mais em evidência que os defeitos. Ocorre aqui uma expansão da informação anterior. Essa preocupação em focar mais nas qualidades pode se dar por vários motivos, dentre eles o receio de o colega ler a narrativa e, também, pela própria metodologia da APAC, que prega que os recuperandos devem se ajudar, e que evitar falar dos defeitos do outro já é uma forma de ajuda. Tanto que, em uma das narrativas, temos o seguinte segmento:

11. *Nesse tempo de convivência que tive com o E., vi que as qualidades dele é superior aos seus defeitos. **Lembre-se: só vemos aquilo que queremos.** Pra mim todos nós*

temos vários defeitos, mais o pior, é falar do próximo. Do momento que falamos do próximo, somos pior que ele. Pense nisso... (N.4).

O excerto acima nos apresenta uma lição de moral que é a de não falar mal do próximo, o que pode vir de encontro aos preceitos desenvolvidos pelo discurso religioso. Além disso, notamos que há uma interação com o leitor, pois há a presença da primeira pessoa do plural (nós) que inclui tanto o narrador quanto o leitor, e o conselho, no final, “pense nisso”, que seria pense você nisso, ou seja, está diretamente voltado para o público.

Outro aspecto bastante relevante é o fato de, ao descreverem os outros, os recuperandos fazem comparações a fim de mostrar que eles são iguais a todos nós (*como qualquer pessoa; todos nós temos; como qualquer outro*), trata-se, portanto, da construção da identificação relacional: ele se define em relação aos outros cidadãos, elaborando semelhanças de forma a alinhar-se socialmente. O que aparece na maioria das narrativas, como em:

12. *J.R. como qualquer pessoa, tem qualidades e defeitos (N.2);*

13. *sei que defeitos todos nós temos, assim como as qualidades (N.4);*

14. *é um rapaz bom, um ser humano como qualquer outro que esta sempre em evolução (N.6).*

O exemplo 14 é interessante, pois, além de igualar o recuperando a todos nós, mostra que os seres humanos, inclusive seu colega, estão sempre em evolução, isto é, sempre melhorando, buscando se tornar uma pessoa melhor e aprendendo com os erros, afinal, tem-se a ideia de que “errar é humano”, portanto, os erros são justificáveis. A partir desse aspecto de igualdade, os recuperandos tentam mostrar para as pessoas que não se deve julgar ninguém, afinal, todos estão propícios ao erro.

O tema família é abordado em apenas três (3) narrativas, sendo elas:

15. *ele é um ser humano, um pai de família, um amigo, um irmão, um filho (N.1);*

16. *Valoriza muito a sua família, gosta de crianças e também gosta de agradar sempre as famílias de quem dele convive (N.2).*

O tema família também é utilizado como forma de elogiar o outro, pois é representado, nas narrativas, como um tipo de qualidade, o que pode ser observado a partir da escolha pela expressão: *pai de família* – ou seja, responsável, sério; e pelo uso dos processos mentais *valorizar, gostar*, e das palavras *apegado, amor*. Na visão deles, a boa relação com a família é um modo positivo de se mostrar para a sociedade; discurso apaqueano que valoriza a família.

Já o tema erros/ desistência traz um discurso de lição de vida, o que pode ser visto nos seguintes fragmentos:

17. *Ele **errou, erros** que eu não teria coragem de cometer, mas quem nunca cometeu **erros** que outros jamais cometeriam. Muitos destes **erros** cometemos sem testemunhas. É cada um e Deus. Isto nos dá uma falsa ideia de que não erramos ou que nossos **erros** são pequenos comparados aos dos outros. Um exemplo disto é quando falamos mal de um político porque ele é corrupto e roubou dinheiro público, mas se um coitado de um caixa de supermercado nos dá um troco a mais, ficamos quietos e “ROUBAMOS” aquele dinheiro que o caixa mais tarde terá que pagar (N.1);*
18. *Na vida nada é fácil, e ele **desiste** fácil, basta encontrar uma pedrinha no caminho, que ele **desiste** e começa esbravejar, se irrita come muito, o que pode, e o que não pode e acaba afetando até a própria saúde. Nunca vi pessoa mais anciosa, isto tem prejudicado muito. Se tem uma coisa que temos que ter muito! Chama-se paciência! Mas a dele é pouquíssima (N.2).*

Os exemplos 17 e 18 funcionam como um tipo de lição de moral, onde o recuperando procura mostrar que todos nós erramos e, muitas vezes, cometemos roubo, porém, não somos acusados pelo ato, nem sequer o vemos como crime, por isso, o fato de a palavra ‘roubamos’ estar entre aspas. Além disso, observamos que, no exemplo 17, o recuperando se define em relação ao outro ao afirmar que não teria coragem de cometer os mesmos erros, se colocando em posição de vantagem. Já o segundo nos dá uma lição de vida, nos ensinando que não devemos desistir só porque encontramos um obstáculo no caminho. A construção interpelativa ao leitor é recorrente:

19. *Lembre-se: só vemos aquilo que queremos. Pra mim todos nós temos vários defeitos, mais o pior, é falar do próximo. Do momento que falamos do próximo, somos pior que ele. Pense nisso...(N.4).*

Outro aspecto interessante de se observar são os títulos das narrativas, pois, assim como nas de ‘Quem sou eu?’, podemos refletir sobre as identidades que estão sendo construídas. Em N.1 o título já é uma construção da identidade do outro, **O meu companheiro**. A mesma identidade é construída na N.2, **Vamos lá! Falar do meu companheiro de APAC J.R.**. Já na N.3, temos uma relação mais próxima, o que podemos inferir pela palavra ‘amigo’, **Hoje vou fala um pouco do meu amigo V.**. Cabe destacar o uso e a distinção dos termos *companheiro* e *amigo*, que possuem significados diferentes, sendo *companheiro* “aquele que acompanha; camarada, colega” (FERREIRA, 2011, p. 539), e *amigo* “que é ligado a outrem por laços de amizade; que ampara ou defende, protetor” (FERREIRA, 2011, p. 128). Sendo assim, nos dois primeiros títulos a relação que se cria é de companheirismo dentro do regime fechado, já no terceiro, a relação pode ultrapassar esse contexto, havendo uma amizade que não se delimita apenas ao contexto atual, em que estão inseridos.

Já o título da N.4, **Conheci o E. aqui na APAC**, parece uma introdução à narrativa, não um título, já que a começa assim: “Não sei nada sobre sua vida “lá fora”. O que também não me importo”. Este trecho é interessante, pois tem relação direta com o título, já que o recuperando não sabe nada sobre a vida do outro lá fora justamente por tê-lo conhecido na APAC, ao contrário de outros, que já eram amigos antes de serem presos, como podemos notar em:

20. *um camarada que eu conheço desde nosso tempo de infância (N.6);*

21. *Bem, esse meu companheiro, eu conheço a mais tempo, é o pai de um amigo meu (N.1).*

No título da N.5, encontramos uma indagação: **Como falar do outro**, que é justificada no decorrer da narrativa – “Eu M. falar de J. as vezes e complicado, porem, dizer algo do outro e difícil (...) Já tive problemas com ele mais já foi resolvido” (N.5). Ou seja, o recuperando considera difícil falar do outro porque já

tiveram problemas entre eles, porém ao usar o conectivo ‘mas’ destaca que os problemas já foram resolvidos, a fim de demonstrar que agora não há mais conflitos. Mas, apesar disso, podemos pressupor que a relação entre eles ainda é conflituosa, já que enfatiza que houve problemas e não sabe o que ou como falar do outro. Além disso, no trecho “tem seu pensamento de mudança e quer realmente mudar, e essa a impressão que ele passa para mim” (N.5), ele fala bem do outro recuperando, mas deixa margem à dúvida, pois afirma que o que diz é baseado apenas em impressões, podendo estas ser verdadeiras ou não. Com isso, levanta a questão da falsidade e das aparências, que podem ser enganosas. Ainda em outro trecho da mesma narrativa, o recuperando diz: “todos no grupo gosta dele por ser humilde” (N.5), ou seja, ao afirmar que os outros pensam assim (gostam dele, pois é humilde), ele se exclui do grupo dos que gostam, sem, necessariamente, ter que afirmar que não gosta do recuperando sobre o qual narra.

As demais narrativas não possuem título.

No que diz respeito ao Sistema de Transitividade temos:

| PROCESSOS MAIS RECORRENTES | NARRATIVAS (8) |
|----------------------------|----------------|
| Mental | 7 |
| Relacional | 8 |
| Material | 6 |
| Verbal | 6 |

Figura 12: tabela dos processos mentais II

Os processos mentais, apesar de aparecerem em quase todas as narrativas, não são tão frequentes no decorrer das mesmas. E os verbos utilizados na construção destes processos são bem variados, como podemos ver nos seguintes exemplos de processos mentais cognitivos:

22. **Pensem**os nisto e o mundo será melhor (N.1);
23. **Lembre-se**: só vemos aquilo que queremos (N.4);
24. esta sempre jogando para fora o que **pensa** e **acha** (N.6).

Em 22 e 23 os processos mentais cognitivos são usados para dialogar com o leitor, tentando fazer com que este reflita a respeito de uma determinada questão, por ele levantada anteriormente em sua narrativa. Já em 24, os verbos pensar e achar não ficam somente na esfera mental, tendo em vista que o recuperando, em questão, exterioriza tudo que pensa, sempre dá sua opinião. O pensamento não é algo exclusivo seu, mas sim, compartilhado com todos.

Nos excertos a seguir são exemplos de processos mentais afetivos, no qual os recuperandos são os experienciadores:

25. **gosta** de crianças e também **gosta** de agradar sempre as famílias de quem dele convive (N.2);

26. O V. tem uma coisa que eu **admiro** que é a história de vida dele (N.3).

Como podemos ver, em graus de afeição, o verbo admirar é mais afetivo que gostar, tendo em vista que admirar é ter respeito, consideração, isto é, o recuperando, ao escolher o termo admirar, demonstra que respeita o outro, o vê como um exemplo de vida, tendo em vista sua história, que é de superação – “Que já passou por muita dificuldade quando ele era pequeno, mais nunca desistiu da vida” (N.3). Podemos inferir, então, que o recuperando vê o outro, do qual está falando, como um guerreiro, um vencedor que merece admiração.

Já os processos relacionais estão presentes em todas as narrativas, sendo que, em todas elas, encontramos exemplos de processos formados pelo verbo ser, conjugado no presente, na terceira pessoa do singular (ele é).

27. Bem, esse meu companheiro, eu conheço a mais tempo, **é** o pai de um amigo meu (N.1);

28. N. O N. **é** um rapaz bom (N.6);

29. **Tem** seus defeitos, como eu também **tenho** os meus (N.4).

O exemplo 27 demonstra uma aproximação grande entre os recuperandos, que já se conheciam antes de serem presos, traçando uma relação entre os participantes (recuperando narrador – recuperando narrado). Tem-se, neste caso, uma oração relacional identificadora, que “serve para representar a identidade única

de um ser” (FUZER & CABRAL, 2010, p. 73), já que “um dos participantes tem uma identidade determinada” (FUZER & CABRAL, 2010, p. 73): o companheiro é o pai de um amigo do recuperando. O exemplo 28 constitui uma oração relacional atributiva, tendo em vista que atribui qualidades ao recuperando.

Os processos materiais, assim como os mentais, aparecem em quase todas as narrativas.

30. *Ele **errou**, erros que eu não **teria coragem de cometer** (N.1);*

31. ***come** muito, o que pode, e o que não pode e acaba afetando até a própria saúde (N.2);*

32. *“o D. é semelhante a um irmão mais novo que o mais velho não quer ele por perto e ele sempre está ali **se espelhando** envolvendo nos assuntos (N.7).*

No exemplo 30, podemos pressupor que o recuperando faz um julgamento sobre os atos do outro, colocando-os como algo ruim, já que não teria coragem de fazer o mesmo, ainda que esteja numa situação de ‘igualdade’ com o outro, já que ambos estão presos no mesmo lugar e submetidos à mesma situação. Em 31 vemos que o recuperando se preocupa com o outro, com sua saúde, com seu bem estar. No excerto 32 é interessante observar o uso do verbo ‘espelhar-se’, que nos remete a uma pessoa que se inspira na outra, que deseja ser igual à outra pessoa, talvez por isso a comparação com dois irmãos (o mais velho e o mais novo), pois sabemos que, na maioria dos casos, o irmão mais novo tem o mais velho como um exemplo a ser seguido, uma pessoa a partir da qual se projeta.

Os processos verbais aparecem em seis (6) narrativas, realizados pelo verbo falar. Como podemos observar em:

33. *Um exemplo disto é quando **falamos** mal de um político porque ele é corrupto (N.1);*

34. *Hoje eu vou **fala** um pouco do meu amigo V. (N.3);*

35. *e isto que eu tenho a **falar** de J. (N.5);*

36. *Como **dizem** o ditado (N.4).*

Os recuperandos, nos exemplos 33, 34, e 35, são os dizentes nas orações, em outras palavras, são os próprios falantes. Já em 36, o narrador não é o próprio

falante, tendo em vista que quem diz é o ditado, e não o recuperando. Além disso, é interessante notar que o verbo ‘falar’ foi o mais recorrente nas narrativas, justamente por este expressar, também, o ato de narrar. Além disso, o verbo falar, nos excertos acima, não poderia ser substituído pelo verbo ‘dizer’, pois ninguém diz: hoje vou dizer um pouco sobre meu amigo, ou que dizemos mal de alguém, pois a transitividade do verbo não permite.

No que diz respeito às pessoas, temos o seguinte:

| PESSOA | 8 NARRATIVAS |
|----------------------------|--------------|
| 1ª pessoa do singular: eu | 8 |
| 1ª pessoa do plural: nós | 3 |
| 3ª pessoa do singular: ele | 8 |
| 3ª pessoa do plural: eles | 3 |

Figura 13: tabela das pessoas do discurso II

Como podemos observar, todas as narrativas apresentam as 1ª e 3ª pessoas do singular. Isso se dá pelo fato de ser eu (narrador) falando do ele (personagem). A primeira pessoa, na maioria das narrativas, vem sempre acompanhada dos verbos ver (no sentido de perceber), portanto, um processo mental no qual o recuperando se coloca como experienciador; e ter, como um processo relacional. Outros verbos que aparecem complementando a primeira pessoa são: achar, encontrar, saber, admirar, acreditar – processos mentais; falar – processo verbal; ser – processo relacional. Portanto, constatamos que os processos mais utilizados com a primeira pessoa são os processos mentais, como destacamos a seguir:

37. *i **vejo** que faz tudo isso, sem interesse algum (N.2);*

38. *Por isso que eu **busco olhar** somente as qualidades da pessoa (N.4);*

39. *é um irmão mais novo que eu não **tive** (N.7).*

A primeira pessoa aparece, na grande maioria, seguido por processos mentais. Como coloca Fuzer & Cabral (2010, p. 49), “as orações mentais constituem

processos que se referem à experiência do mundo de nossa consciência”. Acreditamos que isso aconteça pelo contexto sociohistorico no qual os recuperandos se encontram, pois estão isolados da sociedade e privados da liberdade, podendo, então, refletir sobre os próprios atos, comparando-os com os dos outros recuperandos, e sobre as pessoas com as quais convive. Como afirma Foucault (2010), o isolamento faz com que os presos reflitam sobre seus atos, o que auxilia na recuperação. No mais, o próprio contexto no qual escreveram as narrativas pode ter relação com estes dados, pois, ao serem pedidos para escrever sobre os colegas, tiveram que refletir sobre o outro para, então, escrever. Tanto que, a maioria das orações mentais recorrentes nas narrativas ‘Quem é ele?’ são perceptivas, pois os recuperandos descrevem o que percebem nos demais (como no excerto 37), sem muitas vezes ter certeza se o que estão descrevendo é a verdade.

Já o exemplo 39, indica um processo relacional de posse. Tal processo é muito comum quando os recuperandos colocam o outro como sujeito das orações. Além disso, demonstra uma relação afetiva, pois representa o recuperando como um irmão.

A terceira pessoa é, então, utilizada no momento em que o narrador descreve o colega, portanto, o verbo mais utilizado é o ser, sendo este um processo relacional, o qual os recuperandos utilizam para dar atributos uns aos outros. Portanto, a maioria delas são orações relacionais intensivas atributivas. Como nos exemplos 40, 41 e 42:

- 40. Tem **boas idéias** e é **inteligente**, mas ao mesmo tempo deixa de lutar pelos ideais por pouca coisa (N.2);
- 41. As vezes e **nervoso** mas sempre calado na dele (N.5);
- 42. Bem irei falar um pouco da pessoa do N. O N. é um rapaz **bom** (N.6).

Já as 1ª e 3ª pessoas do plural aparecem pouco nas narrativas, sendo mais utilizadas quando é necessário traçar comparações entre os recuperandos e as outras pessoas que se encontram em liberdade.

- 43. Geralmente é difícil falar de nós mesmos, mas dos outros é fácil, pois não estamos em sua pele nem passamos pelos problemas que ele passou ou está passando (N.1);

44. *Se tem uma coisa que temos que ter muito! Chama-se paciência! Mas a dele é pouquíssima (N.2);*
45. *as pessoas tentam mostrar pra outras o defeito de alguém, pra que elas não vejam as qualidades (N.4).*

Cabe destacar que a primeira pessoa do plural (nós) aparece com mais frequência que a terceira pessoa do plural (eles) a fim de que os recuperandos fiquem iguados às outras pessoas, como no exemplo 44, em que o recuperando afirma que todos nós precisamos ter paciência. Com isso, o recuperando acaba constituindo uma identidade coletiva.

Com relação ao tempo verbal, podemos observar que o tempo Presente, assim como nas narrativas ‘Quem sou eu?’, é bastante recorrente.

| TEMPO VERBAL | 8 NARRATIVAS |
|--------------|--------------|
| Presente | 8 |
| Passado | 5 |
| Futuro | 2 |

Figura 14: tabela dos tempos verbais II

46. *O que sei dele é o que vivemos **aqui no dia-a-dia** (N.4);*
47. *Em fim este é o N. na minha visão de **hoje** (N.6);*
48. *S. **é** um cara legal é um cara trabalhado **tem** boa vontade com as coisas da casa (N.8).*

O exemplo 46 é curioso, pois mostra que a opinião do recuperando a respeito de seu colega pode mudar com o tempo, já que deixa bem marcado que está narrando a visão atual dele com relação ao outro, e que esta, pressupõe-se, foi diferente em algum momento no passado. As circunstâncias temporais são um aspecto relevante nas narrativas, pois, elas delimitam as reflexões e as atribuições de qualidades ao colega. Por exemplo, o hoje, se desenvolve em um ambiente fechado, que é na APAC, isso faz com que os recuperandos reflitam e atribuam qualidades apenas sobre o que acontece no regime fechado. O exemplo 47 também

é interessante, pois o recuperando, ao falar do regime fechado da APAC, o denomina 'casa'. A forma com que ele vê e representa a APAC em sua narrativa constrói uma relação afetiva e não jurídica ou penal, no caso de prisão, um lugar ao qual ele não pertencesse.

O tempo Passado aparece na maioria das narrativas, afinal, o gênero requer esta característica. Porém, o tempo Passado, neste tipo de narrativa, está associado ao ato de reflexão, de indagação sobre as práticas e atividades desenvolvidas antes da prisão, pois a prática de narrar nossas vidas e a de outros indivíduos requer que voltemos ao passado, relembando fatos que ocorreram até que cheguemos ao tempo atual, com isso, é inevitável não acontecer algum tipo de reflexão. Além disso, devemos nos atentar ao fato de que “as narrativas não são simplesmente histórias individuais que refletem sobre experiências. São, por natureza, sociais e relacionais já que adquirem sentido dentre nossas histórias sociais coletivas” (JOHNSON, GOLOMBEK, 2002 *apud*. JUNIOR & BARCELOS, 2006, p. 25). Em outras palavras, os recuperandos, ao escreverem as narrativas dentro do regime fechado junto aos demais recuperandos, acabam levando o contexto sociohistorico em consideração no momento em que estão refletindo e relatando fatos de suas vidas.

49. Ele errou, erros que eu não teria coragem de cometer (N.1);

50. Nesse tempo de convivência que tive com o E. (N.4);

51. V. é uma pessoa que eu vim conhecer na cadeia (N.3).

O tempo Futuro aparece apenas em duas (2) narrativas:

*52. os defeitos não me importo, pois sei que eles só **vão** me trazer problema (N.4);*

*53. Bem **irei** falar um pouco da pessoa do N. O. N. (N.6).*

É interessante observar que o tempo Futuro só é utilizado quando o narrador é também o sujeito, e não, o recuperando que está sendo descrito. Este dado pode ser explicado através pelo fato de que os recuperandos não têm certeza a respeito de seus futuros, muito menos o futuro de outros. Portanto, vemos o futuro como algo incerto, difícil de falar a respeito, talvez por não houver planos, já que os

recuperandos, em questão, se encontram no primeiro dos três regimes pelos quais precisam passar para conseguirem a liberdade.

Outro ponto que pode ser observado a partir dos tempos verbais é a questão da cronologia das narrativas.

| ORDEM CRONOLÓGICA | 8 NARRATIVAS |
|---------------------------|--------------|
| Passado, presente, futuro | 2 |

Figura 15: tabela da ordem cronológica

A ordem cronológica não aparece no corpo de toda a narrativa de ‘Quem é ele?’, apenas em excertos. Como por exemplo:

54. *Esse meu amigo **errou** mas vejo que **está se esforçando** para mudar de vida e isto é que importa. Vejo tentativas, quedas, novas tentativas e com isto ele vai caminhando (N.1).*

A cronologia, às vezes, só se faz presente em excertos pelo fato de os recuperandos não conhecerem a trajetória de vida uns dos outros, ou, por julgarem desnecessário falar do passado para definir o outro. Podemos notar que eles se definem pelo que são e não pelo que foram.

A modalidade epistêmica aparece praticamente em todas as narrativas, com exceção da N.8. Os exemplos mais recorrentes são de modalidades formadas a partir dos advérbios de frequência ‘nunca’ e ‘sempre’, sendo este último o de maior recorrência.

55. *mas quem **nunca** cometeu erros que outros jamais cometeriam (N.1);*

56. ***Nunca** vi pessoa mais anciosa, isto tem prejudicado muito (N.2);*

57. *Que já passou por muita dificuldade quando ele era pequeno, mais **nunca** desistiu da vida (N.3).*

O uso do adjunto modal ‘nunca’, no exemplo 55, dá a mesma ideia de ‘quem não cometeu erros alguma vez na vida?’, em tom de indagação ao leitor e ao mesmo tempo de julgamento, pois o recuperando pressupõe que todos cometem deslizes,

nem que seja uma vez, portanto, segundo ele, não podemos julgar ninguém independente de quais sejam seus erros. É como diz a expressão “Quem nunca errou que atire a primeira pedra”. Já no exemplo 56, a palavra ‘nunca’ está significando ‘em toda minha vida não vi pessoa mais ansiosa’, que, com o uso do advérbio, reforça o fato de o recuperando ser ansioso, intensificando esta característica, ou seja, ninguém é mais ansioso que ele. No exemplo 57, ‘nunca’ tem o mesmo sentido que ‘em nenhum momento desistiu da vida’, ressaltando a questão da persistência, de vencer os obstáculos, não fraquejar.

58. *gosta de agradar **sempre** as famílias de quem dele convive (N.2);*

59. *As vezes e nervoso mas **sempre** calado na dele (N.5);*

60. *escuta **sempre** o que agente fala (N.6).*

No exemplo 58, o uso do advérbio ‘sempre’ intensifica o fato de que o recuperando gosta de agradar as famílias, sendo algo constante. Já no exemplo 59, o ‘sempre’ é utilizado para diminuir, de certa forma, o defeito apontado no início do excerto, a fim de mostrar que, apesar de ser nervoso, o recuperando é sempre “calado na dele”. O uso do conectivo ‘mas’ marca esses dois lados do recuperando, o defeito e a qualidade, trazendo o foco para esta última. E no exemplo 60, o uso do ‘sempre’ também é utilizado para marcar algo corriqueiro, como no excerto 58.

Das oito (8) narrativas, apenas uma (1) apresenta modalidade deôntica:

61. *Se tem uma coisa que **temos que ter** muito! Chama-se paciência! (N.2).*

Neste exemplo, notamos que paciência pode ser visto tanto como algo obrigatório quanto uma necessidade, se pensarmos que eles, provavelmente, são obrigados a serem pacientes uns com os outros a fim de cumprir as normas da metodologia da APAC para que possam progredir de regime.

Há nas narrativas o atravessamento bem marcado do discurso apaqueano e jurídico:

62. *Valoriza muito a sua família (N.2);*

63. *esta para ganhar progreção de regime em Agosto (N.5).*

No exemplo 62, a interdiscursividade está na questão da valorização da família, já em 63, temos o aspecto jurídico, que é o sistema progressivo, ou seja, quem está no regime fechado progride para o semiaberto. Neste exemplo, temos, também, um caso de beneficiário, já que o recuperando irá ganhar a progressão.

Diferentemente dos casos que encontramos nas narrativas ‘Quem sou eu?’, o discurso de transformação em ‘Quem é ele?’ não se dá como um processo acabado (ele era assim, agora é assim), mas como um processo ainda em desenvolvimento. Acreditamos que isso aconteça porque a maioria não se conhecia antes da APAC, portanto, só descrevem as mudanças que eles observam durante o período que estão no regime fechado.

64. *Esse meu amigo errou mas vejo que está **se esforçando para mudar de vida** e isto é que importa. Vejo tentativas, quedas, novas tentativas e com isto ele vai caminhando (N.1);*
65. *eu acho que ele é uma pessoa importante para o grupo, tem seu pensamento de mudança e **quer realmente mudar**, e essa a impressão que ele passa para mim (N.5).*

No excerto 64, é interessante destacar que o esforço para mudar é contínuo, o que pode ser observado a partir do uso do verbo (se esforçando) que é usado na forma progressiva. Tal ideia é retomada no momento em que o recuperando descreve que o outro tenta inúmeras vezes, sem cessar, mesmo diante de dificuldades. Com isso, ele constrói para o outro a identidade de lutador, batalhador.

Além disso, a vontade de mudar é tida, na opinião dos recuperandos, como algo certo, ou seja, eles estão, de fato, tentando mudar, seja de vida ou de comportamento, o que pode ser visto nos dois exemplos, no primeiro através das tentativas incessantes e, no segundo, a partir do termo ‘realmente’, que demonstra veracidade. Esse aspecto de mudança tem relação direta com a metodologia apaqueana que é a de disciplinar o preso, como coloca Foucault (2010), buscando-se não apenas punir o detento pelo crime cometido, mas também, transformá-lo, corrigindo seu erro.

Dentre os atributos encontrados nas oito (8) narrativas, apenas dois (2) textos possuem atributos construídos para outras pessoas que não os recuperandos.

66. *Um exemplo disto é quando falamos **mal de um político** porque ele é corrupto e roubou dinheiro público (N.1);*
67. *mas se um coitado de um caixa de supermercado nos dá um troco a mais, ficamos quietos (N.1);*
68. *Do momento que falamos do próximo, somos pior que ele (N.4).*

Notamos, nos exemplos 66 e 67, que a verbiagem, que é o assunto do processo verbal, é a corrupção. Esta é abordada com a finalidade de mostrar que muitas pessoas que roubam não são vistas como ladrões, como no caso dos políticos que são apenas chamados de corruptos e, na maioria das vezes, não são presos, e no caso das pessoas que não devolvem o troco que receberam a mais, sendo uma prática comumente vista e não sendo considerada nem sequer furto.

Os demais atributos são destinados aos recuperandos, e se dividem em: apreciativos – solidário; inteligente humilde; brincalhão; trabalhador; educado; calmo; criativo; bom; prestativo; amigo; companheiro; sincero; honesto; legal; calado; mil gram -; e depreciativos – ansioso; nervoso; rancoroso; enjoado; bicicleta. Estes atributos demonstram as avaliações que um recuperando faz do outro, sendo a maioria dos exemplos das narrativas ‘Quem é ele’ formada por afirmações avaliativas, nas quais “o elemento avaliativo pode ser mais explícito, como um atributo em processos relacionais atributivos” (RESENDE, 2011, p. 119), como no excerto “tem hora que ele **é** muito **injuado**” (N.8); e avaliações afetivas, formadas por “afirmações com processos mentais afetivos, que envolvem eventos psicológicos, como reflexões, sentimentos e percepções” (HALLIDAY, 1985, p. 106, *apud*. RESENDE, 2011, p. 120), como em: “**Acho** ele uma pessoa de **bom coração, solidário** diante de muitas situações” (N.2).

Nota-se que, dentre os atributos depreciativos, a maioria deles está relacionado ao aspecto emocional, o que pode ser um estado instável, ou seja, uma pessoa pode ou não ser nervosa todos os dias (ela pode ser ou estar nervosa), ao contrário de inteligente, que é algo que a pessoa é, não há variações, não tem como uma pessoa estar inteligente, apenas ser. Tal fato é curioso se pensarmos que em todas as narrativas os recuperandos procuraram focar nas qualidades uns dos

outros, apesar de falar dos defeitos, pontuando atributos negativos que podem ser interpretados como casuais, diminuindo a depreciação.

Outro fator que vale ressaltar é o fato do adjetivo 'calado' estar classificado como atributo de apreciação, sendo que, em diversos contextos pode ser visto como algo ruim.

69. As vezes e nervoso mas sempre calado na dele (N.5).

O adjetivo 'calado', em 69, é usado para descrever uma pessoa discreta, que não conta os erros de ninguém, não se intromete nas conversas alheias, e não para descrever uma pessoa que não conversa, por isso, é visto como uma qualidade. Porém, essa qualidade colocada pelo recuperando contradiz, de certa forma, a metodologia apaqueana que diz que os recuperandos devem trabalhar em conjunto para a recuperação, e, se alguém comete um erro considerado grave, todos são punidos por não ter tentado evitar ou por não ter contado à direção da APAC. Este aspecto da metodologia vai ao encontro da teoria foucaultiana a respeito da punição generalizada, na qual todos os condenados são punidos igualmente, independente do crime/ erro. Este tipo de punição na APAC, provavelmente aconteça para marcar a identidade coletiva, no caso, recuperandos do regime fechado, tendo em vista que para cada regime há determinadas regras e obrigações. Cabe destacar que, ao contrário dos suplícios em que a punição era dada conforme o crime (Foucault, 2010), na APAC todos são punidos igualmente, com exceção do tempo que terão que permanecer presos, já que este varia de acordo com a pena de cada um.

É interessante observar que, dentre os atributos mencionados acima, há dois que são gírias de um grupo bem específico: mil gram e bicicleta, como colocam os recuperandos:

*70. Por outro lado é trabalhador, amigo, prestativo, na nossa gíria **mil gram** pode ser uma boa amizade (N.7);*

*71. Tem hora que ele é muito injuado ele é muito **bicicréta** esse é o defeito dele (N.8).*

Pelo contexto em que essas gírias estão inseridas, podemos inferir que em 70, **mil gram** é de valor apreciativo, pois se encontra junto a outros atributos positivos. Além disso, é possível inferir que **mil gram** pode ser uma abreviação de mil gramas, se pensarmos no contexto na qual a narrativa foi produzida: por uma pessoa que se encontra presa juntamente com várias pessoas que já foram envolvidas com o tráfico de drogas. Portanto, o referido termo seria considerado uma quantidade boa, valiosa.

Já em 71, a gíria **bicicleta** seria utilizada para depreciar o outro, tendo em vista que se encontra junto com outros atributos de valor negativo. Porém, não foi possível fazer nenhuma inferência para o significado da mesma.

| IDENTIDADES CONSTRUÍDAS NAS 8 NARRATIVAS |
|---|
| 1 – companheiro; pai; bandido; ser humano; amigo; filho; lutador (N.1). |
| 2 – companheiro; desistente; ‘familiar’ (N.2). |
| 3 – amigo; trabalhador; lutador (N.3). |
| 4 – desconfiável; tranquilo (N.4). |
| 5 – prestativo; cozinheiro; nervoso; rancoroso (N.5). |
| 6 – ser humano em evolução; camarada; amigo; companheiro; vizinho; sincero; prestativo (N.6). |
| 7 – irmão; trabalhador; prestativo (N.7). |
| 8 – trabalhador, prestativo; ‘familiar’ (N.8). |

Figura 16: tabela das identidades construídas nas narrativas II

Notamos que as identidades compartilhadas entre os recuperandos são as de companheiro, ser humano, amigo, lutador, familiar, trabalhador, prestativo. Já algumas se restringem a apenas um dos oito recuperandos, sendo: pai, bandido, filho, desistente, desconfiável, tranquilo, cozinheiro, nervoso, rancoroso, camarada, vizinho, sincero, irmão.

Como podemos ver, as identidades compartilhadas são formadas por atributos apreciativos, já os atributos depreciativos se encontram nas identidades construídas

apenas para um dos recuperandos, em específico. Há, também, o atributo cozinheiro, que é o único que representa uma funcionalização, ou seja, é o único que descreve a função do recuperando dentro do regime fechado. Sendo que, a maioria dos atributos é apenas de identificação, isto é, descrevem aquilo que são.

Por apresentarem mais de uma identidade ao mesmo tempo, temos exemplos do sujeito fragmentado de Hall (2002), no qual uma única pessoa pode ser pai, filho, irmão, podendo assumir diferentes identidades, até mesmo, contraditórias. Como coloca Hall (2002, p. 12): o sujeito pode ser “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Não vemos a partir dos relatos a questão da transformação de identidade, colocando esta como fluida, apenas a fragmentação da mesma.

4.3. As escritas reflexivas sobre a vida: Trajetória

A análise da trajetória dos recuperandos se faz importante para observarmos como estes se construíam e se constroem, a fim de observarmos se há transformação no modo de pensar, de agir ou de ser, e se os crimes que os levaram à prisão têm, segundo eles, influencia ou relação no que são ou foram. Além disso, as histórias de vida de cada um pode nos fazer entender o motivo que os levou ao crime, se eles se colocam como vítima, ou seja, culpam a sociedade, a família, os amigos, ou se eles se veem como responsáveis pelos próprios atos, fazendo suas próprias escolhas na vida. Para tanto, daremos início à análise partindo dos temas abordados, pelos recuperandos, nas cinco (5) narrativas produzidas.

Nota-se que, dentre os temas desenvolvidos, os mais recorrentes foram prisão/ APAC; crime; família.

Ao falar de prisão, os recuperandos traçam comparações entre a prisão comum e a APAC e utilizam diferentes formas para expressar que estão presos. O que pode ser visto em:

1. *parei algum tempo na **prisão comum** lá é muito umilhação pra gente e mais ainda para família. hoje graças a deus e as pessoas **aqui da apac** cumpro a pena com dignidade (N.1);*

2. *hoje vivo uma vida de **apacano**, mas mesmo assim não desisti de minha liberdade (N.2);*
3. *tenho um ano, que **cheguei à instituição**, aprende e guardo para mim, muitas lições (N.5).*
4. *estou **aqui na instituição** a 1 mês (N.3);*
5. *faz 4 anos **que fui preso** pela primeira vez (N.3)*
6. *fiquei 4 anos no crime sem se quer se revistado por policia na rua como se diz passando despercebido, mas quando **fui preso** fiquei 1 ano e dois meses **na tranca** me parecia que estava a 100 anos tamanho sofrimento que passei mas por um lado sirviu de lição pois já se passaram 3 anos que sair dessa primeira vez e fiquei até o dia de hoje sem cometer crime (N.3).*

Podemos observar que, ao falar que estão presos na APAC, os recuperandos o fazem de maneira mais amena fazendo uso de verbos como *chegar, viver, estar*, ao contrário de quando falam da prisão comum, em que usam verbos e expressões como *parar, ter sido preso, ficar na tranca*. Portanto, podemos inferir que estar preso na Associação é menos sofrimento que estar preso em uma cadeia comum, por isso, eles se sentem melhores e não se identificam como presos para não se igualarem aos que estão em situações piores. É possível notar, também, nos excertos 1 a 4 que eles se veem como parte da instituição, já que usam o termo 'apacano', isto é, a partir do momento que eles saem da cadeia comum e vão para a APAC, eles deixam de ser presos ou condenados e passam a assumir a identidade de apacano ou de recuperando, termos estes que valorizam o ser humano. Outro aspecto que aparece nos trechos acima é que uma mesma pessoa pode ser **presa** mais de uma vez, como no exemplo 5, no qual o recuperando, ao falar sobre quando foi **preso** pela primeira vez, já nos faz pressupor que foi preso outras vezes antes de ir para a APAC, onde se encontra atualmente, sendo então, reincidente.

Ao falar dos crimes e dos erros que cometeram, a maioria dos recuperandos fala a razão pela qual cometeram os delitos.

7. *sai da escola muito cedo e depois comesei a usar drogas, bebidas saia pra festa ficava fora de casa ao passar do tempo **comesei a vender drogas**, e mais tarde veio prisão (N.1);*
8. *meu **crime é 157** ou seja **assalto** (N.3);*

9. *Hoje eu poderia estar em qualquer **outro tipo de prisão**, ou até mesmo nas ruas, cometendo os mesmos atos, **matando, roubando e traficando** (N.5).*

No exemplo 7, há a construção da gradação de erros até chegar ao crime: tráfico de drogas. Uma sequência de ações, realizadas pelos processos materiais: sai, comecei a usar, saia, comecei a vender. Ao construir a realidade vivida desta forma, o recuperando o representa como um ator, um agente responsável pelas próprias práticas e ações. O que nos dá a ideia, e vai ao encontro do senso comum, de que grande parte dos usuários de drogas torna-se traficantes, provavelmente para sustentar o próprio vício. Já no exemplo 8, temos o crime assalto, que segundo o Código Penal seria o crime 157, explicado pelo recuperando por meio da informação realizada pela extensão: ou seja assalto. É interessante observar que o recuperando ao fazer esta distinção demonstra que conhece o assunto, ou seja, tem conhecimento sobre os códigos e as leis, além disso, demonstra preocupação em explicar ao leitor esta distinção, pois, se colocasse apenas crime 157, muitos não saberiam do que se trata. Os presos conhecem seus direitos e deveres e têm conhecimento sobre todo o processo, portanto, eles podem exigir seus direitos. O que se difere do processo que Foucault (2010) descreve no qual tanto os presos quanto a população desconheciam o processo criminal. O exemplo 9 é o que nos fala explicitamente sobre as práticas que o levaram à prisão (assassinato; roubo; tráfico), e deixa claro para o leitor que, se ele não estivesse preso poderia estar cometendo os mesmos delitos. Portanto, a prisão, neste caso, é representada pelo recuperando como espaço de salvação.

A prisão como espaço de salvação pode ser vista também no seguinte excerto:

10. *Cascoei muito da lei. Eu sabia que eu devia muito a justiça, mas nada provava a meu respeito. Como todos tem sua sina. A hora ia chegar. **Agradeço a Deus**, por ter chegado e com a chegada também uma grande oportunidade de uma vida melhor (N.5).*

Contrariando o que muitas pessoas pensam, o recuperando, em questão, entende a prisão como algo bom, como uma oportunidade de ter uma vida melhor. A

prisão, portanto, não representa um aspecto negativo em sua trajetória, mas sim, algo positivo, pois seria, talvez, a única opção para que ele pudesse sair da vida do crime e procurar outras formas de viver, ter outros valores em sua vida. Observe que o recuperando chega a tal conclusão ao refletir sobre os seus atos; tal reflexão realizada por meio de processos mentais: sabia. Observe que o processo comportamental “cascoei” explicita um pouco a relação entre o universo criminal e a lei.

O que chama ainda atenção neste excerto é o discurso ironicamente vinculado ao destino, fardo, como se o recuperando estivesse sujeito a tal fatalidade, ou seja, como se ele não tivesse cometido os crimes, pelos quais teria que pagar, juridicamente falando.

Além dos exemplos acima relacionados ao crime, temos, também, alguns que estão relacionados ao momento em que entraram para a vida do crime e/ou o que os motivou:

11. *sai da escola muito cedo e depois comesei a usar drogas, bebidas saia pra festa ficava fora de casa ao passar do tempo comesei a vender drogas (N.1);*
12. *entrei pra vida do crime quando tinha 19 anos (N.3);*
13. *entrei na vida do crime por puro prazer porque nunca tive a **necessidade de tamanha ignorância** pois fui um menino que tudo que estava em alcance meus pais me dava como por ex: videogames, dinheiro, etc tudo que era de alcance deles, em minha adolescência **conheci algumas pessoa que não me fizeram tão bem ou sei la minha companhia não fez a estas pessoas tão bem** (N.3).*
14. *A pesar de tudo, eu sempre fui feliz, fiz o que fiz, por fama, não precisava (N.5).*

Os excertos 11 e 12 mostram por meio da circunstância temporal (depois, quando) a entrada no crime. Já o exemplo 13, contraria o esperado, já que o motivo (circunstância de causa: puro prazer) pelo qual entrou para a vida do crime é o prazer em cometê-lo, e não a falta de oportunidade (estudo ou emprego), ou por dinheiro, ou ainda, por culpa da sociedade. Isso nos chama atenção pelo fato de que este caso não se configura como um problema social que o fez cometer crimes, mas uma vontade própria, a busca talvez pelo poder, status. Observe ainda a construção discursiva no exemplo 13: o recuperando, refletindo, diz que outras pessoas podem

tê-lo influenciado quanto ele pode ter influenciado outras pessoas. Vemos, então, que ele, mais uma vez, não se coloca como vítima, pois reconhece que pode ter agido de forma “errada” com outras pessoas. Ao mesmo tempo em que se coloca como beneficiário de alguma ação (não me fizeram bem), também se coloca como o agente de uma ação: não fazer bem ao outro. Já no excerto 14, a razão que motivou o recuperando a cometer crimes foi a fama, pois, como alguns relataram durante as oficinas de produção de texto, eles se sentiam importantes, eram bastante conhecidos, e isso os faziam se sentir bem. Portanto, podemos ver que o crime também pode estar ligado à questão do ego do ser humano, que através do crime muitos encontram uma forma de se elevarem.

O tema família aparece em quatro (4) narrativas:

15. *cumpro a pena com dignidade minha família é tratada com respeito é isso (N.1);*
16. *. Espero sair desta e continuar os meus planos de vida com a minha família se possível fôr (N.2);*
17. *Então minha história é assim tenho 27 anos casado 2 filhos (N.3);*
18. *sou de uma família de classe média onde meu pai é locutor minha mãe professora, sou casado basicamente a 14 anos tempo em que conheci minha esposa mas no papel mesmo somos casados pouco mais de 3 meses (N.3);*
19. *hoje, além da minha família e das vítimas que prejudiquei, ninguém mais chora, sofre por causa das minhas atrocidades (N.5);*
20. *Porque se não é **a força que tenho da família, da instituição e da minha própria vontade** de melhor minha convivência com a sociedade em geral (N.5).*

Podemos ver que, ao falar da família, os recuperandos, com exceção dos exemplos 17 e 18, falam de aspectos a ela relacionados, mas não faz referência direta, como vimos nas narrativas ‘Quem sou eu?’, onde mencionam nomes, número de filhos e/ ou irmãos, se são casados, entre outros. Nos exemplos acima vemos que a família é vista como algo fundamental para a recuperação deles, como no exemplo 20; sinônimo de preocupação, como nos exemplos 15 e 19. Em 15, observamos ainda o aspecto da humanização do sistema prisional brasileiro. Portanto, os valores familiares são colocados em questão, o fato de que eles devem se preocupar e valorizar a família que têm. Além disso, nos exemplos 19 e 20, a família está ligada à

mudança de identidade do recuperando, pois no excerto 19, esta não sofre mais, pois o recuperando mudou de comportamento, já não faz mais atrocidades. Cabe destacar a escolha do termo 'atrocidades', através do qual o próprio recuperando julga seus atos como barbaridades, crueldades, não como erros, igual muitos recuperandos o fizeram. Já no excerto 20, o recuperando muda de comportamento em função da família que o ajudou, dando forças a ele neste processo de recuperação.

Além dos temas, é interessante notar os diálogos que são traçados com o leitor, o que acontece em:

21. *Enfim minha vida não se resume só nisso mas espero **ter passado um pouco da minha história de vida**. Obrigado! (N.3);*
22. ***Lembre-se**, o sorriso deixa qualquer um bonito, elegante, educado, simpático, feliz, e melhor, teu sorriso tem poder de encantar qualquer um. Basta você sorrir (N.4);*
23. ***Agradeço pela atenção** e que pensa na mudança, ela acontece, basta querer, pois poder, você pode... (N.5).*

A partir dos excertos acima podemos ver que os recuperandos têm a preocupação em passar uma mensagem para o leitor, como se fosse uma necessidade de se comunicar com ele, o que às vezes se dê por verem a oficina de produção de texto e o blog como único meio de se comunicar com as pessoas que estão fora da prisão, alertando-os para que não façam o mesmo que fizeram, ou para que as pessoas acreditem que eles estão, de fato, se recuperando, logo, merecem a liberdade. É interessante destacar que o aviso é necessário tendo em vista que a população não é tida mais como algo importante no processo de punição, como forma de garantia da punição. Portanto, se esta não vê a punição ela não tem como sentir medo, ficar intimidada e, com isso, não cometer crimes, como coloca Foucault (2010). Em função desse distanciamento entre a sociedade e a punição e a rotina dos presos, os recuperandos se sentem no papel de orientar, aconselhar as pessoas para que não cometam crimes, alertando-os do sofrimento que é estar preso. Outro aspecto que podemos observar nos excertos acima é que eles se sentem agradecidos pelas leituras realizadas pelos possíveis leitores, pois, nos exemplos 21

e 23, os recuperandos terminam suas narrativas agradecendo ao leitor. Por outro lado, ao se dirigir ao leitor, os recuperandos buscam aceitação da sociedade.

Apenas duas (2) das cinco (5) narrativas apresentam título, sendo: **A trajetória da vida** (N.1); **Onde tudo começou** (N.4). Os dois títulos, a partir das escolhas lexicais, nos remetem à ideia de passado, já que uma apresenta a palavra trajetória, que significa “linha descrita ou percorrida por um corpo em movimento” (FERREIRA, 2011, p. 2066); e a outra mostra que voltará no início de tudo, ou seja, no passado onde sua vida ou determinados fatos começaram a ocorrer até que se chegasse no que é hoje. Cremos que a ausência de título talvez se dê pelo fato de ser difícil nomear nossa vida, já que esta é feita de etapas, podendo ser totalmente diferentes.

Também foram observados os processos mais recorrentes nas narrativas. Com isso notamos que, diferentemente das demais, nestas os processos mental, material e relacional são recorrentes, como se observa abaixo:

| PROCESSOS MAIS RECORRENTES | 5 NARRATIVAS |
|----------------------------|--------------|
| Mental | 4 |
| Relacional | 5 |
| Material | 5 |
| Verbal | 2 |

Figura 17: tabela dos processos mais recorrentes III

Os processos mentais são bastante recorrentes e bem variados. Para exemplificar temos os seguintes trechos:

24. *No mais **espero** que Deus me dê todos as forças de que preciso para conseguir o meu tão esperado plano (N.2);*
25. ***Sabemos** que, tudo na vida, pode ter mudanças. Tanto para melhora, quanto pra pior (N.5).*

As orações mentais servem “para construir o processo da própria consciência do falante” (FUZER & CABRAL, 2010, p. 49). Por isso, ao serem usadas nas narrativas, as orações mentais demonstram a experiência de reflexão, expressando sentimento, julgamento moral e ético. A todo instante os recuperandos julgam seus comportamentos. Cabe destacar que o “processo reflexivo não acontece sozinho. É, na verdade, um trabalho ativo, consciente que pressupõe esforço, vontade e que tem lugar quando condições são criadas para isso” (CELANI, 2003, p. 27). Como aconteceu nas oficinas de produção de texto, em que a pesquisadora introduzia um tema, discutindo-o com os recuperandos para, então, pedir a eles que escrevessem sobre o mesmo. Portanto, no primeiro momento se tinha uma reflexão em conjunto e, em seguida, a reflexão individual.

Os processos relacionais ocorrem, com maior frequência, com os verbos ser e estar, cabendo ressaltar que, em muitos casos, no tempo passado. Além disso, ressaltam atributos dos próprios recuperandos, sendo, então, orações relacionais intensivas atributivas, como no excerto:

26. *Eu **era** muito tímido, por isso **era** calado, para mim, isso era uma grande qualidade (N.4).*

Vemos que o recuperando descreve como era e justifica seu modo de ser (era calado porque era tímido). Outro aspecto que pode ser visto é o fato de que o recuperando reforça que ser calado era visto como uma grande qualidade para ele, e que outras pessoas julgavam essa característica como defeito, o que pode ser visto no momento em que ele destaca o “para mim”, colocando-o entre vírgulas. Portanto, temos neste exemplo, não só a presença da avaliação do próprio recuperando, como a de outras pessoas.

O verbo “ter” também aparece em maior proporção. Como exemplos de orações relacionais, temos:

27. *A minha vida **tem** muitas historias que se fôr falar delas todas da para fazer um livro de mais de 2 mil paginas (N.2);*

28. *Eu não **tenho** que me fantasiar, dizendo que já me recuperei (N.5).*

Em 27, temos uma oração relacional possessiva, em que muitas histórias pertencem à vida do recuperando. O fato de sua vida possuir tantos acontecimentos é reforçado quando ele fala que daria para escrever um livro, e destaca que seria de 2 mil páginas. Esta última informação intensifica e confirma que, de fato, são muitas histórias. Em 28, temos o verbo “ter” precedido de um advérbio que exprime negação (não) a fim de mostrar que o recuperando não é obrigado a se fantasiar, ou seja, fingir, se passar por recuperado. Tal fato nos conduz a pensar que alguns recuperandos fingem estar recuperados, se comportando bem e mostrando uma identidade que eles não possuem a fim de conseguir o que querem, como a progressão de regime, por exemplo.

Os processos materiais aparecem em quatro (4) das cinco (5) narrativas. Como exemplos, temos:

29. *A minha vida é um pouco complicada **sai** da escola muito cedo e depois **comesei** a usar drogas (N.1);*

30. ***É**ro como todos, **luto** por ser melhor (N.4).*

Em 29, temos o processo material constituído pelo verbo “sair”, sendo utilizado para mostrar que o recuperando parou de estudar ainda novo e, talvez como consequência da falta de estudo e educação, começou a usar drogas. É interessante notar que o recuperando é o sujeito que pratica a ação, ele assume seus atos, não colocando os fatos de sua vida como consequência de influência de amigos ou culpa da família. No excerto 30 também temos o recuperando como responsável pelos seus atos, pois é ele quem erra, ele que luta. A respeito deste último verbo, é interessante observar que o recuperando não luta contra alguém ou com alguém, mas para ser algo. Portanto, ele busca uma nova identidade, a de uma pessoa melhor, a fim de abandonar a atual identidade, a de criminoso. Isso nos mostra a ideia de que a identidade pode ser construída aos poucos e que, muitas vezes, não é fácil se desvincular da identidade que nos foi atribuída, seja em decorrência de nossos próprios atos ou por julgamentos de outras pessoas. Como coloca Bauman (2005, p. 44), muitos seres humanos “se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se

ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam (...)”. Como é o caso dos presos, em geral.

Já os processos verbais não são recorrentes, aparecendo em apenas duas (2) das três (3) narrativas:

31. *A minha vida tem muitas histórias que se fôr **falar** delas todas da para fazer um livro de mais de 2 mil páginas (N.2);*

32. *Hoje posso **dizer** que buscar uma melhora de vida é bom, mas muito difícil (N.5).*

Em 32, notamos que o verbo “dizer” é usado como forma de desabafar e de constatar algo sobre o qual o recuperando já refletiu que é a questão do buscar uma vida melhor, que é julgado por ele como algo bom e difícil. O “hoje posso dizer” nos mostra essa ideia de que ele refletiu e que chegou a uma conclusão, por isso é capaz de dizer, de afirmar.

Outra categoria observada nas narrativas foi as pessoas do discurso, as quais apontamos no quadro abaixo:

| PRONOMES PESSOAIS | 5 NARRATIVAS |
|----------------------------|--------------|
| 1ª pessoa do singular: eu | 5 |
| 1ª pessoa do plural: nós | 2 |
| 3ª pessoa do singular: ele | 2 |
| 3ª pessoa do plural: eles | 0 |

Figura 18: tabela das pessoas do discurso III

O gênero narrativa de relato de experiência tem como característica o uso da primeira pessoa do singular (eu), tendo em vista que o narrador, sendo o próprio sujeito narrado, irá relatar suas experiências pessoais. Portanto, a 1ª pessoa do singular é a que aparece com maior frequência nas narrativas, podendo ser observada em:

33. **sou** pedreiro, bombeiro hidráulico, carpinteiro de fôrma, armador e **faço** serviço de manutenção elétrica (N.2);

34. **adoro** dar altas gargalhadas, sorrisos encantadores (N.3);

35. Já **cheguei** a comemorar, varias vezes, de quando **eu saia**, ilêso dos fragantes em delegacias, das vezes que **cai** (N.5).

A primeira pessoa do plural (nós) tem ocorrência em apenas duas (2) das cinco (5) narrativas. Alguns exemplos são:

36. Ser educado é tudo, que **devemos** aprender (N.4);

37. Sou feliz, mesmo nos problemas pois, a felicidade é tudo que **precisamos**, para estar bem todos os dias, mesmos nos problemas (N.4);

38. **Devemos** ter, toda a confiança sobre esse propósito. Se eu posso, basta eu querer... (N.5).

É pertinente observar que o nós é usado apenas em casos onde são empregados verbos como dever, precisar, que são modais. A partir deste fato, podemos inferir que o recuperando, ao fazê-lo, deseja incluir o leitor a fim de mostrar que todos nós devemos ser educados, que todos nós só precisamos da felicidade, pois esta é a única coisa necessária para que estejamos bem, e que todos nós devemos confiar na mudança. Ou seja, os recuperandos não descrevem suas obrigações como recuperandos do regime fechado, mas, sim, como seres humanos, se igualando as outras pessoas que não estão presas, construindo, desta maneira, uma identidade coletiva (nós, seres humanos). Além disso, os excertos 36 a 38 são como discursos de autoajuda, nos quais são descritos o que é preciso para ser feliz.

A terceira pessoa do singular (ele) está presente em apenas duas (2) narrativas, como por exemplo:

39. Atraves do sorriso, **você vê** no próximo, a felicidade, o carinho, tudo que **ela sente** naquele momento (N.4).

A terceira pessoa do singular é usada para coisas abstratas, como sorriso no excerto 39. O motivo pela ausência da terceira pessoa do plural possivelmente se dê

por as outras pessoas não serem o foco das narrativas, não interessa aos recuperandos falar de outros, ou de amigos e parentes. Isso talvez acontecesse caso os recuperandos se sentissem vítimas, influenciados por outras pessoas.

Outro aspecto analisado foi o tempo verbal:

| TEMPO VERBAL | 5 NARRATIVAS |
|--------------|--------------|
| Presente | 5 |
| Passado | 5 |
| Futuro | 1 |

Figura 19: tabela dos tempos verbais III

O tempo Presente aparece em diversos trechos das narrativas, não sendo esta uma característica do gênero, dentre eles:

- 40. *No momento estou passando uma vida cheia de trancos e barracos (N.2);*
- 41. *Vejo o sorriso, como algo mais belo que alguém pode ter, em qualquer situação (N.4);*
- 42. *Sou recuperando da Apac de Viçosa. Pra mim, a felicidade é tudo (N.5).*

O fato de o tempo Presente ser frequente nas narrativas, provavelmente, se dê em função de os recuperandos não terem certeza do futuro, por não terem perspectivas para o futuro, ou por vê-lo como algo distante sobre o qual só refletirão quando estiverem no regime aberto, que é o momento em que eles saem da APAC para trabalhar durante o dia, tendo que voltar somente para dormir.

Em 40, o recuperando inicia o texto de forma circunstancial (no momento), neste lócus em que se encontra (prisão), para narrar a forma como está agindo: vivendo, sendo a meta, a vida. De que forma: cheia de trancos e barrancos. Apresentam sempre as dificuldades. Em 41, o recuperando fala a respeito do sorriso, sendo este o foco de toda sua narrativa. Cabe ressaltar que, durante as oficinas de produção de texto, este recuperando sempre reforçou o fato de que está sempre sorrindo, que não fica de mau humor e que não consegue gritar. Porém, o mesmo, em outra narrativa (que não faz parte do corpus desta pesquisa) afirma que se

alguém mente para ele, ele mata a pessoa, e ainda acrescenta que isto ninguém irá mudar nele. Portanto, podemos inferir que, ou este recuperando tem dupla personalidade, ou utiliza-se do sorriso para superar os traumas causados pelos seus crimes, ou, ainda, faz do sorriso um meio de amenizar a negatividade da identidade que possui de assassino, pois, apesar de os recuperandos serem tratados por igual dentro da APAC, seus crimes estão registrados em documentos, o que prevalecerá mesmo após o cumprimento da pena. Em 42, o recuperando se identifica como recuperando da APAC, especificando que é da unidade situada em Viçosa. É interessante observar que, mesmo estando no primeiro dos três regimes (fechado, semiaberto e aberto), os recuperandos já se identificam como tais, não utilizando frases como: sou preso, sou condenado. Quando usam esses termos, o fazem acompanhados do verbo estar, e não ser, indicando que o fato de estar preso é uma condição temporária, e não, uma identificação permanente.

O tempo Passado, nas narrativas, foi usado para falar de suas experiências:

43. *Período em que minha vida teve vários altos e baixo por vez na rua tranquilão na atividade por outra atrás das grades em um presídio (N.3);*
44. *Já a educação, aprendi **tanto na escola, quanto na experiência do dia dia em casa** (N.4).*

Em 43, temos um exemplo de oração relacional possessiva atributiva que ocorre com o verbo ter, na qual os atributos *vários altos e baixo* encontram-se relacionados à vida do recuperando. A razão de sua vida ter tido vários “altos e baixos” é dada logo em seguida “por vez na rua tranquilão na atividade por outra atrás das grades em um presídio” (N.3). A partir deste excerto, podemos inferir que o recuperando, em questão, foi preso mais de uma vez e que, ao ser solto voltava a praticar os mesmos delitos, o que fica em evidência com a expressão “tranquilão na atividade”, e, por isso, era preso novamente. Já em 44, o aspecto retratado é a educação. O recuperando afirma ter aprendido tanto na escola quanto em casa, passando a ideia de que recebeu educação da família. Além disso, mostra que aprendeu não só lições da escola, como através de experiências diárias.

Já o tempo Futuro aparece em apenas uma (1) narrativa:

45. Hoje eu **poderia** estar em qualquer outro tipo de prisão, ou até mesmo nas ruas (N.5).

Como podemos observar, o tempo utilizado neste excerto é o Futuro do Pretérito, o qual é utilizado como forma de reflexão, pois o recuperando pensa nas possibilidades de sua vida, como ela poderia estar caso ele não estivesse na APAC, chegando à conclusão de que estaria em situação pior.

| ORDEM CRONOLÓGICA | 5 NARRATIVAS |
|---------------------------|--------------|
| Passado, presente, futuro | 4 |

Figura 20: tabela da ordem cronológica II

A ordem cronológica aparece em quatro das cinco narrativas. Como pode ser observado nos seguintes excertos:

46. *sou casado basicamente a 14 anos tempo em que conheci minha esposa mas no papel mesmo somos casados pouco mais de 3 meses, entrei pra vida do crime quando tinha 19 anos (N.3).*

47. *Cascoei muito da lei. Eu sabia que eu devia muito a justiça, mas nada provava a meu respeito. Como todos tem sua sina. A hora ia chegar. Agradeço a Deus, por ter chegado e com a chegada também uma grande oportunidade de uma vida melhor (N.5).*

Notamos que a cronologia está presente em muitos excertos das narrativas, nas quais os recuperandos relatam fatos passados para se chegar ao hoje, como se os fatos fossem uma ação e reação, ato e consequência, como no exemplo 47, em que o recuperando fala sobre o fato de dever à justiça, ou seja, havia cometido crimes e não havia sido preso, cumprido a pena, pois saía ileso de todas as acusações por falta de provas. Porém, em um determinado momento os atos que ele cometia acabaram resultando em prisão. E, como consequência da prisão, a oportunidade de mudar de vida.

Outra categoria analisada nas narrativas é a modalidade, como mostra o quadro abaixo:

| MODALIDADE | 5 NARRATIVAS |
|-----------------------|--------------|
| Modalidade epistêmica | 4 |
| Modalidade deôntica | 3 |

Figura 21: tabela das modalidades III

Ao analisar as modalidades nas narrativas, observamos que as modalidades deônticas aparecem com mais frequência que nas narrativas anteriores, apesar de aparecer em apenas três das cinco. Como exemplos de modalidades deônticas, temos:

48. *Ser educado é tudo, que **devemos** aprender (N.4);*
49. *Busco minha recuperação, não pelo tempo que **tenho** até hoje, nem pelo que ainda **tenho** que ficar, que são mais sete anos (N.5);*
50. ***Tem** que ter calma, e saber controlar seus desejos (N.5).*

Os recuperandos fazem uso da modalidade deôntica quando descrevem o que é necessário para que consigam se recuperar ou suportar os anos na prisão, como podemos notar nos exemplos 48 e 50. Já o exemplo 49 fala sobre obrigação, que é o tempo que o recuperando tem que ficar preso de acordo com o que a lei impõe, pois, como afirma Foucault (2010) é necessário não só um regime progressivo, mas um tempo determinado, com começo e fim.

As modalidades epistêmicas são várias, dentre elas:

51. *Espero sair desta e continuar os meus planos de vida com a minha família se **possível** fôr (N.2);*
52. *Brincalhão, sou muito brincalhão, mas sei a hora de brincar, consigo brincar da minha própria desgraça, **as vezes** (N.4);*
53. *Se eu **posso**, basta eu querer... (N.5).*

A modalidade epistêmica é utilizada quando os recuperandos expressam probabilidade, como no exemplo 51; usualidade como no exemplo 52; ou ainda permissão como em 53.

A interdiscursividade com o discurso da APAC também foi uma das categorias analisadas nas narrativas:

| INTERDISCURSIVIDADE | 5 NARRATIVAS |
|---------------------|--------------|
| APAC | 3 |

Figura 22: tabela da interdiscursividade III

Os trechos a seguir são exemplos de interdiscursividade:

54. *estou aqui na instituição a 1 mês meu crime é 157 ou seja assalto (N.3);*

55. *sinto que a 3 anos **matei o criminoso que havia dentro de mim** (N.3);*

56. *hoje, além da minha família e das vítimas que prejudiquei, ninguém mais chora, sofre por causa das minhas atrocidades (N.5).*

Ao contrário das narrativas ‘Quem sou eu?’ e ‘Quem é ele’, as narrativas ‘Trajetória’ apresentam vários atravessamentos com o discurso da APAC, fazendo referência direta à metodologia da APAC no exemplo 55, tendo em vista que o livro de metodologia da APAC se chama ‘Vamos matar o criminoso?’, no qual o autor discute a respeito de matar o criminoso e salvar o homem, sendo este o lema do método. Já nos exemplos 54 e 56, o interdiscurso se dá com os aspectos do discurso jurídico, sendo no primeiro um interdiscurso com o *Vade Mecum*, que é um livro para consulta rápida onde se encontram códigos e leis, em geral; e, o segundo, a palavra vítima que, no âmbito jurídico, implica em “pessoa contra quem se comete crime ou contravenção” (FERREIRA, 2011, p. 2167). Nos crimes, por exemplo, tem sempre uma vítima, tanto que o recuperando, caso não quisesse enfatizar a questão do crime, poderia ter feito uso de outras palavras, como por exemplo, pessoas.

| DISCURSO DE TRANSFORMAÇÃO | 5 NARRATIVAS |
|---------------------------|--------------|
| | 4 |

Figura 23: tabela do discurso de transformação III

O discurso de transformação nas narrativas 'Trajetória' está mais relacionado à vida que à identidade, já que o recuperando narra sua trajetória, falando sobre as mudanças que nela ocorreram: a entrada para a vida do crime, o momento em que foram presos, o dia a dia na APAC. Esta transformação pode ser vista nos seguintes trechos:

57. *mais tarde veio prisão parei algum tempo na prisão comum lá é muito umilhação pra gente e mais ainda para família. hoje graças a deus e as pessoas aqui da apac cumpro a pena com dignidade minha família é tratada com respeito (N.1);*
58. *já se passaram 3 anos que sair dessa primeira vez e fiquei até o dia de hoje sem cometer crime (N.3);*
59. *Sei que hoje, não fiz o que fazia a dois anos atrás (N.5).*

Notamos que, no exemplo 57 há uma transformação no modo de viver, já que o recuperando compara como ele e sua família eram tratados na prisão comum e como são tratados agora. Já os exemplos 58 e 59 tratam da mudança de comportamento, pois os recuperandos afirmam que antes cometiam crimes e agora já não o fazem mais. Ambas as transformações estão relacionadas à APAC: a primeira, por mostrar que a metodologia da APAC se preocupa em tratar tanto os recuperandos quanto suas famílias com respeito e dignidade, ao contrário da prisão comum, que é vista como tendo um tratamento humilhante. Pois, como se sabe, na prisão comum todas as pessoas que vão visitar os condenados têm que passar por uma revista, sendo esta, de fato, humilhante, pois se exige que as pessoas tirem as roupas e fiquem em posições constrangedoras. Já na APAC, não há esse tipo de processo, pois, segundo a metodologia, não é necessário fazer revistas tanto que nem policiamento tem na instituição.

Portanto, podemos pressupor, a partir dos fragmentos acima, que a metodologia da APAC é mais eficaz que a metodologia aplicada nas prisões comuns. E que os recuperandos reconhecem essa diferença e se sentem mais humanos, mais respeitados. Pelo menos, é desta forma que descrevem nas narrativas.

A construção de identidade também pode ser observada a partir dos atributos que os recuperandos dão uns aos outros ou a aspectos da vida, como vemos no quadro a seguir:

| ATRIBUTOS | 5 NARRATIVAS |
|--------------------------|---|
| Em quantas? | 5 |
| Para quem ou para o que? | 3 - Próprio recuperando 3 - Aspectos da vida |

Figura 24: tabela dos atributos III

Nas narrativas de ‘Trajetória’ encontramos poucos atributos, diferentemente das demais narrativas analisadas anteriormente. Outro ponto que se difere das demais é que grande parte dos atributos, desta vez, não está relacionado aos recuperandos, mas a aspectos da vida. Como podemos observar em:

60. *A minha vida é um pouco **complicada** (N.1);*

61. *espero em breve terminar esta **dura** batalha (N.2);*

62. *Hoje posso dizer que buscar uma melhora de vida é **bom**, mas muito **difícil** (N.5).*

No exemplo 60, o atributo *complicada* define a vida do recuperando e, ao mesmo tempo, mostra como este vê e classifica sua própria vida, podemos, inclusive, inferir que se trata de uma reflexão que o recuperando faz a respeito de sua trajetória. Já os exemplos 61 e 62 tratam da questão do processo de recuperação, no qual os recuperandos buscam melhorar de vida e se tornarem pessoas melhores. Para tanto, no exemplo 61 o recuperando utiliza-se da palavra batalha para descrever o processo pelo qual está passando, atribuindo a ela o adjetivo dura. Ou seja, o recuperando considera o processo uma dura batalha, na qual deve lutar arduamente para conseguir vencer, não é simplesmente um processo que se dá de forma fácil e tranquila. Como o próprio significado da palavra já diz, batalha é “esforço, empenho” (FERREIRA, 2011, p. 290). No exemplo 62 o recuperando utiliza atributos, também, para definir o processo pelo qual está passando a fim de melhorar de vida, o qual classifica como bom e difícil, o que vai de encontro ao exemplo anterior, mostrando que o processo de recuperação não é fácil, como muitos podem pensar que seja.

| IDENTIDADES CONSTRUÍDAS NAS 5 NARRATIVAS |
|---|
| 1 – traficante (N.1); |
| 2 – pedreiro; bombeiro hidráulico; carpinteiro de fôrma; armador (N.2); |
| 3 – marido; pai; filho; criminoso; nova pessoa (N.3); |
| 4 – pessoa feliz (N.4); |
| 5 – assassino; ladrão; traficante; recuperando da APAC de Viçosa (N.5). |

Figura 25: tabela das identidades construídas nas narrativas III

Observamos que as identidades construídas nas narrativas ‘Trajetória’ são consequências de ações que os recuperandos realizaram durante suas vidas. Como coloca Bauman (2005, p. 17), “as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age (...) são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’”. Portanto, se hoje um deles tem, por exemplo, a identidade de traficante é em decorrência ao fato de ter sido vendedor de drogas. Ele é o responsável por ter essa identidade, mesmo que não tenha sido intencional ou que não goste e da qual não consegue se desvencilhar com facilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas, pudemos concluir que os recuperandos do regime fechado da APAC não se colocam, nas narrativas, como vítimas em nenhuma situação e se revelam conscientes de que seus próprios atos os levaram à prisão. Há uma construção recorrente de um sujeito ator, que é o agente, quem pratica uma ação, e de um sujeito experienciador, que reflete, pensa, sente, assim como a predominância da primeira pessoa do singular. Nas narrativas, as identidades construídas nos remetem tanto à fluidez da identidade (Bauman, 2005), quanto à ideia de Hall (2002) acerca da identidade fragmentada. Observamos, também, que as identidades fazem parte dos reflexos das ações, isto é, as identidades são construídas em função das consequências dos seus atos.

Essas mudanças identitárias, ou redefinições identitárias entre um grupo de narrativas e outro, são curiosas, pois nos fazem inferir que, ao se descreverem, eles refletem acerca da mudança pela qual passaram em suas vidas e, com isso, a forma pela qual se definem também muda. Já ao descreverem o outro, os recuperandos levam em conta, na maioria dos casos, apenas o tempo presente, ou seja, é uma construção circunstancial, pois definem os outros em função do que vivem na atualidade. Atribuem, então, aos colegas diferentes identidades, ou seja, as fragmentam. Ao falarem de suas vidas, os recuperandos relatam seus atos e como isso os afetou na maneira de ser. Eles têm consciência de que seus atos fizeram com que tivessem determinadas identidades, como assassino, traficante, bicho selvagem, com as quais eles têm que conviver mesmo que não queiram e, por isso, tentam mudá-las. Essa questão da luta por uma identidade é discutida por Bauman (2005, p. 21, 22). O autor diz que “a ‘identidade’ só nos é revelada (...) como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais”.

Quanto à representação das experiências sejam concretas/ exteriores ou interiores, constatamos que os processos relacionais foram, em geral, os mais recorrentes talvez em função da escolha do gênero “narrativas reflexivas”. Nas narrativas ‘Quem sou eu?’ há o predomínio dos processos mentais e relacionais, pelo fato de serem narrativas mais reflexivas, pois, ao escreverem sobre si as

peças precisam, antes, refletirem sobre si. Os mesmos processos aparecem com mais frequência em ‘Quem é ele?’, porém os relacionais se sobressaem, já que são narrativas em que os recuperandos falam sobre os outros, com isso, os verbos *ser* e *estar* ficam em evidência, mais do que os mentais, tendo em vista que os recuperandos não vão refletir sobre o outro da mesma forma que o fazem sobre si mesmos. Em ‘Trajetória’ os processos mais frequentes foram o relacional e o material, tendo em vista que os recuperandos não estão preocupados em falar do gostam, se são casados ou se tem filhos, mas sim o que fizeram durante a vida, ou seja, buscarão representar suas experiências concretas e exteriores.

Outro aspecto interessante que pôde ser observado nas narrativas é o fato de a prisão, principalmente a APAC, não ser vista como algo ruim em suas vidas, como esperávamos. Pelo contrário, os recuperandos a representam como uma oportunidade de mudar de vida e assumem, muitas vezes, que, se não fosse a prisão, eles continuariam cometendo os mesmos crimes. Com isso, notamos que a prisão torna-se responsável pela transformação do comportamento, do pensamento e, conseqüentemente, de identidades. Além disso, a ressocialização e a valorização do ser humano é algo importante e aparece com maior eficiência na tentativa de reduzir o problema social que é a violência, a reincidência e a questão da condição de vida nas prisões.

Essa mudança de identidade em decorrência da prisão se dá em função do contexto histórico social em que estão inseridos, pelo fato de ser um regime fechado, privados da liberdade (com exceção de consultas médicas), eles têm tempo para refletir sobre seus atos. Como coloca Foucault (2010, p. 222, 223) o “isolamento do condenado em relação ao mundo exterior” se faz importante, pois a solidão/ o isolamento é uma forma de afastar os presos de seus cúmplices e uma forma de refletir seus atos. Além disso, a metodologia apaqueana foca não só na punição física, mas também na da alma, justamente por se tratar de um processo de recuperação do ser humano a fim de que este seja reinserido na sociedade. O que corrobora com as ideias de Foucault (2010, p. 16): “o corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem”.

Ao narrarem suas experiências, reflexões, observamos que o discurso da APAC se revela de forma recorrente nas falas dos recuperandos, o que já era esperado, pois encontra-se expresso nas paredes do regime fechado várias frases do livro da metodologia da associação (cf. Ottoboni, 2006). Uma frase bem recorrente nos discursos é a de que “todo homem é maior que seu erro” (OTTOBONI, 2006, p. 30). Na narrativa ‘Quem é ele?’ encontramos a seguinte fala: “esse meu amigo errou mas vejo que está se esforçando para mudar de vida e isto é que importa” (N.1). Portanto, há um foco no ser humano, e na possibilidade de se tornar uma pessoa melhor.

Outro aspecto recorrente observado foi o diálogo com o leitor, talvez porque soubessem que os textos seriam publicados no Blog dos Recuperandos e, por isso muitas pessoas teriam acesso a eles. Conclui-se, então, que o blog, de certa forma, condicionou a produção das narrativas.

Os recuperandos viram as oficinas de produção de texto e o blog, como meio de levar suas vozes para a sociedade, ou seja, aquela voz silenciada, aquele corpo aprisionado, o apagamento social, poderia se tornar visível, ouvido e incluído à sociedade. O blog, principalmente, confere visibilidade ao recuperando, o torna visível à sociedade. E, ao dialogarem com o leitor, eles se colocam como sujeitos experientes, pois conseguem enxergar coisas que os homens comuns/livres/não criminosos não são capazes de ver, com isso lhes dão lições de vida e de moral para fazer com que o leitor reflita sobre alguns temas, como o erro, ou seja, eles acreditam que o leitor pode aprender com os erros deles. Além disso, esse diálogo serve também como meio de transformar a forma como a sociedade em geral representa o preso, eles buscam de alguma forma mudar a ideia que as pessoas têm de que “bandido bom é bandido morto”, além de justificar seus atos mostrando-nos a razão pela qual os cometeu. Podemos ainda inferir que os recuperandos viram as oficinas e o blog como uma oportunidade de se mostrarem da forma que desejassem, isto é, construir a identidade que lhes fosse mais conveniente a fim de se mostrarem como parte eficaz do processo de recuperação, logo, dignos de confiança e perdão.

A APAC trata-se de um lugar que busca punir o criminoso, ao tentar recuperá-lo, trata-o com respeito, mas estar ali permite que eles lutem contra a imagem que a

sociedade faz deles, já que a ideia é mostrar que todas as pessoas são recuperáveis, e podem se reinserir na sociedade, por meio, principalmente do processo de profissionalização. Portanto, é um lugar capaz de fazer com que ele encontre um lugar no mundo, na sociedade, seja incluído, ou seja, onde suas palavras, sentimentos e ações façam sentido. Por isso a APAC se diferencia da cadeia comum, já que esta não se preocupa com o 'pós-prisão'. No que diz respeito à recuperação dos recuperandos, observamos que estes, na maioria das narrativas, se comprometem a fazer o possível para se recuperarem.

Ao mesmo tempo, este lugar que os aprisiona também os disciplina, os dociliza, e isso se verifica nos discursos construídos: discurso religioso, discurso da culpa/erro, discurso de autoajuda, do julgamento moral. Porém, não se sabe se de fato os recuperandos produzem aqueles discursos por uma escolha ou porque são afetados pelo discurso da instituição, e estão apenas reproduzindo discursos por conveniência.

As narrativas nos mostram que os crimes não são cometidos apenas por uma necessidade financeira ou em decorrência de dependência química, mas também por prazer, e diante de tal informação o governo pode desenvolver um projeto que dê mais enfoque aos tratamentos psicológicos nas cadeias a fim de compreender, um pouco melhor o porquê da criminalidade.

Por ser um texto de tom memorialístico e reflexivo, as narrativas tornam-se a voz de alguém que quer se fazer ouvir e, por intermédio da pesquisadora, essas vozes foram, de fato, ouvidas, tanto que a pesquisa repercutiu na mídia impressa (jornal) e em sites da internet, fazendo com que muitas pessoas lessem as narrativas e conhecessem a realidade vivida pelos presos. Com isso, levando em consideração que poucas pessoas conhecem a metodologia da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados e, muitas, desconhecem a vida de um preso, este trabalho contribuiu no processo de divulgação e informação a respeito dos mesmos, o que ajudou de forma direta os recuperandos, pois, com a divulgação de seus trabalhos artesanais, através do blog, muitas pessoas se interessaram em comprar, o que gerou lucros para os próprios recuperandos, tendo em vista que o dinheiro obtido através do trabalho fica para eles.

Além disso, ao participarem das oficinas de produção de texto, a pesquisadora fez com que os recuperandos refletissem e discutissem a respeito de diversos temas como família, problemas sociais, a importância de tentar e não desistir no primeiro empecilho que surgir, entre outros. Fez, também, com que eles se comunicassem com pessoas desconhecidas que estão em liberdade, a fim de se sentirem valorizados e veem que algumas pessoas se importam com eles, que eles não estão esquecidos, tal ação foi realizada por meio de cartas nas quais os recuperandos podiam escrever o que quisessem para pessoas sobre as quais eles não sabiam nada, nem idade, nem sexo. As oficinas, em geral, fizeram tão bem a eles que muitos agradeceram, em algumas narrativas, como em: “(...) temos algumas atividade exemplo a sua Luana, que por sinal é ótima, você esta de parabéns”; “E na terça a melhor atividade pra mim nesse 1 ano que aqui estou verdadeiramente a sua pois deicha nois super a vontade e apresente ter sentimento ou seja da valor ao que escrevemos obrigado”; “que deus abençoe todos os voluntarios são pessoas abençoadas como você Luana obrigada por tudo que esta fazendo por nos”; “Você está de parabéns por sua atitude e pode ter certeza que estará ajudando muitas pessoas que não tem perspectivas para um futuro fora daqui”.

A partir do desenvolvimento desta pesquisa acerca da construção de identidade de pessoas presas, espera-se que muitos outros trabalhos envolvendo este grupo de minoria surjam, que esta pesquisa seja fonte de inspiração para novas ideias. Como sugestões para trabalhos futuros, podemos dizer que os recuperandos carecem de trabalhos que envolvam a educação, a escrita, portanto, uma pesquisa que abordasse a leitura ou a produção de contos nas prisões seria interessante e motivador para muitos presos, pois alguns têm o desejo de participar do concurso de contos realizado em Viçosa. É importante inserir a literatura neste meio. Afinal, fazer com que eles reflitam por meio de obras literárias, poemas, músicas, até mesmo imagens, ajuda-os a refletirem sobre si mesmos e com isso, talvez, a se tornarem pessoas melhores. Como diz uma música “a gente muda o mundo na mudança da mente e quando a gente muda, o mundo muda com a gente”.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CEGALLA, Domingos Pachcoal. Dicionário escolar: língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- CELANI, M. A. A. (Org.) **Professores e Formadores em Mudança** - Relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade/ Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 29 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- DINIZ, Maria Helena. **Dicionário Jurídico**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- FABRICIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. IN: MOITA LOPES, L. P. (Org.). Por uma lingüística aplicada indisciplinar. P. 45-63. São Paulo: Parábola, 2006.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**. Londres e Nova York. Ed. Longman. 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. WODAK, Ruth. **Análisis crítico del discurso**. Barcelona: Editorial Gedisa, 1997.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. Londres e Nova York. Ed. Longman. 1989.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 38. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FUZER, Cristiane. CABRAL, Sara. Introdução à GSF em língua portuguesa. 2010. Caderno Didático UFSM.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 7 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Halliday, M. A. K. (1994). *An Introduction to Functional Grammar* (2^a ed.). London: Edward Arnold.

Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. (2004). *An Introduction to Functional Grammar* (3^a ed.). London: Edward Arnold.

JUNIOR, Ronaldo Corrêa Gomes, BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Narrativas e crenças de alunos universitários sobre ensino e aprendizagem de Inglês. In. Gláuks – Linguística Aplicada – Revista de letras e artes/ Universidade Federal de Viçosa: Departamento de Letras. - v. 6, n. 2, Jul./Dez. 2006, Viçosa: UFV; DLA, 2006.

KLOCH, Henrique. MOTTA, Ivan Dias da. **O sistema prisional e os direitos da personalidade do apenado com fins de res(socialização)**. Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2008.

MACHADO, Anna Rachel. **Planejar gêneros acadêmicos**. Anna Rachel Machado (coordenação), Eliane Gouvêa Lousada, Lília Santos Abree-Tardelli. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MAGALHÃES, Izabel. Análisis crítico del discurso e ideología de género em la Constitución brasileira. **Análisis Crítico del Discurso: perspectivas latino-americanas**. FRASIS editores, 2002.

MELO, Iran Ferreira de. Teoria multifuncional do discurso em Halliday e Fairclough. *Revista Prolíngua*, volume 5, número 2, jul/dez de 2010, p. 153 - 168.

MOITA LOPES, L.P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematizações dos construtos que tem orientado a pesquisa. IN: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. p. 85-105. São Paulo, Parábola, 2008.

OTTOBONI, Mário. **Vamos matar o criminoso? Método APAC**. São Paulo: Paulinas, 2006.

PEDRO, Emília Ribeiro. *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. IN: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. p. 85-105. São Paulo, Parábola, 2008.

RESENDE, Viviane de Melo. Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa. Campinas – SP: Pontes, 2011.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, V. Análise de discurso crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Viviane de Melo. Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo: o discurso sobre a infância nas ruas. Dissertação apresentada como parte do Programa de Pós-graduação em Linguística na Universidade de Brasília. Brasília, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sócio-linguística**. São Paulo: Ática, 1985.

VAN DIJK, Teun A. Multidisciplinary CDA: a plea for diversity. *Methods of critical discourse analysis*. SAGE Publications. London, 2001.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos actores sociais. In: PEDRO, Emília. **Análise Crítica do Discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

WODAK, Ruth. What CDA is about – a summary of its history, important concepts and its developments. *Methods of critical discourse analysis*. SAGE Publications. London, 2001.

ANEXOS

ANEXO A - Carta aos Participantes

Carta aos participantes

Viçosa, Março de 2011

Prezado recuperando,

Como parte de minha dissertação de Mestrado, estou conduzindo um estudo sobre o discurso dos recuperandos da APAC. Esta pesquisa tem por objetivo analisar a construção de identidade dos recuperandos em narrativas. Ficarei muito satisfeita se você concordar em participar dessa pesquisa.

Caso você concorde em contribuir com essa pesquisa, sua participação envolverá a escrita de alguns textos/ narrativas. Os dados coletados serão analisados de acordo com os padrões de análise da pesquisa qualitativa e da análise do discurso. Uma cópia ou resumo da análise estará a sua disposição, caso você assim o deseje.

Sua participação nesse estudo é voluntária e você tem a liberdade de desistir a qualquer momento. Entretanto, gostaríamos de poder contar com sua participação. Sua vontade em relação à confidencialidade dos dados e sobre anonimidade serão respeitadas durante o período de coleta de dados e em quaisquer artigos ou relatórios que venham a ser publicados sobre esse projeto e nas publicações no blog dos recuperandos. Nada do que você escrever poderá ser usado para refletir positiva ou negativamente no seu desempenho pessoal na APAC.

Agradecemos antecipadamente pela sua ajuda e cooperação nesse empreendimento. Se você concordar em participar, por favor, assine o termo de consentimento em anexo.

Atenciosamente,

Luana Gerçossimo Oliveira

ANEXO B - Termo de consentimento

Termo de Consentimento

Estou ciente que o objetivo nesta pesquisa é analisar a construção de identidade a partir de narrativas que irei produzir nas oficinas de produção de texto ministradas pela pesquisadora.

Afirmo que minha participação é voluntária e que nenhum tipo de coação foi usado para obter a minha participação.

Estou ciente que posso retirar meu consentimento e encerrar minha participação em qualquer estágio dessa pesquisa.

Afirmo que fui informado dos procedimentos que serão utilizados neste projeto e estou ciente que serei requisitado como sujeito desta pesquisa.

Estou ciente que todas as minhas respostas serão divulgadas de forma anônima. Meu verdadeiro nome não será usado, a não ser que eu prefira e manifeste por escrito essa preferência. Também estou ciente que trechos das narrativas poderão ser usados em relatórios, apresentações e artigos sobre a pesquisa, assim como poderão ser publicados no blog dos recuperandos.

Desejo dar minha contribuição voluntária como participante.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____

ANEXO C - Narrativas

QUEM SOU EU?

Narrativa 1 (N.1):

Um ser humano em “recuperação”

Vo falar um pouco da minha pessoa, começando pela minha infância, sempre fui uma criança difícil, sempre achei que as coisas erradas era o que me dava mais prazer. E o tempo foi passando e de uma infração simpres fui surgindo coisas mais graves e tudo foi só se tornando normal para o caminho que escolhi.

Sempre fui popular onde eu estava e isto me fazia sentir o maioral e cada vez mais me afundava nos meus erros, ate que chego num ponto que larguei os estudos o trabalho e me entreguei por completo na vida do crime. E o prazer só aumentava, uma felicidade nos prazeres do mundo, drogas, mulheres e muito dinheiro e só aumentava, ganhei uma fama tão grande e o orgulho só aumentava, cheio de amigos os bares noturnos, casas de festas a maioria tinha entrada liberada, passe livre para mim e quem estivesse comigo e aquilo me deixava o maioral mais tudo isto era uma ilusão, amigos falsos que só era assim por calsa do meu dinheiro, gastava muito sem miséria, quem esta comigo tinha do bom e do melhor e não gastava nada, alguns por medo da pessoa perigosa que me transformei, outros por calsa do meu nome, e antes eu não via isto, mais hoje vejo que nada disto era real e que na verdade eu só estava me destruindo e destruindo pessoas. Acordei e vi que eu não era ninguém diante da vida que eu levava que o mal que estava em mim tinha que ser destruído, mais para pensar assim tive que sofrer muito, passar por dificuldades, humilhação, fome, frio, sede, cheguei a me sentir abandonado: num lugar triste e muito confuso, atraz das grades como um bicho selvagem que eu era, preso me transformei num detento, um numero, mercadoria do estado de Minas Gerais, sem direito de ir e vir, cade os amigos, de que servia o meu dinheiro e o nome que tinha – “De nada” os amigos sumirão e só resto a minha família, uma esposa que muitas vezes maltratei por calsa de pessoas que não valia nada.

Narrativa 2 (N.2):

Um ilustre desconhecido

Eu sou brasileiro, nativo de Viçosa. Brincalhão, gosto de aprender coisas novas e conhecer lugares novos. Acho que o melhor presente que alguém pode dar ou receber é o livro, pois estimula a mente, aumenta o conhecimento e a cultura, diverte e distrai. Falar de nós mesmos é muito difícil. O autoconhecimento não é uma prática muito comum nos dias de hoje. Talvez por isso o mundo esteja tão maluco assim. Pode ser que a solução para a nossa vida estressante e insana esteja entre nós há mais ou menos 3.000 anos, saídas da boca do Grande filósofo Sócrates “Conheça a Ti mesmo”.

Narrativa 3 (N.3):

Não faça o que eu fiz

Me chamo M.E.S.tenho 40 anos, sou casado, tenho duas filhas, Kately e Karem, que amo muito. Sou de origem pobre, mas sempre trabalhei muito. Mas para querer melhorar minha vida foi tentar assaltar e me dei mal pois tive a curiosidade de conhecer o crack e viquei rápido, por mandado de prisão foi preso a onde me encontro hoje. Na prisão que vem dar valor a minha vida e a respeitar a mim mesmo, por isso que eu digo não faça o que eu fiz.

Narrativa 4 (N.4):

Amando ao próximo amara a Cristo

Viçosa 12 de abril 2010

Olá

Meu nome é Sidney, tenho 24 anos gosto muito de futibou, desde pequeno fui trabalhador, sempre lutei para ter o meu dinheiro.

Só que na vida agente passa por dificuldade é na hora que você mais precisar de um amigo e que a gente fica sabendo que não tem.

Por que eu fui perceber que quando eu fiquei no pior foi que eu percebi que eu não tenho amigo porcauza quando eu estava na rua no bem bom eu tinha amigo mais agora sumil tudo.

Foi ai que fui perceber que o tanto que a família da gente é importante, por que a família da gente esta perto na hora boa e na hora ruim.

E mais a mais eu estou buscando uma melhora de vida, por que fala do zouto e facio e dificio a gente fala da gente e eu estou procurando mais o meu problema do que a do outro.

E isto ai que eu tenho de falar de mim.

Narrativa 5 (N.5):

Viçosa, 12 de abril de 2011

Quem sou eu?

Meu nome é C.A.R. Tenho cinquenta anos, sou filho de S.F.R. e C.A.R., tenho 7 irmãos e sou o mais velho da família. Sou casado tenho quatro filhos, o mais velho tem trinta anos e a mais nova tem quatro. Minha profissão é mecânico, comecei a trabalhar muito novo com a intenção de ajudar os meus pais cuidarem dos meus irmãos mais novos.

Me considero uma pessoa solidária, tenho espírito e dom de liderança, sou muito otimista, acredito muito no amanhã como um dia melhor. Tenho alguns defeitos como: prepotência, mas ao descobrir tenho trabalhado para me tornar uma pessoa melhor.

Gosto de religião, estudo todas que tenho oportunidade de aprender, mas sou católico. Hoje estou privado da liberdade e aproveito o meu tempo para aprender a viver melhor neste mundo que nos oferece mais coisas ruins do que boas.

C.A.R

APAC regime fechado

Narrativa 6 (N.6):

Quem sou

Eu sou D. sou moreno craro tenho vinte e dois anos um metro e cetenta e dois sou uma pessoa alegre sou muito brincalhão gosto muito de Rep gosto de ver televisão não gosto de ler gosto muito de futebol.

Gosto de ajuda as pessoas apesar dos meus erros sou muito solidário fiz muita besteira mais sou muito arrependido tenho um proposito não fase mais coisas errada não quero mais fase minha família sofre quero ser uma nova pessoa e vou consegui porque quem me gia é o Senhor.

Narrativa 7 (N.7):

Tem certeza de que não me conheces?

Um pouco sobre mim...

Sou uma pessoa que: sempre tive minhas escolhas próprias, sou bastante tímido, não tenho muita facilidade para fazer amigos; mas quando faço, levo-a com sinceridade e muita força para que seja eterna.

Adoro cantar, brincar, sorrir, etc. Sou uma pessoa bastante feliz, é muito difícil alguém tirar a alegria que tenho. Posso perder tudo que a vida nos oferece. Se ela me deixar a felicidade, o resto eu recupero com apenas um sorriso.

Sou muito carinhoso, casado, tenho 2 filhas, uma de 3 e outra de 2 anos. Uma fora do casamento. Eu era solteiro quando tive a 1ª. Me casei agora, 26 de fevereiro de 2011, recém casado.

Amo minha esposa; ela tem 19 anos, é linda e somos muito apaixonados. Amo fazer declarações a ela. Tenho 26 anos; estudei até o 1º ano numa escola técnica, no Cefet – Rp. Rio Pomba. Eu cursava zootecnia, mais desanimei, eu me sentia velho no meio dos jovens. Parei de estudar em 2009. Depois de um bom tempo que eu já havia parado, voltei nessa data, mais acabei desanimando.

Morei um bom tempo em Cubatão, S.P., estudei no Castelão no Casqueiro. Mas também não gostei da turma. Eu sou muito calado, eles faziam uma grande bagunça. Hoje estou preso; luto pela minha recuperação, faço cursos por correspondências, sou muito feliz.

Meu nome é V.G.C.

Narrativa 8 (N.8):

Minha vida hoje

Há quanto tempo não dedico um tempo para refletir sobre minha vida. Tento resolver sozinho meus problemas e, na maioria das vezes, não consigo! Sinto-me perdido no meio de tantas situações que me fazem sofrer. Eu sei que grande parte do sofrimento que carrego hoje aqui dentro de mim é consequência destas “feridas” abertas, que sangram constantemente em meu coração.

Estou aqui para pedir a cura de todo esse sofrimento. A Jesus tudo é possível, pois o Senhor é o Deus do impossível. Sinceramente, estou numa situação tal que não tenho mais forças para prosseguir vivendo desse jeito.

A tristeza, a depressão, o medo, a desconfiança, o desespero e a angústia têm sido a minha companhia longe do seu amor.

Preciso ter paz... Quero ter a Alegria que não passa com o tempo, a Fé que não se abala com nada e a esperança daquele que sabe em quem depositou sua vida.

Preciso urgentemente redescobrir o verdadeiro sentido da minha vida, que tantas vezes desprezei, porque não consigo enxergar para ela um futuro, uma luz, uma solução...

Preciso do seu ombro amigo agora para chorar. Quantos disseram ser meus amigos, mas na hora que precisei de alguém ao meu lado só encontrei decepção. Sei que seu amor não é assim, pois sinto isso do fundo do meu coração.

Por isso digo: vamos juntos nos apoiar nas correntes que nos ligam a um passado cheio de momentos felizes e de amor. Vamos abrir nossos olhos e corações para o momento presente, para traçarmos um futuro digno de nosso amor que tanto merecemos. Somente assim poderemos ser realmente felizes.

N. (APAC de Viçosa)

QUEM É ELE?

Narrativa 1 (N.1):

O meu companheiro

Geralmente é difícil falar de nós mesmos, mas dos outros é fácil, pois não estamos em sua pele nem passamos pelos problemas que ele passou ou está passando.

Bem, esse meu companheiro, eu conheço a mais tempo, é o pai de um amigo meu. Talvez seja por isso que eu não o veja como a população o vê: um bandido. Antes de ser bandido, ele é um ser humano, um pai de família, um amigo, um irmão, um filho, enfim, uma pessoa como tantas outras.

Ele errou, erros que eu não teria coragem de cometer, mas quem nunca cometeu erros que outros jamais cometeriam. Muitos destes erros cometemos sem testemunhas. É cada um e Deus. Isto nos dá uma falsa ideia de que não erramos ou que nossos erros são pequenos comparados aos dos outros. Um exemplo disto é quando falamos mal de um político porque ele é corrupto e roubou dinheiro público, mas se um coitado de um caixa de supermercado nos dá um troco a mais, ficamos quietos e “ROUBAMOS” aquele dinheiro que o caixa mais tarde terá que pagar.

Esse meu amigo errou mas vejo que está se esforçando para mudar de vida e isto é que importa. Vejo tentativas, quedas, novas tentativas e com isto ele vai caminhando.

Com tudo isso fica uma pergunta: “Por que esse preconceito com os que foram pegos errando e não com os nossos que nunca se tornaram conhecidos?” Pensemos nisto e o mundo será melhor.

Narrativa 2 (N.2):

Vamos lá! Falar do meu companheiro de APAC J.R.

J.R. como qualquer pessoa, tem qualidades e defeitos.

Acho ele uma pessoa de bom coração, solidário diante de muitas situações. Valoriza muito a sua família, gosta de crianças e também gosta de agradar sempre as famílias de quem dele convive, dando bombons, presentinhos, etc. i vejo que faz tudo isso, sem interesse algum.

Tem boas idéias e é inteligente, mas ao mesmo tempo deixa de lutar pelos ideais por pouca coisa. Na vida nada é fácil, e ele desiste fácil, basta encontrar uma pedrinha no caminho, que ele desiste e começa esbravejar, se irrita come muito, o que pode, e o que não pode e acaba afetando até a própria saúde. Nunca vi pessoa

mais ansiosa, isto tem prejudicado muito. Se tem uma coisa que temos que ter muito! Chama-se paciência! Mas a dele é pouquíssima.

Mas finalizando eu encontro muitas qualidades no companheiro apesar de tudo.

Narrativa 3 (N.3):

Hoje eu vou falar um pouco do meu amigo V.

V. é uma pessoa que eu vim conhecer na cadeia. O pouco que eu tenho convivido com ele dá pra ver que ele é uma pessoa humilde, brincalhão e trabalhador.

O V. tem uma coisa que eu admiro que é a história de vida dele. Que já passou por muita dificuldade quando ele era pequeno, mas nunca desistiu da vida.

Narrativa 4 (N.4):

Conheci o E. aqui na apac.

Não sei nada sobre sua vida lá fora. O que também não me importo.

O que sei dele é o que vivemos aqui no dia-a-dia.

Ele é uma pessoa que eu tenho uma “certa confiança”, é educado, muito calmo, sabe conversar e muito criativo.

Tem seus defeitos, como eu também tenho os meus, mas pra mim o defeito é apenas uma certa inveja que muitos tem do outro. Ou seja as pessoas tentam mostrar pra outras o defeito de alguém, pra que elas não vejam as qualidades. Tem inveja da qualidade da outra para que esta qualidade não seja descoberta, critica a pessoa.

Como dizem o ditado. A primeira impressão é a que fica. Como sabe se alguém sabe de um defeito teu jamais vai lhe dar crédito fácil. Por isso que eu busco olhar somente as qualidades da pessoa, os defeitos não me importo, pois sei que eles só vão me trazer problema, sei que defeitos todos nós temos, assim como as qualidades, pra que se preocupar com eles, se sei que elogiar, agradecer, unir-se e ser amigo é melhor. Nesse tempo de convivência que tive com o E., vi que as qualidades dele é superior aos seus defeitos. Lembre-se: só vemos aquilo que queremos. Pra mim todos nós temos vários defeitos, mais o pior, é falar do próximo.

Do momento que falamos do próximo, somos pior que ele.

Pense nisso...

Narrativa 5 (N.5):

Como falar do outro

Eu M. falar de J. as vezes e complicado, porem, dizer algo do outro e difícil, eu acho que ele e uma pessoa importante para o grupo, tem seu pensamento de mudança e quer realmente mudar, e essa a impressão que ele passa para mim gosta de rep e fank e umilde e esta pronto sempre para ajudar. As vezes e nervoso mas sempre calado na dele. Quando ele fica nervoso ele fica vermelho e é rancoroso, guarda magua muito fácil. Já tive problemas com ele mais já foi resolvido. Graças a Deus. E o nosso cozinheiro eesta para ganhar progrecção de regime e Agosto, esta meio ancioso, porém de bom humor, todos no grupo gosta dele por ser humilde e isto que eu tenho a falar de J.

Narrativa 6 (N.6):

Bem irei falar um pouco da pessoa do N. O N. é um rapaz bom, um ser humano como qualquer outro que esta sempre em evolução, um cara de mente aberta, que escuta sempre o que agente fala, muito prestativo, inteligente, trabalhador, um camarada que eu conheço desde nosso tempo de infância, por isto eu sou suspeito em falar dele, eu gosto do N., um cara amigo, companheiro, sincero, um pouco crítico, mas sempre olhando para o lado do bem, vizinho bom, um rapaz que não guarda reserva, esta sempre jogando para fora o que pensa e acha, é bom ser assim honesto, é um rapaz que esta ai pronto para ajudar. Em fim este é o N. na minha visão de hoje.

Narrativa 7 (N.7):

O D. é semelhante a um irmão mais novo que o mais velho não quer ele por perto e ele sempre está ali se espelhando envolvendo nos assuntos em fim é legal é um irmão mais novo que eu não tive.

Por outro lado é trabalhador, amigo, prestativo, na nossa gíria mil gram pode ser uma boa amizade eu acredito nisso.

Narrativa 8 (N.8):

S. é um cara legal é um cara trabalhado tem boa vontade com as coisas da casa. Tem hora que ele é muito injuado ele é muito bicicréta esse é o defeito dele. Mais ele tem uma qualidade muito boa que é ajuda as pessoa ele é um bom cara ele tabem é muito apegado a família eu vejo isto nele. Vejo que ele tem um amo muito grande por sua mãe.

TRAJETÓRIA

Narrativa 1 (N.1):

A trajetória da vida

A minha vida é um pouco complicada sai da escola muito cedo e depoeis comesei a usar drogas, bebidas saia pra festa ficava fora de casa ao passar do tempo comesei a vender drogas, e mais tarde veio prisão parei algum tempo na prisão comum lá é muito umilhação pra gente e mais ainda para família. hoje graças a deus e as pessoas aqui da apac cumpro a pena com diguinidade minha família é tratada com respeito é isso.

Narrativa 2 (N.2):

A minha vida tem muitas historias que se fôr falar delas todas da para fazer um livro de mais de 2 mil paginas. Porém vou escrever um pouco dela. Á começar pelos meus serviços, trabalho em obras sou pedreiro, bombeiro hidráulico, carpinteiro de fôrma, armador e faço serviço de manutenção elétrica. Gosto da minha profissão porque quanto mais aprendo mais vontade de aprender eu tenho, porém hoje vivo uma vida de apacano, mas mesmo assim não desisti de minha liberdade, e conseguir o que eu sonho daqui para frente. O meu objetivo e ser eletricista ensolador, mas no momento está um bocado difícil, pela falta de comunicação. Espero sair desta e continuar os meus planos de vida com a minha família se possível fôr. No mais espero que Deus me dê todos as forças de que preciso para conseguir o meu tão esperado plano. No momento estou passando uma vida cheia

de trancos e barracos, mas espero em breve terminar esta dura batalha, com a força do poder superior que é o meu senhor Jesus Cristo.

Narrativa 3 (N.3):

Então minha história é assim tenho 27 anos casado 2 filhos estou aqui na instituição a 1 mês meu crime é 157 ou seja assalto, sou de uma família de classe média onde meu pai é locutor minha mãe professora, sou casado basicamente a 14 anos tempo em que conheci minha esposa mas no papel mesmo somos casados pouco mais de 3 meses, entrei pra vida do crime quando tinha 19 anos. Período em que minha vida teve vários altos e baixo por vez na rua tranquilão na atividade por outra atrás das grades em um presídio, entrei na vida do crime por puro prazer porque nunca tive a necessidade de tamanha ignorância pois fui um menino que tudo que estava em alcance meus pais me dava como por ex: videogames, dinheiro, etc tudo que era de alcance deles, em minha adolescência conheci algumas pessoa que não me fizeram tão bem ou sei lá minha companhia não fez a estas pessoas tão bem, faz 4 anos que fui preso pela primeira vez fiquei 4 anos no crime sem se quer se revistado por policia na rua como se diz passando despercebido, mas quando fui preso fiquei 1 ano e dois meses na tranca me parecia que estava a 100 anos tamanho sofrimento que passei mas por um lado sirviu de lição pois já se passaram 3 anos que sair dessa primeira vez e fiquei até o dia de hoje sem cometer crime hoje me encontro nessa situação pelo fato de um recurso que estava sendo jugado no qual voltou confirmando a condenação mas esse crime foi antes mesmo de eu ter sido preso pela primeira vez, hoje apesar de eu me encontra nesta situação sinto que sou uma nova pessoa sinto que a 3 anos matei o criminoso que havia dentro de mim por isso mesmo estando aqui privado de minha liberdade sou um homem realizado e feliz por saber que aqui estou me fortalecendo para dar continuidade a minha recuperação no mundão.

Enfim minha vida não se resume só nisso mas espero ter passado um pouco da minha história de vida. Obrigado!

Narrativa 4 (N.4):

Onde tudo começou

Eu sempre fui, uma pessoa calada, sorridente, brincalhona, educado, etc.

Ser calado, pra mim era bom, assim, escutava melhor as pessoas, os conselhos e outros.

Eu era muito tímido, por isso era calado, para mim, isso era uma grande qualidade. O silêncio...

Sorridente, minha vida toda até hoje, é só sorrir, adoro dar altas gargalhadas, sorrisos encantadores. Vejo o sorriso, como algo mais belo que alguém pode ter, em qualquer situação. Basta que você consiga expressá-lo.

Através do sorriso, você vê no próximo, a felicidade, o carinho, tudo que ela sente naquele momento, podemos observar através do sorriso. ou seja, cuidado com ele, pois ele te entrega por inteiro, o sorriso, desperta curiosidade, no outro...

Brincalhão, sou muito brincalhão, mas sei a hora de brincar, consigo brincar da minha própria desgraça, as vezes.

Já a educação, aprendi tanto na escola, quanto na experiência do dia dia em casa. E também nos momentos que eu só ficava calado escutando o mundo. Ser educado é tudo, que devemos aprender. O resto, vai depender da própria educação...

Sou feliz, mesmo nos problemas pois, a felicidade é tudo que precisamos, para estar bem todos os dias, mesmos nos problemas.

Eu me considero, feliz, tenho meus problemas, Érrro como todos, luto por ser melhor. Amo as cores, paisagens, gosto de desenhar casas, paisagens, etc.

Passo o dia sorrindo, me ajuda a superar várias coisas. gosto muito de músicas sertanejas, forró, músicas sertanejas, românticas...

Adoro futebol, animais, plantas, e outros, sou quem sou e me orgulho de ser.

A você, não desanime das coisas, todos nós somos capazes.

Sorria, o sorriso traz a elegância de qualquer um.

Lembre-se, o sorriso deixa qualquer um bonito, elegante, educado, simpático, feliz, e melhor, teu sorriso tem poder de encantar qualquer um. Basta você sorrir.

Narrativa 5 (N.5):

Como não é segredo. Sabemos que, tudo na vida, pode ter mudanças. Tanto para melhora, quanto pra pior. A mudança em nossa vida, depende de cada um de nós.

Devemos ter, toda a confiança sobre esse propósito. Se eu posso, basta eu querer...

Eu não tenho que me fantasiar, dizendo que já me recuperei: tenho um ano, que cheguei à instituição, aprende e guardo para mim, muitas lições. Busco minha recuperação, não pelo tempo que tenho até hoje, nem pelo que ainda tenho que ficar, que são mais sete anos. Busco minha recuperação, no dia-a-dia. Sei que hoje, não fiz o que fazia a dois anos atrás, que hoje, além da minha família e das vítimas que prejudiquei, ninguém mais chora, sofre por causa das minhas atrocidades. Eu me sinto bem em saber que hoje não faço isso, porque eu busco não fazer mais.

Porque se não é a força que tenho da família, da instituição e da minha própria vontade de melhorar minha convivência com a sociedade em geral.

Hoje eu poderia estar em qualquer outro tipo de prisão, ou até mesmo nas ruas, cometendo os mesmos atos, matando, roubando e traficando.

Já cheguei a comemorar, varias vezes, de quando eu saia, ilêso dos fragantes em delegacias, das vezes que cai.

Cascoei muito da lei. Eu sabia que eu devia muito a justiça, mas nada provava a meu respeito. Como todos tem sua sina. A hora ia chegar. Agradeço a Deus, por ter chegado e com a chegada também uma grande oportunidade de uma vida melhor. Hoje posso dizer que buscar uma melhora de vida é bom, mas muito difícil. Tem que ter calma, e saber controlar seus desejos. Se não tudo volto como antes, a recuperação e uma etapa de aprendizado, que não acaba nunca. Apesar de tudo, eu sempre fui feliz, fiz o que fiz, por fama, não precisava. Limites todos temos, até hoje não cheguei no meu. Já sofri bastante, o que me levou a lutar contra o sofrimento, foi a minha alegria, felicidade de estar vivo e esperança de ser melhor, pois sei que Deus olha por mim.

Agradeço pela atenção e que pensa na mudança, ela acontece, basta querer, pois poder, você pode...

Sou recuperando da Apac de Viçosa. Pra mim, a felicidade é tudo.

O amor é eterno, a paixão é sofrer a tóua, não compensa.

ANEXO D - Repercussão da Pesquisa e do Blog

Site de Notícias da UFV

https://phpsistemas.cpd.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=14623&link=portal

▶ Notícias

30/06/2011 - Pesquisa na UFV dá voz aos recuperandos da APAC Viçosa

Permitir àqueles que são julgados pela sociedade manifestarem o seu próprio ponto de vista. É isso que a pesquisa da estudante de Mestrado em Letras da UFV, Luana Gerçossimo Oliveira, tendo a orientação da professora do Programa de Pós-Graduação em Letras, Maria Carmen Aires Gomes, possibilitou aos recuperandos da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC), em Viçosa.

Tudo começou em março deste ano, quando a mestranda passou a realizar trabalho voluntário oferecendo oficinas de produção de textos aos recuperandos do regime fechado da entidade. O objetivo do trabalho era, inicialmente, coletar os discursos dos recuperandos para analisar como são construídas as identidades dos mesmos.

Mas o envolvimento com tais discursos e a percepção da falta de visibilidade dos mesmos fizeram com que Luana tivesse a ideia de compartilhar parte dos textos produzidos nas oficinas. Assim, surgiu o Blog dos Recuperandos como forma de dar voz àqueles que não a tem ou que são silenciados. “Ao contrário do que muitos podem pensar, os recuperandos têm muito a dizer e a sociedade tem muito a conhecer sobre este "outro mundo", este olhar diferente. Grande parte da sociedade não sabe quem são, o que fazem, nem mesmo se, de fato, se recuperam após a passagem pela APAC. Portanto, ler os textos dos recuperandos no blog permite que

as pessoas possam pelo menos tentar compreender o outro lado de um problema social”, afirma a estudante.

A iniciativa deu certo e de acordo com Luana, o blog já ultrapassou 1.000 acessos. Tal visibilidade repercute na motivação dos recuperandos que falam sobre diversos temas em seus textos. Marco Fontes é um dos recuperandos que se sentem estimulados com a oportunidade de expor o seu ponto de vista no blog. “O trabalho da Luana é algo que ninguém tinha feito. A partir dele nossas redações são divulgadas e precisamos de mais oportunidades como essas para as pessoas nos conhecerem”. Ressalta o recuperando que ainda indica a necessidade de mais parcerias com empresas e projetos que proporcionem o desenvolvimento da capacitação e ensino na APAC. “Cada pessoa recuperada é um criminoso a menos lá fora. Queremos mudar de vida, mas precisamos de oportunidade”.

Para os interessados em conhecer o universo dos recuperandos da APAC, o endereço eletrônico do blog é <http://blogdosrecuperandos.blogspot.com>

Sobre a APAC Viçosa

A APAC é definida pelos recuperandos a partir do emblema "Amando ao Próximo Amarás a Cristo". A entidade sem fins lucrativos trabalha para a recuperação dos condenados a partir de três pilares: proteger a sociedade, socorrer às vítimas e promover a justiça. Busca-se alcançar tais objetivos por meio de uma metodologia própria, baseada na valorização do recuperando a partir do trabalho, da religião e do estabelecimento de normas disciplinares.

Na entidade, as tarefas são divididas entre os próprios recuperandos e a cada três dias de trabalho há remissão de um dia na pena dos reclusos. Os trabalhos executados vão desde a organização das celas até a produção de alimentos e artesanatos.

Segundo o encarregado jurídico da APAC e estudante do 5º período de Direito na UFV, Thuan Carvalho, parte dos próprios condenados o desejo de ir para a entidade

e a filosofia do instituto é: “matar o criminoso e salvar o homem, possibilitando que os recuperandos ao sair do local sejam úteis para a sociedade”.

O recuperando Marcos Emílio Silveira, que está na APAC há 1 ano e 8 meses, resume o fundamento de entidade: “a APAC não recupera ninguém, ela nos proporciona a mudança de vida, mas a recuperação deve partir de nós mesmos. Ela só nos dá as ferramentas e temos que trabalhar de acordo com os nossos propósitos.”

A APAC Viçosa que, atualmente, atende a 15 condenados em regime fechado, fica localizada na rua Doutor Brito, n^o 380. O telefone de contato da entidade é 3892-9548.

(Por Sabrina Areias)



A estudante Luana Gerçossimo durante uma das oficinas na APAC



Marco Fontes



Marcos Emilio Silveira



Parte dos artesanatos feitos pelos recuperandos



Jornal Hoje Em Dia

<http://www. hojeemdia.com.br/minas/internet-da-voz-a-presidiarios-de-vicosa-1.308998>

Internet dá 'voz' a presidiários de Viçosa

Estudante cria blog para postar textos escritos por internos da Apac, e página virtual acumula mais de 1.500 acessos

Ricardo Beghini - Do Hoje em Dia - 12/07/2011 - 20:29

EDITORIA DE ARTE/HOJE EM DIA



Angústia, arrependimento, conquista e esperança são alguns dos sentimentos expressados, na internet, pelos detentos da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (Apac) de Viçosa. Desde março, eles contam com um blog, criado e administrado pela estudante do mestrado em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV) Luana Gerçossimo Oliveira. A ferramenta virtual, que contém textos redigidos exclusivamente pelos recuperandos da associação, já recebeu mais de 1.500 visitas.

A ideia, que Luana suspeita ser pioneira no país, veio à tona quando ela atuava voluntariamente na instituição. A proposta inicial era oferecer, semanalmente, uma oficina de produção de textos para os presos a partir de temas variados. As redações

seriam usadas somente na dissertação de mestrado de Luana, que vai abordar a formação de identidades dos internos da Apac. “Separei algumas para a pesquisa. As outras foram postadas no blog”, diz.

A estudante afirma que se surpreende com a qualidade dos textos. Até agora, cerca de 50 foram postados. “São interessantes e trazem uma rica visão de mundo”, revela. Além de ler, os internautas podem comentar as produções.

Embora a oficina esteja concluída, Luana, que mora em Mariana, na Região Central do Estado, vai continuar inserindo as redações dos detentos na rede mundial de computadores – os textos serão entregues a ela pela direção da unidade. Os recuperandos, em regime fechado, não podem ter acesso à internet, mas visualizaram o blog por meio de um notebook levado pela estudante.

Um dos objetivos é desmistificar a figura dos detentos da Apac. “Muitas vezes as pessoas têm uma imagem equivocada do que acontece lá. Eles são muito receptivos e respeitosos”, diz a estudante.

De imediato, os recuperandos romperam preconceitos na própria maneira de escrever os textos. E, em geral, apresentaram as ideias de forma clara e objetiva. Trajetória pessoal, rotina na Apac, momentos marcantes na instituição e até arrependimentos foram temas abordados.

“As redações demonstram que eles passaram a valorizar mais a família e a liberdade perdida”, revela Luana. Atendendo a pedidos dos próprios internos, os nomes dos autores não são revelados no blog. A solução para alguns é usar pseudônimo.

“A maioria das pessoas enxerga o preso como um animal feroz. Mas agora temos a chance de contar nossas histórias pelos textos”, diz um dos detentos, que prefere preservar a identidade. Condenado a 30 anos, com apenas dois cumpridos, ele lembra que a iniciativa é um estímulo para ler e escrever. “Temos sonhos, metas e pensamentos num futuro melhor, mas não costumamos colocar as ideias no papel”.

Estagiário na Apac, o estudante de Direito da UFV Thuan Carvalho é quem fará a ligação entre a unidade e a estudante de Letras. Ele é testemunha dos benefícios da iniciativa junto aos internos. “É preciso entender um pouco o que está se passando com eles”, diz.

A Apac de Viçosa tem 29 recuperandos. Entre os critérios para ingresso na entidade estão ter família na comarca e uma quantidade mínima de pena a cumprir em regime fechado. Hoje, existem 31 Apacs efetivamente funcionando no país, sendo 29 em Minas. A principal proposta é promover a humanização das prisões, sem perder de vista a punição, mas garantindo alternativas para a ressocialização dos detentos.

Observação: Esta notícia também foi divulgada no jornal impresso, no dia 13/07/11.

Blog da APAC Viçosa

<http://apacvicosa.blogspot.com/2011/07/repercussao-de-trabalho-voluntario-na.html>

QUINTA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 2011

Repercussão de Trabalho Voluntário na APAC

A iniciativa de uma das voluntárias da APAC de Viçosa, Luana Gerçossimo Oliveira, estudante de Mestrado em Letras pela UFV, vem tendo esplendorosa repercussão na cidade de Viçosa.

O trabalho desenvolvido partiu da ideia de trabalhar a produção de textos com os recuperandos do regime fechado da APAC, e resultou na criação do BLOG dos RECUPERANDOS, onde a voluntária posta semanalmente os textos escritos pelos mesmos.

A ideia é, além de original, extremamente interessante, no sentido em que possibilita aos recuperandos expressar suas angústias e sentimentos, ao mesmo tempo em que possibilita à sociedade conhecer um pouco mais do que se passa dentro das celas, eliminando paulatinamente o preconceito que existe em relação a quem comete um crime.

A APAC vem então, por meio desta postagem, agradecer à voluntária Luana Gerçossimo pela iniciativa, a fim de que, caminhando sempre juntos, não nos afastaremos da ideia de que um coração disposto a ajudar há de se propagar pelos anos, e jamais parará de bater.

LINKS:

- Divulgação do trabalho no site da ufv:

https://phpsistemas.cpd.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=14623&link=portal

- Divulgação do trabalho no jornal HOJE EM DIA, edição de 13/07/2011:

<http://www.hojeemdia.com.br/minas/internet-da-voz-a-presidiarios-de-vicosa-1.308998>

- Blog dos recuperandos do regime fechado da APAC:

<http://blogdosrecuperandos.blogspot.com/>

Por Thuan Bigonha de Carvalho

Encarregado Jurídico da APAC

Observação: A repercussão também foi divulgada no Blog da Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (FBAC).